3 1761 04251 1477

BULHÃO PATO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

MEMORIAS

SCENAS DE INFANCIA E HOMENS DE LETTRAS

TOMO I

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1894

5-10-1918

MEMORIAS

I

BULHÃO PATO

MEMORIAS

SCENAS DE INFANCIA E HOMENS DE LETTRAS

TOMO I

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1894

PQ
9261
B8Z52
t.1

LIBRARY
FEB 29 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

INDICE

O chale de Maria Salomé..... 1
O coronel fusilado—Um patricio..... 19
A merenda de ginjas..... 31
O cabeça á banda..... 43
Annaya..... 51
Augusto Emilio Zaluar..... 63
José Maria d'Anchieta..... 75
Quinta feira da Ascensão de 1846.—Antonio da Cunha Sotto-Maior..... 85
Os academicos no café Martinho..... 95
A corrida de toiros no Campo Grande..... 109
A Quinta da Rabicha—João de Aboim..... 119
O Marrare de Polimento.—Passos Manuel..... 131
A primeira visita ao Valle de Santarem..... 149
A cruz mutilada..... 163
A casa da Ajuda de 1847 a 1851—Alexandre Herculano e os ultramontanos..... 179

– Garrett.— *As folhas caídas* 201
– Valle de Lobos..... 225
– Treze á mesa 241
– Os ultimos dias de Alexandre Herculano..... 251
– Uma carta de Gonçalves Crespo 276
– Antonio Gonçalves Crespo 277
– Anthero do Quental..... 293

O CHALE DE MARIA SALOMÉ

A

ZACHARIAS D'AÇA

AO SEU TALENTO, Á SUA HONRADEZ
AO SEU CORAÇÃO

O CHALE DE MARIA SALOMÉ

Recordações d'infancia!... São gratas, principalmente ao declinar da vida! No inverno, lembrarmo-nos do bom sol dos dias germinativos da primavera, anima-nos e aquece-nos!

Nasci nas Provincias Vascongadas, na cidade de Bilbau. Uma bella Provincia, e uma heroica cidade—a cidade de Diogo Lopes de Haro, e que foi tão varonil na edade média, como intrepida para resistir aos assaltos da França, nos fins do seculo passado e principios d'este; que supportou com heroica perseve-

rança, em 1835 e 1836, os repetidos cercos, e ainda, ha sete annos, repelliu as arremettidas tigrinas dos servos de Deus, e vassalos de D. Carlos de Bourbon — o honrado e magnanimo!

Fui creado em Deusto, muito proximo de Bilbau e a quatro leguas das Encartaciones, onde nasceu Antonio de Trueba, o insigne cancionista. Muitas vezes estive com meu pae nas Encartaciones. Sabe Deus, se na minha infancia, debaixo dos arvoredos d'aquelle valle fertilissimo, não assaltei os ninhos, e apedrejei as nogueiras e os castanheiros, em fraterna vagabundagem com o auctor das *Mães,* da *Nodoa da amora* e de tantos primores d'arte, que andam traduzidos nas principaes linguas da Europa!

Pode ser. Eu era a peste dos ninhos, e Trueba, apesar do seu amantissimo coração, é provavel que tambem o fosse. Oh! as creanças— os innocentes crueis!—disse Victor Hugo.

Quando nasci, meu pae ajustou uma robusta camponeza de Guernica para ser minha ama

de leite. Maria Salomé tinha vinte annos, ao entrar em nossa casa[1].

Essa rapariga era filha d'aquellas bravias montanhas. Bailara e cantara á sombra das arvores do seu burgo—a terra dos *fueros!*

Era de mediana estatura e morena.

Tinha uma massa de cabellos tal que, ao sacudil-os, cobriam-lhe densamente os hombros e os peitos, e quando, com impeto e esforço, os agarrava d'ambas as mãos, deitando-os para traz por um elegante movimento de cabeça, feito no mesmo sentido, saltavam-lhe em ondas até ao artelho! Os olhos castanhos, transparentes, vivissimos, admiraveis!

Tive o seu retrato, que, infelizmente, um acaso destruiu, ha tres annos, n'uma mal agoirada mudança. Era em papel, e feito por Augusto de Belvedere, um portuguez emigra-

---

[1] Meu pae e minha mãe eram portuguezes, como eu me préso de o ser. V. nota *A*.

do, que se hospedou muitos mezes em nossa casa[1].

Para nos deixar uma lembrança e recordação grata, retratou a meu pae, minha mãe, minha irmã e a mim, que tinha pouco mais de cinco annos.

Este moço pintor, que não alcançou um nome distincto na arte, tinha rara habilidade para apanhar semelhanças. Os retratos que tirou são como photographias.

Belvedere!?... O seu appellido foi para nós sempre um mysterio! Tinha emigrado de Lisboa, depois dos acontecimentos de 1833.

Era realista. Meu pae não o interrogou nunca sobre a sua procedencia; para meu pae tinha a mais respeitavel de todas—ser intelligente, pobre, expatriado, infeliz.

O nosso distincto pintor Marciano Henriques da Silva disse-me que o havia conhecido em

---

[1] V. nota *A*.

Italia, velho já, porém são e vigoroso, usando do mesmo nome — Augusto de Belvedere — e sendo um restaurador de merito.

*
* *

A *villa* onde viviamos, em Deusto, era uma casa antiga. Ficava dentro de uma grande quinta, que se estendia até á beira da ria, d'aquella famosa ria onde se pescavam as *angulas,*— desconhecidas em toda a outra parte, que eu tenha noticia,— uma especie de enguias muito delgadas, d'um sabor exquisito, finissimo. Iam, n'esse tempo, para Madrid em neve; hoje irão facilmente pelo caminho de ferro.

Ás tardes, nos domingos e dias festivos, havia tamboril e baile na praça da povoação, em frente da egreja. N'esses dias tudo corria á festa: creanças, raparigas, rapazes, mulheres e homens casados. Um delirio!

Havia, além do tamboril, o jogo da pella, e o da barra, exercicios violentissimos.

Que alegria de gente, que salubridade e vigor de povo!

As raparigas com as duas tranças, longas, atadas nas extremidades com laços de fitas de côres variadas e fortes; na cabeça uma flor do campo. A saia curta, a perna redonda, os jarretes finos, mas de ferro, como os seus montes nativos.

A voz, extensa e afinada, gorgeando os *zorzigos*, que correspondem ás *malagueñas* e *playeras* dos andaluzes. A pandeireta revoluteando nos ares.

As senhoras de *sangre azul* dançavam com o primeiro camponez, que viesse tiral-as. Recusar seria caso inaudito e estrepitoso. Estavamos na terra dos *fueros*. D'aquelle sangue não saía o carrasco. O soberbo e sombrio Fernando VII entrou — a pé — nas ruas de Bilbau!

Eu, é que era um flagello, um verdadeiro demonio para Maria Salomé, a minha ama,

n'essas tardes ruidosas e festivaes. A ella, em ouvindo o tamboril, dava-lhe a vertigem da dança e do canto.

Que linda rapariga, e como os *cortejos* abundavam! Salomé era folgasã e alegre. Os alegres quasi sempre são bons. Em a vendo enlaçada ao seu par, requebrando voluptuosamente o corpo e os braços nos meneios d'aquella dança, davam-me uns impetos de furor desproposito. De uma vez saltei a ella, marinhando como um gato assanhado, arranquei-lhe o lenço de seda de côres brilhantes, que punha na cabeça,—na fórma do mais gracioso toucado,—e lavrei-lhe a cara com as unhas!

Depois desatei n'um chôro apaixonado.

Eram ciumes.

As creanças teem d'isto!

Maria Salomé, vendo-me lavado n'aquelles prantos tão doloridos, esqueceu as unhadas, o tamboril, o baile, os *zorzigos* e os *cortejos,* abraçando-se em mim, animando-me com maternaes caricias, e tambem debulhada em sinceras la-

grimas. Coitada! Queria-me tanto como á filha, que tinha mais um anno do que eu, e estava em Guernica com a avó e o tio.

Maria Salomé era viuva.

Os meus arrebatados e dolorosos ciumes por causa do baile, ai de mim! deviam ser os ultimos!

N'aquella mesma semana tornou a picar a guerra civil pelos montes circumvisinhos.

A pella e a barra cessaram; o tamboril e os cantos emmudeceram. Fez-se um silencio sinistro na povoação, no caseiro, nos filhos; silencio cortado de sobresaltos de vigias, de perguntas anciosas ás *pasiegas,* que desciam das montanhas, sobraçando um filho aos peitos, e trazendo ás costas um enorme cesto, carregado de pães de preciosa manteiga fresca, embrulhada em fétos aromaticos, manteiga que vinham vender á cidade.

Estas montanhezas são de uma força e energia admiraveis.

A calada e sombria solidão da nossa casa,

da habitação do caseiro, dos aldeães da quinta, e dos casaes proximos, era apenas interrompida, quando me davam folga, por mim e pelos meus companheiros, que, presentindo a guerra, eu com uma espada flamante, que, se não era de Toledo, era de Flandres, os outros com lanças de canna e cavallos de pau, divididos em *facciosos* e *christinos,* rompiamos á carga, suando, barafustando, entre gritos e risadas crystalinas.

Prologo pueril e folgasão d'uma grande tragedia!

*

* *

Currito, irmão de Maria Salomé, era *faccioso* (carlista), fanatico pelos seus fóros, prompto a morrer com enthusiasmo, comtanto que ao cair beijasse o solo da patria.

A guerra em todos os tempos, nas Vascongadas, tem tido o ardor inspirado das luctas religiosas. É um povo ingenuo, vivo, sadio e

robusto, audacissimo na peleja, e perdidamente namorado do seu paiz. Dão-se frequentes casos de nostalgia, sobretudo nas gentes do campo, quando deixam as suas montanhas e são obrigados a viver em terra estrangeira.

Currito pegara em armas como voluntario, e alistara-se nas fileiras carlistas. Prisioneiro seria passado pelas armas immediatamente.

Cabrera, a quem haviam fusilado a mãe, que adorava, deixou a batina de seminarista, tornando-se vingativo e pavoroso como Sylla.

As matanças do intelligente e audaz caudilho eram dignas da alma de Nero!

Seguiram-se-lhe por parte dos *christinos* (ou *negros*)—os liberaes—represalias terriveis.

Os biscainhos só tinham como rivaes no animo os bravissimos navarros.

Todo o povo das cercanias da cidade era *carlista*.

As execuções entre Bilbau e Deusto davam-se n'um sitio chamado o Sete, onde a estrada, dilatando-se, formava um pequeno largo.

Essas execuções succediam-se a todo o instante. Quantas vezes, ouvindo uma descarga, eu vi minha mãe fazer-se branca como uma defuncta; depois, com os olhos empanados de lagrimas, persignar-se, e resar!

Era um arcabuzado!

Á gente que vinha da Cidade, e que assistira ao espectaculo, perguntavam os curiosos, chegando-se ás portas:

—*Morió de pechos, ó de espaldas?*

Quando respondiam:

—*De pechos, de pechos!*

—*Muy bien, muy bien!* tornavam os interrogantes com ufania.

Isto é, morreu sem venda nos olhos, e com o peito voltado ás balas.

Alguns dos condemnados atiravam com a *boyna* ao ar, saudando a sua causa, e dizendo:

—*Me voy a cenar con Maria Santissima!*

Coisas incriveis, prodigiosas de valor e de crença!

Quando soube que o irmão pegara em ar-

mas, Maria Salomé ficou em grande sobresalto. Era uma organisação apaixonada e delicadissima. Passava horas fazendo fios e arranjando ataduras.

Não tardou a occasião em que os fios e ligaduras fôram necessarios.

No primeiro tiroteio em Somorrostro,—oito a nove kilometros do ponto em que estavamos, —Currito foi ferido n'uma perna. Maria Salomé, para ir vel-o, tinha de atravessar o campo dos *christinos*.

Nada lhe teve mão.

Apercebeu um cesto com quanto julgou util ao doente, e partiu de noite. Se a apanhassem seria incontinente passada pelas armas. Quando lh'o disseram riu-se!

Ao cabo de oito dias voltou. Fôra leve o ferimento, e o irmão estava restabelecido.

Ao entrar em casa, com que impeto me tomou nos braços convulsos e vigorosos! Parece-me ainda agora sentir o palpitar alvorotado d'aquelle nobre peito!

*
* *

Correu um anno, e apenas raros dias tranquillos abriram para o valle de Deusto.

Os vinhedos deixados por ponta, as varzeas sem cultura, a nossa quinta sem amanho!

Arrasara tudo a guerra civil!

*
* *

Passado um anno meu pae com a sua familia regressava a Portugal. Fretou um brigue dinamarquez, e o dia d'aquella amarga despedida chegou entre lagrimas acerbas!

Foi preciso empregar a força para conseguir que Maria Salomé me largasse dos braços. No molhe da ria, voltada para o navio, que ficava a pequenissima distancia, estou a vel-a, na eloquente desordem da sua dôr! Os cabellos des-

atados, as azas do nariz palpitando, o peito ás ondas — crecta, sublime!

Nos transportes d'aquella paixão chegou a cerrar os punhos, ameaçando-me, e exclamando:

— *Ah! indino, no te olvides de mi!*

Tinha eu então oito annos e meio. A impressão d'essa despedida ficou-me para sempre. As feridas da alma são como as do corpo,— indeleveis na sua cicatriz—, e tambem, como a cicatriz, pungem ás vezes cruelmente!

Poucos mezes depois de havermos chegado a Lisboa, tivemos noticia, noticia que se me occultou durante annos, do fim lastimoso de Maria Salomé.

O irmão fôra novamente ferido, e d'essa vez o ferimento era grave. Salomé, vencendo extraordinarias difficuldades, com risco imminente, foi vel-o muitas vezes. De uma d'ellas agarraram-a.

Levava-lhe roupa, tabaco, fructas para a convalescença.

Nem o ser irmão, nem o cumprimento d'aquelle

santo dever, lograram abalar os juizes do processo summario.

Puzeram-a de *capilla*—de oratorio!—Vinte e quatro horas depois, entre uma escolta, acompanhada de um padre, conduziram-a para o logar da execução. Ia com passo firme, resando e proferindo repetidas vezes o nome da filha, que teria então dez annos, e ficava só, porque o tio estava na guerra, e a avó havia morrido!

Salomé levava um chale, que meu pae lhe trouxera de França, e dera, juntamente com outras coisas, no termo da minha creação.

Depois de ajoelhada no campo do supplicio, ao padre, que se retirava exhortando-a, chamou de viva voz, e acenando fortemente com o braço.

O padre acudiu.

Salomé tirou o chale, e disse-lhe, com a voz natural:

—Está novo: dê-o a minha filha. É para o dia do seu casamento; as balas furavam-o!

Este facto, posto os casos de sangue frio e de valor fossem a cada passo, tornou-se notorio, e produziu grande impressão em Deusto e Bilbau. É provavel que ainda vivam pessoas, que se lembrem d'elle.

Assim morreu na flôr da vida, victima de um santo amor e nobre abnegação, a heroica mulher, a cujos peitos eu fui creado!

O CORONEL FUSILADO

UM PATRICIO

O CORONEL FUSILADO

UM PATRICIO

O horisonte politico carregava-se sinistramente. Corriam boatos de novo cerco. Os animos de um partido e outro haviam chegado á maxima exaltação.

Cabrera, rapaz na flôr dos annos, era incontestavelmente um cabo de guerra de merito superior e de bravura leonina. Vingativo, quando apanhava os inimigos, fossem velhos, mulheres, creanças, fusilava-os, a um e um, ou em massa!

Ás vezes as execuções eram á pistola, com um tiro no ouvido, como se faz aos cavallos condemnados pelo mormo!

Em seminarista haviam-lhe arcabuzado a mãe. Quando desembainhou a espada converteu-a em gladio exterminador!

Os liberaes, por seu lado, não lhe ficavam atraz. Homem ou mulher, que escondesse em casa um inimigo, por horas que fosse, eram passados pelas armas.

Havia senhoras da mais escolhida sociedade, que assistiam ás execuções e applaudiam! Irmãs, viuvas, filhas dos que o partido opposto havia trucidado, satisfaziam assim a cruel vindicta!

Meu pae regressava de Bilbau para Deusto, á hora do jantar. Caminhava ao longo da ria com o animo preoccupado e triste. Estava imminente um cerco, caso grave para os habitantes de Bilbau e suburbios.

Ao passar pelo Sete, encontrou-se com uma escolta; no meio d'ella vinha um coronel carlista, que tinha relações de boa estima com meu pae.

O coronel fumava um charuto, marchava com passo firme e rosto sereno.

Avistando meu pae, acenou-lhe, e disse-lhe com a sua voz natural:

— *Adiós, Don Francisco, hasta el dia de juicio!*

Ia ser fusilado.

Quasi ao entrar o portão da quinta ouviu-se uma descarga, d'aquellas que tornavam minha mãe e irmã como defunctas!

Era a execução do coronel.

Meu pae chegou a casa extremamente pallido. N'esse dia, a não ser eu como creança, ninguem tocou no jantar.

Duas horas depois, Bilbau estava álerta. Esperavam-se a cada momento os carlistas.

Á tarde as avançadas da cidade, disparando sobre as avançadas inimigas, retiravam para Bilbau.

Nos outeiros e montes que cercam o valle, reluziam as espingardas dos soldados carlistas. Que gente, que destemidos rapazes, com os seus casacos compridos, alpargatas e *boyna* azul!

Os habitantes de Deusto estavam nas boas graças dos facciosos, mas já não acontecia o mesmo com outras povoações, cujas casas saqueavam e queimavam. Os morticinios não faltavam.

Eram represalias, terriveis vinganças.

É um grande povo o hespanhol; ha, porém, momentos em que é grandemente cruel! Jubila com as pavorosas matanças, desde os cavallos estripados ás duzias, até aos fusilamentos em massa!

Ainda hoje os que vam morrer garrotados passam pela *via* da amargura com a pompa funebre dos tempos ferozes do despotismo!

Vinte e quatro horas de *capilla!* Os irmãos da Misericordia debaixo da janella da victima, —«ao crebro som do lugubre instrumento»— pedindo esmollas para as missas que lhe hão de resar por alma; depois o longo transito por entre uma multidão ignorante e mordida de feroz curiosidade!

A noite que se seguiu á execução do coro-

nel devia ser uma das mais atribuladas para a povoação de Deusto e para a nossa familia. Da outra parte da ria ardiam já muitas casas. A columna que desceu pelo convento dos Capuchinhos tomou alli, parte d'ella, posições estrategicas. A outra desceu para Deusto, fazendo da sua velha egreja baluarte de defeza.

Era provavel que, ao romper da madrugada, uma sortida dos da cidade viesse regar de sangue os campos d'aquelle valle risonho e fertilissimo.

Não foi n'esse dia; mas deu-se alguns dias depois.

Ao cerrar da noite Deusto estava invadido pelos carlistas. Era segundo assalto á cidade. Commandava o grande caudilho Thomaz Zumalacarreguy, famoso filho de Guipuscoa, que em resultado de um ferimento, a principio de apparencia leve, encontrou alli a sua ultima hora.

Se o bravo e grande general não morre n'aquelle assalto, Deus sabe qual teria sido o

destino do partido das novas idéas em Hespanha, e até talvez em Portugal!

Cerca das 10 horas da noite, sentiu-se na estrada a marcha batida de um troço de carlistas. Pararam á Porta da quinta. Ouviram-se, a um tempo, as coronhas das espingardas dando no chão. Momentos depois entravam de roldão no vasto pateo, que avançava á nossa casa.

Minha mãe, commigo ao lado, minha irmã, e o resto da familia, de joelhos, em frente do oratorio, soccorriam-se a Deus, n'aquelle apertado lance!

Meu pae passeava na salla, sem perder o sangue frio, posto nos dissesse depois, muitas vezes, ter sido aquelle o momento mais angustioso e cruel da sua vida!

O commandante, á frente dos soldados, exigia boleto, em tom imperativo.

Meu pae correu á porta, para descer ao pateo e fallar com elle. Minha mãe e minha irmã, levantando-se do oratorio, seguiram atraz de meu pae, para não o desampararem e para im-

plorar misericordia, no caso, mais que provavel, dos invasores romperem n'algum grande excesso.

Meu pae, dirigindo-se cortezmente para o commandante, disse-lhe que era portuguez, e como tal não lhe competia receber aboletados, mas até onde os commodos chegassem teria muito gosto em servil-o.

—Portuguez?! Com que então o senhor é portuguez? perguntou-lhe, em tom benevolo e na nossa lingua, o official, dando dois passos para meu pae, que lhe respondeu, confirmando o que dissera em hespanhol, no seu idioma nativo.

N'este ponto a soldadesca, impacientada, queria entrar á força.

O capitão, com voz mascula e desenganada, bradou-lhes:

—Para a retaguarda, e silencio!

A instancias de meu pae subiu, e não se pode descrever o contentamento do militar, quando se achou no meio de uma familia por-

tugueza. Tinha entrado subitamente na patria, como elle dizia! A muitos rogos nossos apenas consentiu que o tenente e dois sargentos ficassem em nossa casa.

O appellido do official portuguez, ao serviço da causa de D. Carlos, era Paz; mas o nome, nem a mim, nem a minha irmã nos pode lembrar agora.

As sortidas repetiam-se todos os dias sobre este e aquelle ponto.

As nossas relações com o capitão e os seus inferiores apertaram-se tão intimas e affectivas como se fossem já de muitos annos. A vida torna-se mais intensa no meio dos grandes acontecimentos. A esperança, o desalento, o enthusiasmo, a anciedade, a alegria, os tristes sobresaltos, a coragem, o terror, tudo, ás vezes, se dá, se confunde e atropella n'um dia, n'uma hora!

Uma manhã, os tiros das avançadas e os toques de clarim, deram rebate de que o inimigo vinha sobre Deusto.

Eu tinha seis annos, lembro-me de tudo bem melhor do que o que se me passou ha trez semanas ou um mez! A gente commandada pelo nosso official correu ao seu posto.

Sobre a vinha da encosta fronteira recolhiam a juntar-se aos seus batalhões algumas avançadas. Iam andando, carregando, e voltando-se, para atirar ao inimigo.

De repente um d'elles caíu, estendeu as pernas, como a ave que estrangulam, e ficou redondo.

Esse assalto foi dos mais bravos, e durou até á tarde. Os christinos foram repellidos, mas correu muito sangue. Nós esperavamos anciosos, que regressassem os nossos amigos.

Nisto vimos entrar a porta o tenente e os dois sargentos. Faltava o honrado e bravo capitão. Os sargentos tinham a bocca negra de morder os cartuchos, e aquella expressão entre feroz e espantada, que assume o geral das physionomias, na força do combate e ainda depois d'elle.

Meu pae correu-lhes ao encontro.

Eu seguia atraz.

— *El capitan?* perguntou meu pae.

— *Se quedó en el campo,* disse o tenente, correndo as costas da mão pelos olhos.

— *Muerto?*

— *Muerto!*— Responderam quasi a um tempo, deixando descair os braços, e com a mesma expressão dolorosa, o official e os dois sargentos.

Eu desatei a chorar, como uma creança, que era!

Ao escrever agora estas linhas, aviva-se-me de tal modo a memoria d'aquelle quadro, que me parece estar a vel-o e a sentil-o!

As recordações da infancia são como as cicatrizes — indeleveis!

A MERENDA DE GINJAS

A MERENDA DE GINJAS

Pepita era filha do caseiro da quinta pertencente á casa, que habitavamos em Deusto.

Tinha a minha edade.

Durante uma longa doença da mãe d'ella, Salomé, a minha ama, dera-lhe de mamar.

Tinhamos bebido o mesmo leite.

Cresciamos juntos, eramos companheiros inseparaveis, morriamos um pelo outro.

Augusto de Belvedere apanhou em dois traços as nossas physionomias.

Desencaminhou-se-me tambem aquelle debuxo.

Quanto daria eu agora por conservar esse grupo, e poder avivar a memoria das feições da ingenua companheira dos meus annos infantis, creança que vibrou no meu coração, embora de modo para mim inconsciente, os primeiros sentimentos do amor?

Pepita era mansa e timida, eu inquieto e bravio.

Minha unica irmã, e minha madrinha, Maria da Piedade, tomara a seu cargo ensinar-me a ler.

Difficil tarefa!

Eu tinha um memorião bragantino,—memoria de tudo, dos sons, dos logares, das datas, das palavras, e nunca poude decorar o alphabeto!

Singular capricho!

Ainda hoje não sei dizel-o corrido.

Ás vezes atiro, impacientado, com os lexicons, por não atinar com a ordem das lettras!

A ninguem, mais do que a mim, se pode

chamar, com verdade, redondamente analphabeto.

Meu pae, homem de intelligencia e illustração notaveis, gostava que eu desenvolvesse os musculos ao ar livre.

Com relação á minha edade, tornara-me já destro no jogo da pella e no atirar da funda, que, alternadamente com a barra, são os exercicios predilectos dos rapazes bilbainos.

De todas as distracções, a que me fazia bater o coração em rebates de alegria, era acompanhar meu pae pela quinta fóra á caça dos *chimbos,* deliciosos papafigos, — perdição dos bilbainos; — a ver caçar, digo, porque ao meu espirito infantil sorria, n'um futuro remoto, a suprema ventura de poder disparar um dia uma espingarda.

A caça é, ainda hoje, a unica distracção, que verdadeiramente me apraz, e não raro me enthusiasma.

Nunca philosophei sobre o caso.

Abomino todas as crueldades; chego até, ás

vezes, a ser de uma sensibilidade feminina, e adoro a crueldade da caça!

Mysterios! como exclama o *Sganarello* no *Medico á força.*

O caracter manso, sereno, delicadamente caricioso e affectivo de Pepa, a sua timidez extrema, convinham ao meu animo vivo, destemido, e extremamente affectuoso tambem.

Tal era eu em creança: o mundo arranjou-me a maior parte dos defeitos, que tenho; o fundo em mim era bom, e ainda não é muito mau, apesar de tudo! Que demonio! tambem um dia é preciso que um homem seja modesto!

A não ser com Pepita, no demais brigava com todo o rapazio da minha edade. Nas Vascongadas, apesar de haver grande aristocracia, prevalecem os costumes simples e patriarchaes. Qualquer homem do povo trata por tu os filhos de *sangue azul*, emquanto creanças. A infancia e a mocidade não conhecem gerarchias, pelo menos não as conheciam no meu tempo.

Pepa tinha dois irmãos gemeos, mais velhos

um anno do que ella, e por conseguinte mais velhos um anno do que eu.

Nicoláu e Pacho. Pacho era o caracter da irmã. Nicoláu travesso, rebellão e valente. Boa indole; muito amigo da irmã, e meu amigo tambem; mas eu e elle guerreavamos a cada passo, e, elle, com ser mais velho, nem sempre levava a melhor; sempre, porém, a nossa bulha dava caso de lagrimas para Pepita.

Qualquer de nós que ficasse esmurrado era certo vel-a levar o aventalinho branco ao rosto pueril e soluçar, lavada em pranto.

*

* *

Os assaltos da guerra civil repetiam-se todos os dias.

De repente ouviam-se estes gritos:

— *Los facciosos!* — os carlistas.

— *Los negros!* — os christinos.

Se vinham *los negros*, o terror apossava-se

dos animos, porque a povoação era carlista, como tal reconhecida, e vista de pessimos olhos pelos liberaes.

Um dia, alguns pelotões christinos vieram sacudir uns guerrilhas, que se haviam alojado no convento dos Capuchinhos. Sacudiram-os de facto, mas não sem da sua parte deixarem alguns mortos no campo, e ficarem com muitos feridos.

A soldadesca voltou enfurecida e fazendo das suas,—espingardeando, como sempre, as casas, e não raro as pessoas.

N'estes lances o primeiro afan das familias do valle de Deusto era verem todos os seus em volta, no recesso da casa. As mulheres em resa; os homens incutindo-lhes animo, quando o tinham desenganado e varonil como o de meu pae.

N'esse dia notavel, Pepita e eu, que haviamos namorado uma ginjeira, carregada de magnificas ginjas garrafaes, combinámos uma merenda.

Transpozemos surrateiramente o portal, e di-

rigimo-nos ao ponto dado, munidos de um bocado de pão franccz, que era mais nosso favorito que o hespanhol.

Nisto corre a voz:

— *Vienen los negros!*

O primeiro cuidado de minha mãe foi procurar por mim. Não me encontrando, ella, meu pae, minha irmã, todos os de casa, n'uma palavra, correram, em alvoroto, pela quinta fóra a chamar-me.

Que momentos de anciedade mortal para os meus, não fôram aquelles! Minha irmã é a unica, que se pode recordar hoje de tão angustioso lance.

As balas cruzavam-se em todas as direcções; uma d'ellas entrou por um vidro da janella da salla, e foi cravar-se na parede fronteira.

Note-se que, havia pouco, um soldado malvadissimo, n'uma d'aquellas sortidas, atirara sobre um grupo de creanças, que brincavam na costa da vinha fronteira á nossa casa, matando uma!

No mais fechado do pomar de caroço, nós,

sentados ao sopé da ginjeira, cujos ramos, carregados de fructo, rojavam no chão, as almas, puerís e crystalinas, iriadas de luz, na suprema felicidade dos dias germinaes e innocentes, não davamos pelas miserias terrenas, nem pelos gritos alvoroçados da nossa familia, votando profundo desprezo á fusilaria, a que estavamos habituados, havia muito!

Nisto chegou-me aos ouvidos a voz de minha mãe, vibrante, apaixonada, arrancada do coração, bradando por mim.

Eu, inconsciente e alegre, respondi:

— Mamã, aqui estou com Pepita!

Então minha mãe transpoz de um pulo a distancia que mediava entre mim e ella; tomou-me nos braços, como se fosse uma creança de peito, e entre o riso e o chôro, a colera e a ternura, abraçava-se em mim, n'um paroxismo de felicidade, que, por extremo, lhe pungia como dôr agudissima, correndo, ufana e triumphante, por meio do silvar das balas, a encontrar-se com o resto da familia!

Quando, muitos annos depois, referia este caso, beijava-me e abraçava-me sempre, como a certificar-se ainda que de facto me não havia perdido.

Oh! As mães! As mães!

O CABEÇA Á BANDA

O CABEÇA Á BANDA

Deve andar por uns quinze annos, que eu, logo nas entradas de setembro, costumava pernoitar n'uns quartos, rez do chão, a que se haviam feito taes ou quaes reparos; quartos de uma casa desmantelada, que ficava dentro do presidio da Trafaria.

O presidio, então, tinha ainda o aspecto lugubre de outros tempos. Ha milhares de pessoas vivas que, como eu, viram muitas vezes aquelle antro, proprio para covil de féras. Eram furnas medonhas, muitas d'ellas sem luz, e ou-

tras apenas esclarecidas por uma fresta alta, com grossos varões de ferro. Argolas chumbadas na pedra, fragmentos de correntes, manilhas quebradas, restos de uma epocha hedionda, que, segundo vejo, não tardará muito a voltar, com a sanha felina de todas as reacções!... Ainda assim, espero em Deus a boa fortuna de escapar a ella, no outro mundo!

No presidio havia um guarda, que passava dos seus oitenta annos — forte ainda. Na mocidade devia ter sido um hercules!

Bella cara de homem! Esteve alli preso; padeceu tratos, e mostrou-me nas costas as costuras branqueadas, vestigios do supplicio da vara, que lhe applicaram por mais de uma vez. Luiz Augusto Palmeirim, que, com sua familia, costumava veranear na Trafaria, e o meu companheiro das caçadas, Zacharias d'Aça, conheceram-o tambem. Eu conversava muito com elle. Interrogar um velho, é, quasi sempre, aprender alguma coisa, embora triste!...

Contou-me factos muito notaveis; todos el-

les com um travo a sangue! Fallarei do ultimo, que se deu n'aquella masmorra, pouco antes do dia 23 de julho de 1833.

O *Cabeça á banda* era uma d'estas organisações malevolas, como algumas que ha por ahi latentes, e que, se tivessem ensejo, mostrariam, logo, a ferocidade nativa. Eu vi-o uma tarde, indo, de passeio até ao Valle das Romeiras, com A. Herculano, Rebello da Silva, e Caldas Aulete. Era um homem baixo e atarracado.

Não dou relação por menor da sua physionomia, porque o vi de relance; mas aqui o meu bom visinho, do rez do chão, José Maria Villar —decano e mestre dos caçadores— conheceu-o muito. Confirma-me quanto me narrou o velho guarda, e diz-me, agora, que elle tinha o rosto livido, olhar enviezado, e voz de falsete. Bons symptomas!...

Um toque, que dá a profundidade da malvadez d'aquelle coração. No rigor do inverno, quando as carambinas cortavam a pelle, logo

de manhãsinha, mandava sair as victimas para a parada, e dizia, esfregando as mãos:

— Estão bem remolhadas as varas? É para lhes aquecer as costas. Vamos a isto, rapazes!

E sorria! O sorriso, que em certos labios toma uma expressão divina, na bocca do perverso arripia as carnes, é um horror!

No presidio da Trafaria, entre muitos, estava um homem de certa educação, que passava dos sessenta, e um filho de dezoito annos, ambos presos por *malhados*. Nas vesperas do dia 23 de julho, no momento em que os odios andavam mais accesos com as victorias do partido liberal, a mulher do preso veio visitar o marido e o filho. Quando a infeliz se approximava, de braços abertos para os dois, o *Cabeça á banda*, que desgraçadamente estava alli, agarrou-a, e ia metter-lhe as mãos no seio, para ver se trazia alguns papeis... O marido jogou-se a elle, e deu-lhe uma bofetada.

A mulher rompeu em gritos da maxima af-

flicção. Foi posta fóra, a pontapé e á coronhada! O velho, amarrado.

Ao *Cabeça á banda* ardia-lhe a cara; mas ria, ria, esfregando as mãos!

O filho abraçou-se ao pae. Começaram as varadas. O filho não o largava! Os abraços da suprema angustia tecm a tenacidade das heras; só afrouxam na morte; succumbem amando!

As varadas silvavam, ao rasgar aquelle desventurado grupo de carne humana! A pelle voava! No desatino dos golpes, as varas apanhavam-lhes os peitos, a cara, os braços, as mãos, e mutilavam-lhes os dedos!

Ambos a escorrer sangue! Uma carnificina!

A mulher, cá fóra, a arrancar os cabellos, ouvindo os gritos do filho e do marido!... E o *Cabeça á banda* a rir, e a esfregar as mãos!

Na manhã do dia 23 de julho, avisaram esta féra de que o duque da Terceira estava sobre Corroios. Antes que os presos tivessem a mais leve suspeita, metteu-se n'um bote e atravessou o Tejo. Refugiou-se em casa de altos per-

sonagens, onde fôra creado, personagens de sangue real, e que se expatriaram logo que o principe proscripto foi para o exilio.

O *Cabeça á banda* guardou rigoroso homizio; depois começou a apparecer. Morreu ha annos; não ha muitos. Tenho pena!... Queria mandar-lhe esta *Memoria,* para que elle, no *dia de hoje,* lesse o seu elogio historico!

Monte de Caparica, Torre, Julho, 24, 53.

ANNAYA

ANNAYA

Quando o vi, pela primeira vez, tinha eu doze annos e elle quinze.

Annaya nasceu em 1 de março de 1826, eu a 3 de março de 1829.

Vejamos como se travaram as nossas relações. Duas palavras sobre os primeiros tempos que passei em Portugal.

A minha familia, regressando de Hespanha, em outubro de 1837, foi viver para uma casa na rua da Saudade; casa com um grande terraço, e muitos commodos, mas para mim profundamente triste.

Ainda hoje, quando passo por lá, se me aperta o coração. Os grilhetas cruzavam-se, a toda a hora, vindos do Castello e do Limoeiro. O som das cadeias, arrastadas por aquelles desgraçados, era soturno. Elles ora vozeavam descompostamente, ora cantavam umas canções, que eu não entendia, mas que me impressionavam dolorosamente pelo estylo monotono e rasteiro.

Que differença dos meus *zorzigos,* ao ar livre, no adro da egreja da aldeia, ao som do tamboril e da pandeireta, cantados e bailados por aquellas *deustarinas* morenas, de cabellos negros e olhos côr de amora:

La noche soñava yo
Que dos negros me matavan!...
Y eran tus hermosos ojos,
Que enojados me miravan!

E a quinta da casa com o pomar fechado, os vinhedos da encosta, o jardim, que era uma moita de rosas e violetas; o morangal, a cargo de minha irmã, que vinha, sollicita e alegre,

com a paixão que sempre me teve, trazer-me os primeiros morangos; o macisso dos grandes castanheiros, onde o vento cantava umas coisas, ora tristes, ora alegres, mas sempre mysteriosamente coloridas para a minha imaginação infantil!

Entrou commigo uma enfermidade, que, se o não era, parecia-se muito com a nostalgia. Completo fastio, uma dôr moral, que me pungia no coração, como se me entrasse por elle dentro um ferro muito fino e muito cortante; tinha os olhos seccos, e dizem que de um brilho singular. Nada me distrahia. Nem os meus mais predilectos brinquedos!

Passava horas sentado, com os olhos pregados no chão, sem dizer palavra!

Meu pae mudou immediatamente de casa.

Fomos para a travessa de S. Mamede, ao Collegio dos Nobres, viver n'um predio, paredes meias com o do erudito cardeal Fr. Francisco de S. Luiz, amigo de meu pae. Nesse tempo, aquelle sitio era como campo.

Fui tornando a mim, mas lentamente.

Que desvelos não devi a meu pae, minha mãe e minha irmã, tão extremosa como elles, nos dias terriveis d'aquella enfermidade, que esteve a pique de matar-me!

Deve ser perversa a indole que, no seio de uma familia affectuosa e honrada, se não torne boa!

*

* *

Nessa epocha a scena politica cheirava a polvora e a sangue! O odio entre carlistas e christinos não era menor do que entre miguelistas e constitucionaes.

Os convencionados de Evora-Monte andavam perseguidos, como bestas féras, pela escoria do partido liberal, escoria feroz e covarde como a de todos os partidos. Ainda hoje tenho impressa no espirito a figura, o typo do convencionado. Sobrecasaca á militar no fio; cha-

peu alto, já quasi sem pello; botas pedindo a palavra por diversas boccas; a barba comprida e descuidada; a face esqualida; o olhar espantadiço; o aspecto faminto. Em 38 para 39 já appareciam, sem risco de serem espancados ou apunhalados pelos sicarios, contra os quaes clamava a voz potente e humana de José Estevão e de Manuel da Silva Passos.

Em casa do tenente general Magessi reuniam-se os homens principaes do partido realista — conde de S. Lourenço, D. Christovão Manoel de Vilhena e seus irmãos, visconde de Molellos, etc.

O general tinha um filho e uma filha, Antonio Lucio e D. Maria Amalia; mais para o deante foi elle um dos leaes e urbanos antagonistas de Alexandre Herculano, na questão do — *Eu e o Clero*. D. Maria Amalia era uma d'estas elegantes e instruidas senhoras portuguezas, cujo molde se vae tornando rarissimo, molde admiravel nas prendas do espirito, e nos dotes do coração.

Meu pae fôra amigo intimo do general desde a guerra da Peninsula.

Uma tarde estava eu em casa de Magessi, quando entrou o brigadeiro Annaya e seu filho.

O brigadeiro era um homem de estatura regular, secco de carnes, rosto sereno, firme e resignado. Tinha se batido muitas vezes como um valente no campo da batalha; mas as cutiladas moraes dos ultimos annos haviam sido para elle bem mais crueis!

Que tempera de homem, e que tempera a dos homens da sua epocha!

Collocado entre a espada e a parede, com a familia sobre os hombros, quasi nos apertos da penuria, o brigadeiro Annaya regeitou com altivez uma bella posição, para não torcer levemente os seus principios politicos!

O filho do brigadeiro era o mais folião de quantos rapazes tenho conhecido; a alegria rebentava-lhe pelos poros da pelle.

Sabia francez, inglez e latim, e com os seus

quinze annos, Joaquim José Annaya, sempre n'uma grande balburdia de alegria, preparava-se já para luctar rudemente com a vida, embora folgando.

Teve companheira que o comprehendesse e ajudasse. Annaya, em 1849, casava com a filha de José Maria de Sá do Amaral, official maior da Mordomia-mór, um nobre coração e um perfeito cavalheiro. Sua filha, D. Emilia de Sá do Amaral, recebeu uma educação esmeradissima, de que soube aproveitar-se com vantagem a sua fina intelligencia. No mesmo anno em que casou, Joaquim José Annaya abriu um collegio na rua de Buenos-Ayres.

Em 1855 o collegio fechou, e Annaya foi para a Escola Academica, de cujo director era amigo desde 1843. Ahi se conservou até 1882, em que, por ordem dos medicos, foi obrigado a deixar completamente o trabalho.

Ainda assim a ociosidade é incompativel com o seu temperamento, e a despeito dos conselhos dos medicos, da cariciosa solicitude da familia,

não pode estar parado. Tem duas filhas, primorosamente educadas, e um filho, guarda-marinha, Arthur Annaya, n'este momento em viagem.

Ha quantos annos que o nome de Joaquim José Annaya resôa no coração da mocidade e no seio das familias, grato e festival, não só no paiz, mas pela Africa, e por grande parte do Brazil!

O Annaya da Escola Academica! — Essa escola que, sob a direcção do meu velho e presado amigo Antonio Florencio dos Santos, desenvolveu no seu seio homens, que se tornaram eminentes, na politica, como Augusto Saraiva de Carvalho, e nas lettras, como José Antonio de Freitas. Annaya, o furacão, que no primeiro impeto fazia estremecer os rapazes, mas que tinha o segredo de os attrahir e aconchegar ao coração, prodigalisando-lhes as caricias de pae extremoso!

Nem revezes, nem desgostos, nem fadigas, nem enfermidade, nem annos lhe tem conse-

guido acabar com as explosões da nativa alegria!

Os annos! É verdade, estamos a 29 de fevereiro de 1884.

Amanhã, 1.º de março, faz justamente 58 annos o meu honrado amigo. Pois lá me tem á sua mesa, e conte com uma saude a elle, á mulher, aos filhos, e ás luminosas recordações dos dias prosperos da nossa mocidade!

Fevereiro, 29, 1884.

AUGUSTO EMILIO ZALUAR

AUGUSTO EMILIO ZALUAR

Este homem influiu poderosamente no futuro da minha vida!

Ha poucos dias estava eu á cabeceira do leito de minha irmã, gravemente enferma. Num dos intervallos, em que cessavam os accessos da nevrose, deixando mais tranquilla a doente, deitei, ao acaso, os olhos para o *Diario de Noticias*. As primeiras palavras, que se me depararam, foram estas:

—«Morreu, no Rio de Janeiro, o escriptor Augusto Emilio Zaluar.»

Esta nova, tristissima para mim em qualquer circumstancia, n'aquelle momento deixou-me anniquilado!

Augusto Zaluar trazia-me á memoria dias germinaes da mocidade.

Singular antithese do meu estado, n'aquella hora, em que uma sombra humida e fria me pesava sobre o coração, como a atmosphera densa e insalubre d'uma prisão cellular!

Em outro livro de memorias [1] contei como travara relações com Augusto Zaluar, e o episodio que me levou a fazer os meus primeiros versos.

Frequentavamos ambos a Escola Polytechnica. Augusto tinha vinte annos. Destinava-se á medicina, e cursou por algum tempo as aulas da Escola Medico-Cirurgica, mas não chegou a concluir os estudos.

Era um rapaz alto, cabello negro e revolto, moreno, ou antes com o tom bronzeado dos ara-

---

[1] *Sob os cyprestes*, cap. I, pag. 15.

bes; magnificos dentes, bocca expressiva e franca; olhos pretos muito vivos. Um bello moço, em quem sobrelevava a elegancia natural e a finura da educação.

Seu pae, o major José Dias d'Oliveira Zaluar, de quem fui amigo, era um honrado velho, liberal exaltado, tendo a paixão dos livros, com que gastava mais do que permittiam os seus meios, e os encargos de uma numerosa familia.

Augusto tinha, pois, á sua disposição uma soberba livraria, e estudava constantemente.

Pertencia á Sociedade Scholastico-Philomatica, fundada pela flôr dos rapazes de talento de então, e onde o grande Rebello da Silva manifestou, pela primeira vez, a elevação e primor da sua extraordinaria palavra!

Augusto Zaluar fazia versos, obedecendo ao meio e ás correntes da epocha; mas não caía nos desvarios e exageros condemnados pelos homens de talento, como Garrett e Herculano; exageros que foram a caria da escola roman-

tica, como estão sendo, no fundo e na fórma, principalmente na fórma, as extravagancias disparatadas de certo numero de escriptores,—alguns aliás de talento—a perdição da escola hodierna.

A fortuna não foi jámais propicia ao meu malogrado amigo. Em 1846 adheriu ao pronunciamento, que nós, os rapazes, fizemos na Escola Polytechnica, e quando veiu a reacção de 6 de outubro, teve de homiziar-se.

O Novo Mundo,—como a tantos—acenava-lhe com illusões fugazes!

Zaluar acreditava na miragem das lettras,—perfeita miragem em Portugal e no Brazil!

Afigurava-se-lhe que o saber, a notavel facilidade como escriptor, o amor ao trabalho, que o tinha entranhado, e, posto não haver completado um curso, os seus variados conhecimentos scientificos, lhe seriam garantia para poder alcançar, em poucos annos, uma fortuna independente.

Se vae para lá, sabendo solettrar apenas, de

tamancos e em mangas de camisa, talvez a estas horas estivesse millionario e visconde!

O governo reaccionario d'aquelles tempos fechara-lhe as portas dos empregos publicos, a elle, que podia ser um funccionario notavel. Os meios iam escasseando. Os jornaes litterarios, para onde trabalhava constantemente,— como succede ainda agora, eram uma penuria!

Zaluar estava costumado a frequentar a melhor roda. Era dos concorrentes ao Marrare,— d'onde instinctivamente fugia a gentalha soez, —e com os seus brios não queria viver de amigos, nem levar uma existencia inutil e vexada pela falta de anchura de meios.

Resolveu-se pois a partir para o Rio de Janeiro.

*

* *

Uma noite em que Alexandre Herculano trabalhava no segundo volume da *Historia de Portugal;* e eu lia, aconchegado ao fogão, sentindo

as correntes do norte, que se precipitavam da Serra de Monsanto, silvando pelos vãos e arcarias do palacio deserto, bateram á porta, e o creado veiu annunciar:

— O senhor Augusto Emilio Zaluar.

— Que entre.

Herculano depoz a penna e disse:

— Chegou a proposito; isto devem ser horas do chá.

O meu amigo vinha um pouco pallido, e visivelmente triste.

— Por este sitio e a estas horas! Que temos? perguntei-lhe eu.

E Augusto Zaluar explicou os motivos, que o levavam a deixar Lisboa, e procurar melhor fortuna na America.

Trazia o seu album. Alexandre Herculano escreveu, de improviso, algumas sentidas palavras em prosa; nós abraçamo-nos estreitamente, e elle partiu, não podendo conter as lagrimas, que o suffocavam.

O Brazil, agora, com os vapores e telegra-

pho electrico, é alli... em Cacilhas; mas então!...

Com effeito, dois dias depois, recebia eu esta carta, que fui agora encontrar na gaveta dos meus papeis, entre muitas outras que tenho d'elle. O papel está amarellecido pelo tempo; —trinta e tres annos! —dobrado á antiga, porque então eram raros os sobrescriptos, e lá tem agarrada a classica obreia:

Resa assim:

«29 de outubro de 1849.

A bordo da barca *Experiencia*.

Meu querido Pato.

Eu vou partir! Adeus! Não te sei dizer mais nada! —Adeus—Uma coisa: manda entregar pelo portador o 1.º volume, que lá tens, da *Historia de Portugal* do Scheffer;—não t'esqueças, que é de meu pae.

Um abraço a todos—e adeus, adeus.

Augusto Emilio Zaluar.»

Zaluar não accumulou fortuna no Rio de Janeiro, mas viveu com desafogo e na melhor sociedade. Talvez lograsse ajuntar alguma somma, se não tivesse o animo tão rasgadamente generoso.

Trabalhou muito. Teve essa grande virtude; trabalhou na imprensa periodica, no professorado, e deixou um bom numero de volumes — dez ou onze — entre elles as *Dores e flôres, Revelações* (versos).

O Imperador, depois de Augusto Zaluar haver publicado o seu primeiro livro, convidou-o para um baile do Paço, e festejou-o com palavras extremamente amaveis.

Zaluar viajou muito pelo interior do imperio, e d'ahi as suas *Peregrinações á provincia de S. Paulo*. Occupou-se tambem das questões sociaes no seu livro *A escola e o trabalho* (estudos sociaes), etc., etc.

Casou tres vezes. A primeira foi com uma sobrinha do estadista Drumont, que esteve, como ministro do Brazil, em Lisboa, muitos annos.

Parece que a morte de Emilio Zaluar proveiu de uma lesão da aorta. Tinha nascido em 1825.

Na ultima carta que me escreveu, promettia-me voltar a Portugal, e fallava-me até, com insistencia, da nossa juventude, e de memorias queridas, que lhe reviviam com pungitiva saudade!

Nos presentimentos da morte, ainda latentes, reflorescem na alma do homem as lembranças da infancia e da mocidade, mais fortes de côr, e mais vivas no penetrante dos seus effluvios balsamicos!

Estas palavras, escriptas rapidamente, e n'um momento attribulado, são apenas uma homenagem de saudade ao companheiro dos meus verdes annos, um pesame aos seus amigos do Brazil, que acabam de sentir a sua perda, e uma affectiva e dolorosa lembrança ao irmão do poeta, Arthur Zaluar, a quem aperto cordealmente a mão.

Maio, 6, 1882.

JOSÉ MARIA D'ANCHIETA

JOSÉ MARIA D'ANCHIETA

Temos a mesma edade; somos amigos desde a infancia. Cursámos juntos as escolas superiores,—e sejamos justos—ambos com egual aproveitamento!

Elle saltou da Escola Polytechnica para a Universidade de Coimbra, e alcançou por lá os mesmos loiros. Nunca saíu reprovado, por que nunca fez um exame. Exercitava a rabeca, dando grandes esperanças de vir a ser um portento. Um dia partiu a rabeca na cabeça d'um futrica, e atirou-se á guitarra, onde em pouco

tempo se tornou uma celebridade. As sciencias naturaes eram a sua paixão: lia tudo; sabia tudo; mas não se domava ás disciplinas escolares. Filho do general Anchieta, fidalgo de nobilissima linhagem, José tinha o mais inconsciente despreso por todas as gerarchias e brazões d'este mundo. Era magro, espigadito, rijo de musculos. Á mais leve provocação davam com homem desenganado e bravio. Uma vez, nos antigos casebres do Loreto, uma matilha de fadistas entrou com elle. Desqueixou um; partiu a cabeça a outro; embaçou com um pontapé no estomago o terceiro, mas foi esfaqueado pelo quarto. Ao passar na maca pelo Marrare do Chiado, ás 11 da noite, saudou os seus amigos triumphante, como se fosse de berlinda para uma festa! Jazeu alguns dias entre a vida e a morte; mas a sua excellente organisação levou em breve a melhor.

Pouco depois planeou grande viagem para Loanda. Desde a infancia aquellas florestas africanas o encantavam, convidando-o com seduc-

ções irresistiveis. A nobre alma de José d'Anchieta não era extranha ao amor. Uma affeição dos primeiros dias da mocidade o ligara fortemente a uma menina amavel e virtuosa. Podia arranjar um emprego, casar-se e viver em obscura e tranquilla mediocridade. Mas a Africa, os matagaes virgens, o estrondear das cataratas no desabar de enormes massas de agua, o bufar dos tigres, o bramir dos leões, a fuga das gazellas, os gorgeios sonoros dos passaritos, e os gritos estridulos dos papagaios e araras multicolores e esplendidas; a sciencia, a gloria, n'uma palavra!... Anchieta deixou tudo, e partiu. A bagagem era leve; a guitarra, uma caixa de alfinetes, muitas grosas de alfinetes para pregar insectos; uma trouxita debaixo do braço com a roupa branca. Quinzena de alpaca. Um macito de collarinhos de papel.

—Aquillo por lá é muito quente, dizia elle; preciso adaptar-me ao meio; viver ao ar livre, e quasi no estado primitivo. Hei de tomar tantos minutos de sol—na força d'elle—sobre a ca-

beça descoberta, para ir-me habituando; comer farinha de pau e bananas. Bebidas... agua da fonte. Verão vocês, como hei de resistir n'essas paragens!

Na vespera jantámos juntos. A sua distracção habitual augmentara n'esse dia. Á noite foi frisar-se! O trajo dava-lhe mediocre cuidado; mas o frisado era o seu fraco, a sua unica extravagancia, digamos.

Despedimo-nos com um aperto de mão varonil. Elle ia feliz.

*

* *

Passados alguns mezes, José d'Anchieta mandava a primeira collecção para o museu. José Vicente Barboza du Bocage, o seu grande amigo, animava-o, e protegia-o. Em poucos annos Anchieta realisava o seu ideal. Labutando, suando; sem treguas, ao sol abrasador; aos regelos; almoçando n'um coqueiro, jantando n'uma

bananeira; dormindo no matto, á chuva ou ao relento; vaccinado da Africa; refractario ás febres; familiar com os negros — e creio tambem em optimas relações com os macacos aristocratas, nossos parentes mais proximos — segundo affirma uma parte da sciencia — tornou o seu nome conhecido e applaudido em todo o mundo scientifico. Não ha maior exemplo, de quanto pode uma vocação, auxiliada por vontade tenaz e poderosa! Quando nós lhe duvidavamos o bom exito, elle sorria, com a superioridade das grandes convicções.

Anchieta, que estudara um pouco de tudo, não era alheio á medicina. Podia ter feito uma boa fortuna, se especulasse tal ramo com os apparatos de tantos charlatães que nós conhecemos, no meio d'aquelle gentio; mas o grande e audaz aventureiro é um caracter liso e honradissimo.

Decorridos annos José veiu a Lisboa. Todos os amigos lhe abriram os braços, e todos os homens de saber o festejaram. Elle, apesar da

sua simplesa e modestia, sentia-se satisfeito. Quando soubemos, que regressava a Portugal, não atinavamos bem como, andando na força das suas explorações, e tendo Bocage logrado grangear-lhe maior subsidio, deixara, ou interrompera a sua empresa!

Logo no dia da chegada, disse-me:

—Tens visto a Amalia Mendonça?

—Tenho. Conserva-se solteira, e falla de ti com o mesmo interesse. Não lhe tens escripto?

—Uma, ou duas vezes. Tu bem sabes, que eu para escrever sou uma lastima; se houvesse correio para o outro mundo, não me carteava com os que lá tenho, senão de annos a annos. Mas a Amalia... Olha, sabes que mais?... eu fiz algumas economias, estou em melhor posição, e tenho vontade de me casar com ella.

—Pois casa, que é uma sympathica rapariga, e quer-te extremosamente.

—Então caso, e tu és meu padrinho. Vou pedir a um d'esses ceroferarios, que tratam de casamentos, para arranjar isso depressa, porque

no paquete do mez que vem marcho-me outra vez para a Africa. Faz por cá muito frio.

Estavamos em junho, e caíam rôlas de calor!

O casamento foi em Santa Isabel. Anchieta conhecia os trajos proprios dos sertões africanos, e não conhecia menos os da sociedade elegante d'uma capital; vinha irreprehensivelmente vestido, e como um fidalgo, que era.

Revia-se-lhe nos olhos vivos e penetrantes a alegria, que dilata as almas nobres, quando sentem que tornam alguem feliz. Dentro de tres dias partia para a Africa com a mulher.

Durante muitos annos alli tem tornado cada vez mais util e mais laureado o seu nome. D. Amalia de Mendonça, não podendo com o clima, e a instancias do marido, voltou para Portugal. A separação tinha de ser eterna, porque a noiva de 1866 — época do casamento — expirou, no anno passado, em Lisboa.

Não sei em que ponto da Africa pára agora o meu companheiro de infancia e de muitos dias da mocidade; mas, quando soubesse, não

lhe escreveria, porque José Anchieta não abre as cartas dos amigos; contenta-se em olhar para o sobrescripto, exclamando, jubiloso:

—Está bom, fulano está muito bom; é a lettra d'elle, firme, magnifica! Não ha que ver, está optimo o meu excellente amigo.

E volta-se, embellesado, para a plumagem brilhante de um novo e primoroso exemplar, que, na vespera ou no proprio dia, logrou caçar, ao cabo de inauditas fadigas!

Junho, 4, 1884.

QUINTA FEIRA DA ASCENSÃO DE 1846

—

ANTONIO DA CUNHA SOTTO-MAYOR

QUINTA FEIRA DA ASCENSÃO DE 1846

ANTONIO DA CUNHA SOTTO-MAYOR

Antonio da Cunha Sotto-Mayor foi um dos homens mais originalmente elegantes, que tenho conhecido.

Quando o vi, pela primeira vez, contava eu dezesete annos, e elle passava já dos trinta. Foi na celebre quinta feira da Ascensão de 1846.

Sotto-Mayor, na tarde d'esse dia, deitava fogo ás estações da Guarda municipal!

Repercutia, em Lisboa, o grito de alarma, dado no Minho, pela bocca da Maria da Fonte.

Quando relembro hoje aquella época, preciso firmar bem a attenção, porque as paixões d'esse tempo, cotejadas com o momento em que estamos, se me afiguram como um sonho fugaz da minha adolescencia! Desde a Rainha, no Paço, até ás camponezas, nas provincias, havia animo, crenças, enthusiasmo! Com o enthusiasmo e as crenças que desappareceram, parece que desappareceu—triste é dizel-o—tambem o valor!

No dia da Ascensão de 1846, Sotto-Mayor deixou os seus habitos de elegante; depoz a penna facil e viva de escriptor, e saíu para a rua, como desenganado tribuno, atacando, á frente do povo, as casas da guarda, e deitando-lhes fogo pelas proprias mãos!

Eu morava então na rua do Conde, ás Janellas Verdes. Senti o tambor batente, que saía do quartel dos Granadeiros da Rainha, hoje de infanteria 2. Saltei, como um gamo, para a rua, e fui ver a funcção. Na mocidade tudo é uma funcção!

Os tambores rufavam, e, a passo dobrado, vinha uma companhia, puxada pelo capitão França. França era um homem na força, ou antes, na flôr da vida. Alto, robusto, bem parecido, barba revolta e negra. A pinta denunciava a bravura do genio. Decidido, de cara a cara, para qualquer homem; disciplinado e firme, como militar, no seu posto. Vinha com a espada nua, e trazia os olhos rajados de sangue.

Vivi depois intimamente com elle. Era um cavalheiro; morreu general.

Eu, com outros da minha edade, de todas as classes, fomos seguindo a tropa. França, quando chegou ao largo de S. Paulo, mandou fazer alto, e carregar armas. N'aquelle tempo, o processo era longo; morder cartuchos, escorvar; as cassoletas batendo; as varetas faiscando e tinindo, ao entrar nos canos sonoros das raiunas, arripiavam a pelle dos mais destemidos!

Na praça do caes do Sodré, então muito limitada e posta a lagedo, o vozear era medonho! Um troço de cavallaria carregava o povo.

Os barqueiros, firmes, em quadrado, respondiam ás cutiladas, jogando aos peitos e ás cabeças dos inimigos os croques e as pás dos remos. Os cavallos chapavam-se, escorregando, nas lages poídas, e alguns soldados e officiaes baqueavam contusos e feridos. A cavallaria retirou. Os barqueiros tinham-se batido heroicamente, gritando:

—Abaixo os Cabraes! Viva o povo! Viva a Maria da Fonte!

França desembocou á frente da sua companhia. Os barqueiros ainda luctaram como bravos; mas tiveram de ceder ao numero. Jogaram-se aos barcos uns, e lançaram-se a nado outros, para alcançar as faluas e fragatas do Tejo.

No Terreiro do Paço o campo era mais largo e a refrega maior! Barqueiros do caes das Columnas, do caes de Cacilhas, fragateiros, varinos, tripulantes das bateiras de agua acima, fizeram coisas extraordinarias!

Bem dizia eu que esse tempo se me afigura

como uma lenda secular! Lembram-se dos tumultos por occasião do *Ultimatum?* Bastaram os apitos da policia para os patriotas debandarem, com azas nos pés!

No tempo dos barqueiros do caes do Sodré a temperatura era mais alta! Ainda ha pouco, com um honrado amigo e visinho meu, aqui no Monte, A. F., que tem a minha edade, menos quatorze dias—já lhe invejo a vantagem!—estive memorando os actos de intrepidez, que se praticaram n'essa tarde. Elle tambem assistiu ao assalto, e o presenciou como eu.

Dois soldados de cavallo carregavam sobre um barqueiro extraviado, para o acutilar, quando elle, vendo-se perdido, se voltou como um raio, poz o joelho em terra, e com o croque virou-os a ambos!

Correndo aqui e além, onde mais ferviam os tumultos, cheguei a Santa Catharina. Antonio da Cunha Sotto-Mayor estava lá. Reduzira a cinzas um posto da municipal. Sotto-Mayor fallava ao povo.

Estou a vel-o: estatura regular, delgado, moreno, nariz grande e pronunciadamente aquilino; cabello farto, bigode crespo, já grisalho; mas nos olhos chispava-lhe a mocidade e o talento! Todo elle era nervos, e, como agitador, na desordem da paixão politica, arengando á populaça infrene, alli, n'aquelle meio, ainda no trajo, no gesto, em tudo, tinha a distincção d'um gran-senhor!

*
* *

A quinta feira da Ascensão, com o pronunciamento das Escolas superiores, determinaram a queda do governo.

Voltaram os emigrados. Que scenas, no dia em que elles chegaram! Nem um brado de vingança! Ha d'esses momentos na humanidade: são rarissimos, mas existem! Tudo se concentra no presente: applausos da multidão, gritos de jubilo, abraços convulsivos, e as lagrimas

sussurrantes do coração, esse orvalho divino, que, apagando os odios, faz rebentar, subitamente, da saudade a esperança!

Deu-se um grande banquete. Presidia o marquez de Sá, Bernardo de Sá,—o Sá maneta—como o appellidava o povo, por um glorificador euphemismo! J. B. d'Almeida Garrett estava ao pé d'elle. Bernardo de Sá, com o seu rosto sereno e marcial, tinha no caracter as linhas de Bayard! O poeta cingia na fronte, ampla e luminosa, os loiros do *Frei Luiz de Sousa,* drama que, se fosse escripto em francez, inglez ou allemão, seria apontado como o primeiro d'este seculo!

Junto d'elles, José Estevão, formosa cabeça de Endymião, tocada por Girodet! José Estevão, que, na flôr da vida, voltava, pela segunda vez, do exilio, para beijar a patria, como o seu filho mais eloquente!

Oh! relembrar esses dias!... A tinta sympathica, ao calor, resumbra: a saudade, bafejada pela memoria, revive!

Este processo não o conhece a chimica, e rarissimos sabem d'elle agora! A chimica é positiva, e nós, graças a Deus, estamos no escabujar d'esse momento positivo!

Correram alguns dias esperançosos e risonhos; mas os odios estavam latentes. O odio concentrado é cavilador e arteiro! O Paço andava vigilante! Não tardou a nebulosa manhã de 6 de oitubro; prologo sinistro de terriveis tragedias! Ainda n'esse anno se deu a batalha de Torres Vedras.

Que dia aquelle! A tormenta no céo!... E das vertentes e valles, da terra da patria, correndo, a jorros, o sangue de irmãos!

Tudo isto, principalmente, pela ambição de um general dissipador e voltivolo, e pelo orgulho de uma mulher!...

Monte de Caparica, Torre. Julho, 5, 1893.

OS ACADEMICOS NO CAFÉ MARTINHO

OS ACADEMICOS NO CAFÉ MARTINHO

No verão de 1847 os rapazes da Junta do Porto tinham saído da Torre de S. Julião da Barra.

Ser vencido no campo de batalha, e entregar a espada ao inimigo, é um passo doloroso, embora honrado. Mas, no crescer da lucta, com a consciencia da justiça e da propria força, quasi certo da victoria, ser surprehendido pelo extrangeiro poderoso, que as ambages da diplomacia captaram em favor de um partido, e, manietado, ter de depôr as armas, é lance, que produz o desespero.

Foi o que succedeu aos partidarios da *Maria da Fonte*.

No seu hymno, cheio de mocidade e calor, os academicos cantavam:

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence!
Morremos,—sim!

Alguns morreram no Alto do Viso, e os outros não poderam vencer, porque a Grã-Bretanha, com o seu pavilhão côr de sangue, caiu sobre elles! E não foi só a Inglaterra, foi a França e a Hespanha tambem.

Quanto vale uma revolução verdadeiramente popular!

Os academicos desembarcaram no caes do Sodré, de uniforme. Fardeta e calça côr de pinhão; o mocho no bonéte.

Era atrevido o passo! Os animos estavam em grande exaltação. Fervia nas ruas a escu-

ma cabralista, escuma que existe em todos os partidos. E eram os que não se tinham batido, —os *batareus,* que mettiam guardas ao Terreiro do Paço e ás Necessidades, que vozeavam nos arraiaes, e, nas noites de luminarias,—justamente os mais façanhudos e scelerados!

Os rapazes vinham decididos a tudo. Eram de si audazes e valentes; as circumstancias augmentavam-lhes a bravura. Não podiam ferir batalha campal, mas impellidos ainda d'aquella força de animo, no mesmo arranco destemido, estavam dispostos a atirarem-se, em duello singular, ao inimigo, que se lhes atravessasse na frente.

O homem resoluto a morrer raras vezes encontra quem lhe affronte os impetos! No caes do Sodré os terçados dos sargentos dos voluntarios da Carta e do batalhão do Algarve ficaram na bainha. A catadura varonil e minaz d'aquella desenganada mocidade conteve-os.

Passados dois dias alguns academicos estavam no Café Martinho com o seu fardamento,

que lembrava as briosas tradições do cerco do Porto, quando o trajavam Almeida Garrett, José Estevão, Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, hoje visconde de Villa Maior,—o pae desventurado, a quem a adversidade arrebatou filha e filho, clarões do seu inverno, na flôr da vida, e na força do talento,—Pina Cabral, e tantos, tantos outros bravissimos rapazes, que fizeram prodigios na Serra do Pilar e na Frecha dos Mortos!

Entre os poucos academicos do Café Martinho destacavam os Guedes de Carvalho e Menezes, Joaquim, Vasco, e João.

Não lhes mentia nas veias o sangue dos seus intrepidos e nobilissimos antepassados!

Joaquim Guedes, em 1846, fôra capitão do batalhão academico, e secretario geral do governo civil de Coimbra, e, passada a reacção de 6 de outubro, governador civil do mesmo districto, a pedido do duque de Loulé.

Quando as forças do conde das Antas seguiram para o Porto, Joaquim Guedes comman-

dava o batalhão provisorio de voluntarios de Coimbra, e embarcou com o seu batalhão para o Algarve, fazendo parte da divisão commandada pelo marquez de Sá da Bandeira.

Na acção do Viso uma bala atravessou-lhe o braço direito, quebrando-lh'o. O braço esteve a pique de ser-lhe amputado.

Vasco Guedes era ajudante d'ordens do marquez de Sá, João Guedes voluntario academico.

Os tres irmãos estavam no Café Martinho, quando foram avisados de que no largo de Camões e no Rocio estacionavam grupos dos batalhões do Algarve e da Carta, á espera dos rapazes para os assaltarem.

Uso das palavras do meu honrado e querido amigo Joaquim Guedes, n'uma carta que n'este momento recebo d'elle. São estas textualmente:

«Respondemos que não insultavamos ninguem, mas que não supportavamos offensas. E alli nos conservámos, dispostos a vender cara a vida.»

A pouco trecho grande numero de homens, armados de sabre e baioneta, entravam, ao passo que outros ficavam ás portas.

Os Guedes e seus camaradas aguardavam.

Não ha nada mais forte do que a união fraterna no momento do perigo. Dois homens, hombro com hombro, valem por dez!

O circulo apertava. Então principiaram os desgarrões da refrega; botijas, taças, copos, bandejas, mesas, bancos, cadeiras, aos pedaços, ás hastilhas, voavam nos ares!

Joaquim Guedes com sua elevada estatura, o peito ancho e abobadado, os olhos em fogo, os beiços brancos, muito enfiado, o braço direito inutilisado, servia-se do outro como de uma acha d'armas; cada pancada era um homem no chão. Força collossal e bravura de raça! Os dois irmãos e os camaradas eram dignos d'elle.

Hoje o juiz togado e integerrimo, já coberto de brancas, deve sorrir-se d'este lance com ufania.

Haver tido d'estes passos, na juventude, é bom para o aconchego da lareira no inverno!

Os academicos estavam senhores do campo. Os lobos, vendo que se achavam rafeiros no redil, retiraram uivando, a chamar pelos outros, que lhes acudissem.

N'isto chegou uma força de infanteria e cavallaria municipal, e o marquez de Fronteira, com a sua urbana fidalguia, pediu aos academicos, que o acompanhassem até ao Carmo, emquanto os animos não serenavam.

Os homens honrados da facção cabralista indignavam-se com estes assaltos dos bandidos, que se filiavam no seu partido; porém as auctoridades, ás vezes, na cegueira da paixão, não viam, ou pareciam não ver, os desaforos, que os exaltados e ruins de condição praticavam todos os dias nas praças e ruas da capital!

*
* *

Poucos dias depois do conflicto, que se dera no Café Martinho, um rapaz, filho de um negociante inglez muito conhecido e respeitado em Lisboa, entrava no Marrare do Arco do Bandeira.

Este moço, F. J., era destemido, robusto e destro em todas as luctas.

Quando chegou ao balcão viu dois sargentos da Carta, com os seus terçados.

F. J. pediu um capilé.

Um dos sargentos, com ar atrevido, disse-lhe:

—Não seria melhor um *grog?*

Com a fleugma ingleza, F. ordenou ao creado:

—Traze um *grog* a ferver. A ferver, ouviste?

O creado, apesar da serenidade apparente

com que foram ditas estas palavras, notou-lhe na physionomia o quer que fosse, e foi cumprir a ordem incontinente.

Os sargentos olharam um para o outro, e pareceram notar, com mais attenção, a estatura regular, mas como fundida em bronze, do moço inglez, a notavel largura dos hombros, o pulso e as mãos solidas, os olhos pequenos, muito vivos e fixos sobre elles, as sobrancelhas um pouco franzidas, as ventas vincadas, o bigodinho petulante, um sorriso ironico, e principalmente um ar de audacia, de consciencia da propria força, que os tornou perplexos e como embaçados!

O creado veiu com o *grog* fumegante.

Tocando no hombro do sargento que lhe dirigira o gracejo provocador, F. disse-lhe:

—Beba.

O sargento, dando um passo atraz, retrucou:

—O senhor está brincando?

—Beba,—quando não, metto-lh'o pela bocca dentro.

Palavras não eram ditas, sargento baldeado com o *grog* na cara, e as ventas a escorrerem sangue!

Estam vivas, e frequentam o Marrare pessoas, que presenceáram o facto. N'um abrir e fechar d'olhos, F. J. arrancou-lhes as espadas, aos dois, e pol-os, porta fóra, a ponta-pé e a murro, no meio da rua!

O caso foi fallado. F. J. não queria entregar as espadas: foi preciso metter empenhos.

Os rapazes d'essa epocha eram de boa tempera. Os d'agora, sejamos justos, fariam outro tanto, se as circumstancias se dessem.

Hoje F. J., um dos mais intimos da minha mocidade, tem o coração trespassado por um golpe cruel. Perdeu uma filha de vinte e um annos, já esposa e mãe, que se debruçava sobre um berço,— sorrindo a um filho recemnascido.

Esta encantadora menina era a luz dos seus olhos, e o encanto do seu lar!

N'aquella casa que uma graciosa rapariga

enchia de gorgeios e de sol, que enorme sombra se projecta agora!

N'estas recordações buliçosas e alegres da mocidade veiu, repentinamente, uma nota dolorosa!

Pobre amigo! — acceita um triste e enternecido aperto de mão!

Novembro, 15, 1883.

A CORRIDA DE TOIROS

NO

CAMPO GRANDE

A CORRIDA DE TOIROS NO CAMPO GRANDE

Antonio da Camara — conde de Carvalhal — inseparavel companheiro da minha mocidade, quiz tambem um theatro na sua casa de Lisboa, na rua de S. Felix, á Lapa.

O theatro surgiu elegante, colorido, doirado, como um gracioso improviso.

Creio que foi a *Mademoiselle de Belle-Isle* do velho e grande Dumas, a peça com que elle se inaugurou.

Os papeis mais importantes couberam a S. J. e a D. Luiz da Camara. Representaram ad-

miravelmente. E que formosa, e, principalmente, gentil e fina, não era aquella S., transformada em *Mademoiselle de Belle-Isle,* abrindo plenamente na flôr perfumada e viçosa dos vinte annos!

N'esse tempo, a sociedade portugueza escolhida não se limitava á dança e ao *boston*.

Havia o theatro do conde de Farrobo,—a *Thalia*,—para onde Almeida Garrett escreveu; as representações de salão em casa dos Palhas, ao Dáfundo; o theatro do conde de Carvalhal; e as reuniões semanaes, exclusivamente de palestra, em casa de Miguel do Canto, ao pateo do Geraldes.

Alli confluiam os grandes conversadores—Carlos Bento da Silva, na flôr da vida; Garrett, José Estevão, e os rapazes da geração nova.

Corriam horas esquecidas e deliciosas n'aquelle divagar de assumptos,—sem declamações emphaticas, nem pretenções eruditas,—em que, de quando em quando, se rastejava uma ques-

tão grave, para saltar subitamente a outra leve e jovial, com a historia a proposito e a anecdota a tempo.

Neste genero José Estevão era um primor!

Não conheci ninguem,—nem durante o meu largo trato com hespanhoes notabilissimos — que reunisse ás condições de narrador extraordinario, como José Estevão, a vivacidade pittoresca, o colorido ardente, a graça exuberante.

De quinze em quinze dias, em casa de Carvalhal, davam-se as reuniões, onde concorriam as raparigas d'então, solteiras e casadas, sobrelevando a todas a condessa de B. pela sua rara formosura.

Caso de dizer: nobresa obriga, porque era filha do mais bello homem da Europa e da gentilissima infanta D. A. de J. M.

Gentilissima era: nunca vi corpo assim. Nem o de sua neta, hoje dama de honor no Paço, com ser tão elegante, rivalisa com o d'aquella airosa e esculptural princeza!

E agora, a proposito, vou narrar um episodio, que não deixa de ter o seu tal ou qual valor historico.

A infanta era cabralista exaltada. Talvez por pirraça a seu marido, um dos cabeças do partido progressista, a que, popularmente, se chamava — a gente da *patuleia*.

Houve uma toirada de curiosos no pateo da casa do conde de Vimioso, ao fim do Campo Grande. Um largo pateo.

Fez-se o curro, o entrincheiramento. Divisão para as senhoras e para homens. Tribuna para quem havia de presidir. Presidia a infanta, e dirigia a corrida o velho e honrado conde da Figueira.

Os rapazes eram, entre outros, D. João da Cunha e Menezes, e seu irmão D. Antonio, João Carlos do Amaral Osorio, visconde d'Almeidinha, Paiva d'Araujo, um grande elegante, conde de Belmonte, Lopes de Mendonça, os Roquetes, Mendes Leal e eu.

Mendes Leal?! Sim, senhores, elle proprio;

todo elle; o poeta, o dramaturgo, o polemista, o orador, o homem de estado e o diplomata!

Pois era elle, de moço de curro; barrete ao lado, colletinho curto, jaqueta ao hombro, cinta encarnada, calção, meia branca e sapato de fivella. O pampilho, é verdade, o enorme pampilho!

E atirava-se *para riba d'elles* com os seus brios, que os tem sempre em tudo; lá lhe caía á cernelha, como um damnado!

Conde de Vimioso, o mestre, no momento em que eu ia pôr um par de ferros num novilho, alludindo ao meu *Se córas, não conto*, exclamava:

—Se marras, não brinco!

Lopes de Mendonça, forcado tão bravo e tão destro como um campino do Riba-Tejo, quando veiu á praça um garraio salgado, de mais poder, bateu-lhe as palmas, e ficou-lhe numa péga real. Teve porém a infelicidade de fazer um grande rasgão com uma farpa na mão es-

querda. O sangue saía em borbotões. Quando subiu á trincheira, para ir curar-se, as senhoras commoveram-se. A infanta, porém, levada pelo rancor á *canalha da Maria da Fonte, á canalha do pé fresco,* disse:

—Deixem correr; é sangue *patuleia:* não se perde nada.

Lopes de Mendonça ouviu este piedoso epiphonema, e no chistosissimo folhetim da semana, com a sua rude franqueza democratica, chamou-lhe leôa desdentada.

A leôa, ferida no melhor do seu amor proprio, saltou, não do covil, mas d'entre a finissima hollanda de seus lençoes arrendados, e rapidamente entrajada pela sua aia, metteu-se no *coupé,* e foi aos dois genros, o conde de B. e o conde de L., para que a desaffrontassem da injuria, que lhe fizera o *patuleia-litterato.*

Conde de B., amigo particular de Lopes de Mendonça, viu-se n'um grande aperto! Decidiram deitar sortes, a ver qual dos genros iria desafiar o auctor das *Recordações de Italia.*

Caiu a sorte ao conde de L.

O duello não chegou a realisar-se. Encontrando-se o conde com Mendonça, houve troca de palavras, e atiraram-se um ao outro, a socco portuguez e desenganado!

Nós, os amigos de Mendonça, esperavamos anciosamente noticias do duello. Corriam as horas; indagavamos aqui e além. Nada! Já entrada a noite fomos procurar Mendonça a sua casa, onde vivia só.

Morava elle então ao principio da calçada do Sacramento. Iamos ao acaso: era o sitio, onde menos esperavamos encontral-o. Batemos-lhe á porta; Mendonça veiu abrir, e exclamou, assim que nos viu:

—Chegaram a tempo. Acabei agora mesmo o final do meu drama.

—Então, homem, o que se passou? O que ha a respeito do duello?

—Qual duello, nem qual diabo! Escalavrámo-nos a murro secco.

E narrando rapidamente o episodio, sentou-

se á banca, e leu-nos, d'um folego, o ultimo acto da sua peça *Affronta por affronta.*

Como drama valia pouco. O assumpto era a lucta entre nobres e plebeus, thema de que, ainda ha poucos annos, tirou partido Sardou em França e Pinheiro Chagas em Portugal. Tinha principalmente o valor do estylo, o estylo manuelino, e ao mesmo tempo transparente, luminoso e colorido, que nos fascina em tantas paginas brilhantissimas do desventurado auctor das *Memorias de um doido!*

Março, 1883.

A QUINTA DA RABICHA

JOÃO DE ABOIM

A QUINTA DA RABICHA

JOÃO DE ABOIM

Foi cortada pelo caminho de ferro de Cintra. Ficava debaixo do arco grande do Aqueducto. Diogo Alves, com os seus bandidos, atirava d'alli abaixo, depois de roubados, os passeantes de todas as classes, que iam admirar a vista daquelle delicioso suburbio da cidade! A principio attribuiam-se a suicidios os nefandos crimes.

A Quinta da Rabicha era pequena e em fórma de triangulo. Toda colmada de um odorifero e viçoso pomar, que dava primorosas laranjas. Agua abundante e corrente.

A amenidade do sitio contrastava com os rochedos escalvados, que diziam para o poente. Nos arredores de Campolide muitas casas em ruinas, esburacadas de balas de fusil e artilheria, dos assaltos dos realistas á cidade, nos dias nefastos da grande guerra de D. Pedro e D. Miguel.

Na Rabicha, o sumptuoso *hotel*, ao ar livre, debaixo d'um parreiral, ao pé do tanque, sempre trasbordando d'agua, fornecia as pescadinhas de rabo na bocca, ovos duros, queijo saloio, pão de Bellas, alface repolhuda, a verdadeira alface lisboeta, que nem a de Roma lhe dá de rosto. Era um banquete. Um cruzado novo—480 réis—sobrava para quatro homens comerem e beberem á farta!

Comparar o preço da alimentação d'aquelle tempo com o de agora produz tonturas de cabeça! Vinho, fóra de portas—e as portas eram logo alli, em Alcantara—trinta réis a canada; pão a vinte e cinco; uma pescada do alto, de lombo negro, que chegava para uma familia

regular, seis vintens; manteiga de Cork da mais fina, e a melhor que se conhece, ou que já se não conhece, onze, doze vintens o arratel!

Fructa de graça, e que fructa! A pera do conde, a marqueza, a corrêa, a de sete cotovelos, a virgulosa, a colmar. Tudo isso desappareceu, quasi completamente. Fizeram-se umas enxertias, que, sem produzirem as finissimas peras francezas, estragaram as nossas.

Em compensação, a cidade era uma necropole e um muladar. Os candieiros de azeite, a respeitosa distancia uns dos outros, bruxuleavam mortiços e fumosos. Nas noites em que a folhinha dava lua, embora os cumulos toldassem o céo tempestuoso, não se accendiam! Da bocca da noite em deante, dos primeiros aos quintos andares, os gritos constantes de—Agua vae, ou Agua foi—como clamava Bocage, vituperando, em termos obscenos, a fregona, que o tinha baptisado com os balsamos nocturnos! Os grilhetas do Castello, do Limoeiro, da Cova

da Moira e do Hospital da Estrella, acorrentados, carregando agua ou trabalhando nas calçadas. O *omnibus,* atravessando vagarosamente, pesado e triste como uma tumba, do Pelourinho até Belem. O mercado de porcos, onde hoje campeia a arejada e elegante praça do Principe Real. O Passeio Publico fechado como uma jaula! Agora temos lá a desafogada e magestosa Avenida.

*

* *

No verão de 1847, os rapazes da Maria da Fonte, ao mando das potencias extrangeiras, embainharam a espada no Alto do Viso.

Que rapazes! Como corriam ao assalto, cantando alegres:

Somos moços, somos livres,
Somos, de mais, portuguezes!
O dever nos chama á guerra:
Affrontemos seus revezes!

Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence!
Morremos, sim!

E não era rhetorica! No Alto do Viso, o primeiro que baqueou, á frente dos academicos, atravessado pelos peitos, foi o seu bravissimo commandante, Fernando Mousinho d'Albuquerque. O segundo — e esse para não mais se levantar — Fialho, o grande amigo de D. Antonio da Costa de Macedo. Antonio da Costa, formoso talento e nobre coração, ainda passados muitos annos, não memorava esse dia sanguinolento e o seu condiscipulo e camarada, sem que os olhos se lhe enturvassem de lagrimas.

Os rapazes de hoje, quando apódam os velhos, não o fazem por malevolencia, obedecem a uma corrente, a mais impetuosa, a da moda: não sabem que acções elles praticaram, nem que livros escreveram! Os novos, se um dia

tiverem de contrastar as refregas da má fortuna, correndo os annaes da patria, farão justiça a esses homens, que souberam trabalhar, amar, e morrer!

Em 1848, os conflictos davam-se todos os dias, nas ruas e praças da capital, entre os *patuleias* e os sicarios do batalhão da Carta. Os odios estavam latentes e não se perdia lanço de conspirar. Nas reuniões secretas, presididas pelo conde das Antas, nos cafés, nos passeios de campo, em toda a parte, iamos fazendo a nossa propaganda. Quando rebentou em Pariz a revolução de 48, cobrámos novos alentos.

Emilio Augusto Zaluar, João de Aboim, e Souza e Almada eram meus intimos. Elles já homens feitos; eu nos primeiros annos da adolescencia, mas acompanhava-os nas suas idéas e planos de reacção. Faziam versos, romanticos, descabellados; porém com chispas de talento. Zaluar continuou, e, no Brazil, onde esteve largos annos, alcançou nome litterario, justamente festejado.

Um dia saí-me eu com o *Se córas, não conto.* Abraçaram-me como se fôra o seu irmão Benjamim, e, a occultas minhas, puzeram-me os versos n'um jornal. Quando vi o meu nome em lettra redonda, precedido de algumas palavras benevolas, julguei-me coroado no Capitolio! Que dia, nadando em luz, foi para mim aquelle!... Ainda o bemdigo hoje, porque ás lettras, que me não tem dado gloria nem haveres, devo as horas luminosas e gratamente enleiadas da minha vida modesta.

*
* *

Todos nós gostavamos do campo. Davamos largos passeios, e na primavera e verão, muitas tardes iamos caír na Rabicha. Ás vezes apparecia um companheiro a mais, rapaz de merito, e uma das melhores almas que tenho conhecido — era Luiz Ribeiro de Sá, — o Lulu, — como nós lhe chamavamos. N'aquelle banquete

ao ar livre, com a popular pescadinha, o queijo saloio, crepitava a alegria!

Que planos, que futuros, que protestos de jámais nos separarmos! Passavamos diplomas de genio uns aos outros, revelavamos segredos do coração, decidiamos das altas questões do estado!... E a nora a gemer, e o pomar ondeando, e o sol fecundo da nossa primavera no azul immaculado!

O dia de S. João de 1848 foi o ultimo que passámos na Rabicha. Na noite d'esse dia deuse um acontecimento grave, e que ia sendo fatal!

João de Aboim tinha entrado, como um valente, que era, na refrega do Alto do Viso. Logo no principio da batalha, defrontou com o Pancada, official do campo inimigo. Ambos estavam a cavallo e ambos eram bravos. No duello singular e rapido, o Pancada apanhou um leve gilvaz. Ficaram de reixa velha.

Nessa noite pois de S. João, pela volta das dez horas, aos Poyaes de S. Bento, João de

Aboim deu de rosto com o Pancada, que era da Guarda municipal,—capitão, se bem me lembro. Jogaram-se um ao outro; Aboim com uma boa bengala de canna da India, Pancada com a espada nua. Aboim partiu-lhe dois dentes; Pancada deu-lhe duas cutiladas na cabeça, que o deixaram por morto.

O poeta, logo que se restabeleceu dos graves ferimentos, partiu para o Rio de Janeiro.

Pois ainda não ficou a coisa por alli. No verão de 1851, João de Aboim voltou do Brazil. Passado tempo encontrou o Pancada, ao pé da egreja de S. Domingos. Ambos vinham desarmados. A lucta foi a braços. D'essa vez, Aboim levou a melhor. O adversario ficou muito pisado. Vamos, que os dois tinham a garra dos falcões primazes!

Augusto Zaluar foi para o Rio de Janeiro, e por lá ficou, como já contei nestas *Memorias*.

Quando hoje atravesso a Rabicha, no caminho de ferro, deixo de ouvir o ruido do trem, de sentir o fumo da machina... A memoria

traz-me o aroma do pomar, o gemer da nora, os meus primeiros versos, os amigos que perdi, e... uma grande saudade!

Monte de Caparica, Torre. Fevereiro, 16, 1893.

O MARRARE DE POLIMENTO

—

PASSOS MANUEL

O MARRARE DE POLIMENTO

PASSOS MANUEL

Em 1848 o Marrare de polimento, no Chiado, tornara-se o ponto de reunião de todos os elegantes e homens superiores de Lisboa.

Foi notavel aquelle café; assumiu um caracter litterario e politico, que hoje pertence á historia. Alli só entravam pessoas que andassem em certa roda; as outras não se sentiam á sua vontade em semelhante convivencia, ou em tal meio, como agora se diz.

O Marrare parecia uma casa de numerosos hospedes, todos parentes, mais ou menos proximos.

A generosidade portugueza — sem sombra de patriotismo, não conheço homem mais bizarro do que o portuguez, desde o popular até ao fidalgo,—a generosidade portugueza, digo, começava pelo dono do estabelecimento, e seguia nos seus freguezes. Os creados eram d'uma polidez, rara ainda hoje, comquanto n'este genero, em geral, se tenha adeantado muito.

O serviço magnifico, não no esplendor da casa, nem da baixella, mas nos generos.

Dizer mal do presente e gabar sempre o passado, é de caturra pertinaz e ridiculo; condemnar em tudo o passado e laurear só o presente, é de parlapatão futil, se não de tolo chapado.

Lisboa tem hoje uma profusão de hoteis, como d'antes se não sonhava. Esses hoteis, alguns d'elles, são de primeira ordem em qualquer parte. A mesa redonda abundante, opulenta, e relativamente barata. O serviço bom. Os creados com uma educação desconhecida nos nossos famulos da antiga casa de pasto nacional. Com tudo isto em Lisboa comia-se e be-

bia-se finamente, e agora não se prova da filigrana culinaria, senão em caso muito singular!

Onde existe Vatel capaz de fazer cozinha com cebo? Pois em Lisboa, e tambem em Pariz, não se tempera com outra coisa nos hoteis, salvo raras excepções.

Algum boroeiro, quando regressa de França, lambe-lhe os beiços, exclamando:

— Comi do fino no hotel d'aquem e no hotel d'além!

Não comeu tal. O paladar, affeito á borôa e berças nativas, tomou, como iguaria exquisita, o que não passava de badulaque, mais ou menos disfarçado com enfeites e pinturas.

Sem manteiga superior, queijo parmezão legitimo, e vinho generoso, não ha cozinha delicada. Ora a manteiga é banha, o queijo batata e o vinho surrapa! E lá fóra é o mesmo, ou peior.

Em Italia o queijo parmezão apparece, ainda nas mesas dos hoteis mais modestos, porém todo elle adulterado, como o que se vende aqui.

Em 1848 a vida em Lisboa era barata.

A manteiga e o queijo inglez saíam dos ubéres da vacca. A chimica, felizmente, ainda se não mettia n'essas ninharias.

A manteiga de Cork, a melhor, vendia-se a doze vintens o arratel. Ninguem fallava na doença das vinhas, e desde o vinho de pasto, até ao generoso, em nenhum se dava a mais leve adulteração. O vinho de mesa, o nosso excellente Bucellas, por exemplo, em annos d'abundancia, vendia-se a quatro vintens a canada,—dois vintens a garrafa,—dentro de portas!

O Porto e Madeira, genuinos e soberbos, estavam ao alcance de qualquer bolsa mediocre.

Nas tres casas de pasto principaes, Chapellier, na rua do Ouro, João da Matta, ao Caes do Sodré, e Simão, no largo do Pelourinho, jantava-se admiravelmente. No Chapellier, os jantares eram só de encommenda, e a meia moeda por cabeça, sem vinhos.

Os vinhos extrangeiros, que os tinha optimos, custavam relativamente barato.

João da Matta, nos tempos aureos, quando se cobria com o seu gorro, punha o avental em fórma de coiraça, commandando elle proprio o fogo das baterias, era um cabo de guerra eminente!

Lopes de Mendonça, no folhetim da semana, floreava a espada deante do seu nome, e entregava-lhe o bastão de marechal!

Simão era italiano, e viera a Portugal como cozinheiro do marquez de Niza. Estabeleceu-se primeiro na rua do Crucifixo, e depois, mais largamente, no Corpo Santo, no primeiro andar do predio que faz esquina para a rua do Arsenal, onde está hoje um alfaiate. Esses jantares, a cruzado novo — 480 réis! — eram magnificos! Simão, como homem de tacto, reunira á cozinha italiana a franceza e a portugueza. A primeira parte do jantar era portugueza: o soberbo e delicioso cozido. Depois grande profusão de pratos, onde primavam os italianos. O vinho de pasto, branco e tinto, á discripção!

Ha ainda duzias de pessoas vivas, que frequentaram aquella casa.

Uma vez convidei um rapaz, chamado Santos, que era professor de instrucção primaria na villa d'Arruda, a jantar no Corpo Santo. Este moço, que está vivo e robusto, era o melhor dente, que tenho conhecido. O echo das suas proesas ainda retumba na Arruda e suburbios!

Queria vêl-o n'aquella batalha!

Tomou á escala vista o cozido; carregou á bayoneta Portugal, França e Italia, representadas nos diversos pratos; varreu a sobremesa como um cyclone, e acabou por se atirar á Inglaterra, symbolisada n'um queijo de pinha, especie de pyramide, que elle arrancou, sepultando-a no estomago-abysmo! Eu, com a ruina do dono da casa, via-lhe imminente uma apoplexia! Elle, com a serenidade dos fortes, sorria aos meus receios puerís!

N'esse tempo, a batata dos nossos terrenos delgados, tão saborosa como a ingleza, ainda não estava gafada do mal. A batata vae tambem do brazido do cavador de enxada á mesa

do duque. Pode dizer-se d'ella, o que dizia Castilho, no *Moretum*, a proposito da

> ..... alface:
> que entre lautos festins mostra, sem pejo, a face!

A chamada aguardente de França, que os elegantes de então engeitavam pelo Cognac, não ha hoje — Tres Estrellas — que lhe dê de rosto. Com os vinhos francezes succedia outro tanto: eram legitimos. Quem, de paladar fino, pode tomar essa infusão de Cartaxo, que hoje nos vem de fóra com o nome de Bordeus, e que não é Bordeus, nem Cartaxo?

Estou convencido que a contrafacção da mesa, com os seus engorduramentos, tem concorrido muito, para que saiam obesos e aleijados grande numero de alexandrinos, que ultimamente por ahi têm apparecido, ajoujados com as rimas parnaseanas! São tambem indigestões... metricas.

*

* *

O Marrare era o Centro da mocidade e dos homens feitos, em 1848.

Passos Manuel—com Oliveira Marreca, Almeida Garrett, José Estevão e Alexandre Herculano, este ás segundas e quintas feiras, na volta para a Ajuda,—era certo no Marrare.

Passos Manuel! Que bella physionomia a do grande tribuno e nobre patriota! Estava ainda na força da vida. Estatura regular; forte; cara redonda, mas com uma finura e expressão de feições, que subjugava a alma pela sympathia, como a sua palavra nos transportava com a fecunda eloquencia! A voz tinha um tom velado, delicioso. Os olhos garços faiscavam, como as estrellas arripiadas pelo norte limpido. Na conversação as anecdotas matizavam pittorescamente o discurso. Facilidade de palavra assim nunca vi! A bocca, fina e graciosa, parecia es-

pecialmente talhada para aquella rara e elegante fluencia.

Era correcto na phrase, como Rodrigo da Fonseca Magalhães, e, como este, leitor assiduo de Tacito e Plutarcho. Na tribuna a sua voz e a sua paixão só podiam ser egualadas por José Estevão.

No bello rosto, com a exuberancia do talento, respirava a grande bonhomia do seu caracter.

Que simplicidade a d'aquelle homem, que subjugara na praça publica a multidão alucinada e embravecida, obrigando, nos salões do Paço, a curvar a cabeça submissa uma rainha, audaz pela intelligencia, soberba pelo sangue, e desenganada pelo caracter!

Como era ingenuo e bom aquelle burguez, com a sua sobrecasaca longa, a sua camisa de linho alvissimo, os collarinhos sem gomma, e o lenço preto, atado ao acaso, no meio dos rapazes, que elle acariciava, influindo-lhes a sua experiencia, o seu saber, os pensamentos do seu luminoso talento, com a singeleza de Christo

fallando aos humildes! Oh! Deus de misericordia! que lastima me fazem uns entufados das lettras e da politica, que andam por ahi, e que, por mais que labutem, não logram nunca esconder na tumescencia do grande homem o bacharelito!

Os dois rapazes, que hombreavam com o grupo d'estes cavalheiros eminentes do gabinete do Marrare, eram mais velhos do que nós. Chamavam-se Mendes Leal e Rebello da Silva. Mendes Leal lia-nos as suas soberbas *Indianas* e o *Ave, Cesar*.

Rebello da Silva, com os formosos olhos peninsulares e a bocca voltaireana, mas sem dicacidade malevola, tomava parte activa na conversação. Quando aquella bocca se abria, era como uma torrente luminosa! Sim, caudal de prata, rebentando do açude, espumante e prismatica, dardejada pelo sol que se accendeu no azul, transparente e immaculado, de um dia de abril!

*

* *

A revolução de 1848 havia rebentado. Nós, os *patuleias,* estavamos álerta, e o partido cabralista de olho attento sobre nós. Fazia bem, como partido adverso, porque nós conspiravamos. Lopes de Mendonça escrevia libellos politicos com lettras de fogo. José Estevão fallava nas associações secretas. O conde das Antas presidia ás reuniões dos rapazes. Soprava-se o fogo sagrado, e o enthusiasmo accendia-se.

No Marrare combinou-se uma toirada a favor das victimas dos ultimos acontecimentos. Os da Carta e do batalhão do Algarve não se atreviam a enxovalhar os rapazes progressistas, que entravam na corrida, porque o povo era por nós, e n'esse momento esmagava-os.

Antonio d'Oliveira Marreca, Passos Manuel e José Estevão, como bons e leaes portuguezes, gostavam de toiros, e foram applaudir os rapazes.

José Estevão, ao ver-me apanhar um boleu, exclamava:

— Prendam aquelle menino, que os bois não fazem versos!

As mulheres victoriavam phreneticamente as gentilissimas figuras dos dois cavalleiros, D. João da Cunha e Menezes e D. José de Mello e Castro!

Alexandre Herculano, em questão de toiros, era um portuguez degenerado. Nunca viu uma toirada.

— Sou do partido do toiro, dizia elle; iria lá, sabendo que o animal de quatro pés levava a melhor ao outro, ao de dois, menos valente e mais feroz.

Á sala do Marrare seguia-se, á direita, um corredor, com mesas de pedra a um e outro lado, e um espelho ao fundo; logo depois a casa do bilhar, n'uma especie de pateo, coberto com uma larga claraboia. Á entrada, á direita, havia um pequeno gabinete, onde, no verão, as senhoras tomavam neve. No inverno era esse o

gabinete predilecto de Manuel Passos e dos seus camaradas politicos, alguns da emigração, como Herculano, Marreca e José Estevão.

Á parte o talento, esses homens tinham para narrar coisas extraordinarias!

Seja qual fôr o ponto de vista, por onde o historiador encare a revolução liberal, a verdade é que nenhum espirito despreoccupado e justo lhe pode negar a grandeza. Não eram rhetorica as palavras — masmorra, exilio, patibulo, campo de batalha! Uns tinham gemido nos ergastulos, outros experimentado as penurias da emigração. Este perdera um parente ou um amigo na forca, aquelle tinha assignalado no corpo, por uma cicatriz, um dia de refrega!

Manuel Passos, nas conversações do Marrare, tomava a presidencia. José Estevão, seu rival na palavra, tinha por elle, além de veneração, respeito, que se sentia, apesar da fraternidade com que se tratavam.

É que o homem da *Belemzada,* nos dias bruscos da revolta, tinha sido uma arrojada,

nobre e elevada figura, entre os desatinos sanguinarios da facção popular, e a pertinacia, que podia ser mais sanguinolenta ainda, do partido do Paço, á frente do qual estava uma mulher de prestigio, de intelligencia perspicaz e energia masculina!

Para nós, os rapazes, aquellas narrativas, palpitantes de verdade e colorido, feitas sem pretenções, como á lareira, tinham um poder singular: parecia-nos, ás vezes, que as linhas physionomicas d'aquelles homens se confundiam com personagens notaveis, que haviamos conhecido na historia!

Na primavera de 1843 outra figura apparecia á mesa do Marrare: um moço na flor da vida; baixo, nariz adunco, olhos penetrantes, faiscando atravez das lentes, encaixilhadas n'um aro de oiro muito delgado; bocca fina, levemente vincada e contrahida sobre os cantos; suissas negras, anneladas e finas, deixando livre a ponta do queixo, forte como o da estatua de pedra, que o cinzel não alindou; ma-

ças do rosto proeminentes; picado de bexigas.

Chegara de França, onde ouvira Armando Trousseau na cathedra; Berryer e Guizot no parlamento; Lamartine no fôro, ao ar livre, entre as ondas da revolução, subjugando essas ondas, como a voz de Demosthenes dominava o mugido das vagas, que batiam as arribas do mar!

Travara relações com José Estevão em Pariz, quando este emigrara pela segunda vez. O novo frequentador do Marrare concluira em França o seu curso, doutorando-se em medicina. Prosador elegante e orador didactico de primeira ordem.

Este rapaz d'então era o meu velho amigo Thomaz de Carvalho.

Os acontecimentos de França accendiam os animos em Portugal. O governo vigiava.

O medo começou a entrar com elle. O medo é sempre mais ou menos cruel. Se Robespierre não fosse tão covarde, não era tão feroz.

Inventaram a revolução das viboras.

Os convivas da sala do Marrare levantaram. José Estevão e Antonio d'Oliveira Marreca tiveram de homiziar-se. Alexandre Herculano encerrou-se na Ajuda. Passos Manuel partiu para a sua vivenda do campo. Cincinnato, com um sorriso levemente ironico, retirava-se da côrte, e deitava mão da rabiça do arado!

Alguns patriotas menos felizes, como o meu honrado amigo Manuel de Jesus Coelho, o sr. Duarte Nazareth, hoje vedor do Paço, e outros, foram parar ao Limoeiro.

Antonio Rodrigues Sampaio escapou, e andava por toda a parte, indo frequentemente visitar os seus camaradas á cadeia.

Sampaio, o Hercules da polemica, parecia dos mais compromettidos, e decerto era o mais terrivel adversario d'essa epocha, nas columnas da *Revolução de Setembro*.

Não lhe deitaram a mão!

Nunca pude explicar o facto.

Novembro 14, 1883.

A PRIMEIRA VISITA

AO

VALLE DE SANTAREM

A PRIMEIRA VISITA AO VALLE DE SANTAREM

Ayres de Sá Nogueira, irmão do marquez de Sá, homem de grande actividade e emprehendedor, fundou, em 1849, uma associação agricola, chamada a *Liga*. As primeiras reuniões deram-se no theatro de D. Maria II.

O pae de Rebello da Silva, Luiz Antonio Rebello da Silva, era homem de talento e jurisrisconsulto notavel. Tinha a palavra exuberante, comquanto não possuisse a faisca genial do filho, e a graça viva, que se desatava em torrentes na conversação improvisa, uma das con-

dições d'aquelle privilegiado e robusto talento, que escreveu a *Mocidade de D. João V.*

Luiz Antonio, quando tinha demandas entre mãos, tornava-se terrivel; era um massador deshumano! N'uma palavra, declamava os autos! — o que fazia o pasmo e muitas vezes o desespero de Alexandre Herculano, de quem era intimo.

De uma vez, preparou elle a mala, para passar uns quinze dias na sua quinta do Valle de Santarem. Ás cinco da manhã estava na rua, com o creado atraz, a caminho do Terreiro do Paço, para chegar ao vapor, que partia cedo. Note-se, que então a viagem a Santarem levava desde as sete da manhã até ás dez da noite, e ás vezes mais!

Luiz Antonio descia a rua de S. Bento — trazia n'esse tempo demanda comsigo — e á esquina da calçada da Estrella deu de cara com Rodrigo da Fonseca Magalhães, que uma circumstancia imprevista obrigava a saír áquella hora.

— Ó Rodrigo, tu por aqui, a estas horas?!

Rodrigo ficou varado. Conheceu-lhe logo, no acceso dos olhos, a febre da demanda. Soltou um suspiro, dizendo:

— E com muita pressa, muita pressa.

— Ora, ouve lá.

— É negocio urgentissimo — retrucou Rodrigo, a ver se escapava.

— Escuta lá, homem. Aquelle illiçador e bulrão d'esta terra...

Ó bulrão e illiçador era sempre o seu antagonista no pleito.

Tinha já aferrado Rodrigo pela banda do redingote. Não havia largar; possuia a garra de um falcão real!

Ás dez horas, Alexandre Herculano dobrou a calçada da Estrella, encaminhando-se para a Torre do Tombo. Vendo-os, coseu-se com a parede. Rodrigo estava livido! Luiz Antonio suava, mas fallava ainda!

Não se imaginam os gestos e os chistes de Rodrigo da Fonseca Magalhães contando esta anecdota. Muitas vezes lh'a ouvi.

Um domingo,—na Liga,—o pae de Rebello pediu a palavra, disse a primeira phrase, e caiu morto.

*
* *

Luiz Augusto, filho unico, ficara com todos os haveres do pae, importantes, entre os quaes se contavam a casa e a quinta do Valle de Santarem. Um mez depois da morte do pae, Rebello da Silva pediu a Herculano e a mim para que o acompanhassemos a passar uns dias na sua propriedade. Herculano, como muito entendido em coisas agricolas, devia esclarecel-o, indicando-lhe os meios de tirar maiores vantagens da quinta.

A viagem no vapor era tardia, mas agradavel; quasi sempre concorrida e animada. A primeira paragem dava-se em Alhandra, a segunda em Villa Franca de Xira, seguia-se Villa Nova e depois o Carregado. A travessia pela

valla, á sirga, muito demorada e monotona; mas lá vinham umas margens bordadas de freixos e salgueiros; as batardas, atravessando com o vôo descançado e a envergadura enorme; as bandadas de patos bravos no inverno, e de mancões no verão; os pertos e longes da campina; os toiros ruminando no hervaçal, mansos, sem sombras de aspecto minaz, como se lhes não corresse no sangue a nativa ferocidade; e o campino, com o seu cavallo e a sua vara.

O nosso campino é o cavalleiro mais gentil de toda a Peninsula. Os guardadores hespanhoes são desempenados e elegantes, mas não hombreiam com os nossos, quando trajam a rigor: sapato aberto, de salto raso e prateleira, meia, calção, fivella, cinta, collete muito decotado, jaleca quasi sempre ao hombro, e barrete.

Os campinos, n'aquelle tempo, eram como uma raça á parte: sem serem nomades tinham o que quer que fosse do arabe: o cavallo, o

pampilho, que é a sua lança, e a hospitalidade na poisada!

As rixas decidiam-se com um pau de cobrir. Eram os primeiros jogadores de todo o paiz. Desde Alhandra até á Ribeira de Santarem, campino que usasse de navalha seria a deshonra de uma familia, de avós a netos. Isso hoje mudou, e está muito adeantado com a civilisação!

Não ha cavalleiro em praça, por mais destro que seja, que chegue á elegancia d'um campino, só, desamparado, virando um toiro, que reponta com todo o poder da sua força folgada, aos circulos, sobraçando o pampilho, e mettendo-lhe o ferro onde convém. É bonito, e é de destemido; mas, como valor, fazem mais.— Andam lavrando com o gado bravo; ha toiro que se nega a pegar á charrua? Pois não é raro o campino bater-lhe o pé e as palmas, atirar-lhe com o barrete, abrir lhe os braços, gritando: — Entra aqui, boi real! — e pegar-lhe desembolado; isto é, jogando a vida presa a um cabello!

Não ha passe de *capote,* nem de *muleta,* em que o *espada* mais arrojado se arrisque com tamanha intrepidez!

*

* *

Fallando do Valle de Santarem, Alexandre Herculano disse que, depois das *Viagens na minha terra,* aquelle sitio era como o pomo vedado. De facto, Garrett com tal correcção de linhas e propriedade de colorido o pintou, que não ha tocar-lhe. Eu estava nos meus vinte annos; sabia de cór as *Viagens*; a imaginação era-me um pouco viva, amava a natureza e a arte.

É o que me tem valido! Se não fosse o campo e os livros, vendo isso que para ahi está, e lembrando-me dos homens que me desappareceram, tinha rebentado!

Era plena primavera. N'um ramalhete ondeante de loireiros, que sombreavam a azenha, os rouxinoes cantavam, e eu julgava ver os

olhos verdes de Joanninha, faiscando como esmeraldas, ao escutar os hymnos d'aquelles trovadores alados, que, do caír da noite até á madrugada, improvisam, ha milhares de annos, o poema vivo, que faz palpitar todos os corações juvenís!

Dez annos depois, voltei a esse valle com minha irmã, no momento mais amargo da minha vida, a pouco trecho da morte de minha mãe. Vae hoje para trinta e quatro annos que isto se passou, mas tenho tão vivas como se foram hontem, na memoria do coração, as finezas de todo o genero, que devemos a Rebello da Silva, e a sua mulher, a sr.ª D. Maria Henriqueta Teixeira Coelho de Mello, n'uma longa temporada que lá estivemos. Se não fossem elles, talvez eu tivesse perdido minha irmã, em quem o golpe produzira extraordinarios phenomenos nervosos. Aquelle ar, a belleza do sitio, e principalmente, e sobretudo, o fraterno carinho dos nossos hospedes, salvaram-a!

O seu filho Luiz teria então quatro annos.

Era uma creança encantadora. É hoje par do reino, homem de talento, e de probidade summa.

Rebello da Silva já não pode ver como, passado tanto, lhe sou grato ainda, mas á sr.ª D. Maria Henriqueta, cujas mãos beijo, aqui lhe renovo os meus agradecimentos.

No dia seguinte á nossa chegada ao Valle, — da primeira vez, — logo de manhã, appareceu uma visita. Era um rapaz na flôr da vida, nosso intimo. Viera de Pariz havia pouco, depois de ter completado brilhantemente o seu curso de engenheiro. Assistira á revolução de 48; vibrava ainda com os acontecimentos, que enthusiasmaram os rapazes d'aquelle tempo. A mocidade de então ainda tinha enthusiasmos, e não se envergonhava d'elles! O amigo, que de Santarem viera visitar-nos, era Joaquim Thomaz Lobo d'Avilla, actual conde de Valbom.

Partimos n'esse mesmo dia para sua casa. Lá passámos tres deliciosos dias, e mais larga seria a hospedagem affabilissima, se não fosse a urgencia de regressarmos ao Valle.

*

* *

Viajar com Alexandre Herculano era, ás vezes, ouvir lições de historia, na mais elevada, elegante, e ao mesmo tempo despretenciosa linguagem. Ao visitarmos as ruinas de Santarem, de uma pedra de marmore, onde o punção abrira algumas lettras, de um troço de columna gothica, de uma volta pontaguda de abobada, reconstruia aquelle espirito de artista, com a sua grande penetração historica, como que a primitiva fabrica. Assim nos aconteceu na Alcaçova, quando elle, commovido e enthusiasmado, enfurecido ás vezes, condemnava os iconoclastas, que tinham destruido o primor de arte de Pedro Arnaldo!

Annos depois voltou a Santarem, e a proposito da Alcaçova escreveu uma soberba carta ao marquez de Sabugosa.

Que aprazivel convivencia foi a nossa no seio

da familia Lobo d'Avila, onde primava a mais selecta educação. N'essa familia resplandecia a irmã, nos primeiros annos da mocidade, sympathica, talento vivo, digno do nobre coração, tão nobre que praticou, um dia, um acto de heroicidade!

Hoje, o conde de Valbom, depois de haver exercitado, por vezes, o consulado, e representado o seu paiz nas primeiras côrtes da Europa, lá de onde em onde, ha de relembrar esses dias, que o mestre passou em sua casa, e com elles, a aragem fresca e balsamica da mocidade!

Monte de Caparica, Torre. Fevereiro, 16, 1893.

A CRUZ MUTILADA

AO EMINENTE ORADOR

ALVES MENDES

A CRUZ MUTILADA

Em 1849, Alexandre Herculano tinha trinta e nove annos e umas pernas d'aço. Havia-as exercitado pelas serras dentadas, escalões, e fraguedos, como valente soldado de infanteria no heroico regimento de Voluntarios da Rainha.

Saúdo-te, meu honrado mestre, que, para seres grande em tudo, eras tambem um bravo!

O marquez de Sabugosa e eu, tinhamos nossas fumaças de bons andadores. Ufanavamo-nos de, havendo saído d'uma reunião em casa do marquez de Penalva, á Patriarchal, de

chibatinha na mão,—das que então se chamavam *polkas,*—irmos até ao palacio de S. Lourenço, a Santo Amaro, e, resolvendo-nos subitamente, sem pregar olho batermos comnosco em Cintra!

Contámos, com certo orgulho, a aventura a Alexandre Herculano, quando na volta, que foi tambem a pé no dia seguinte, lhe caímos em casa sobre a ceia, impando de gloria e mortos de fome; porque o nosso dinheiro, n'aquella viagem, fôra meia moeda, e quando regressavamos, chegando a Queluz, possuiamos 30 réis, que comprámos de uvas!

Quem nos dera agora tal miseria com aquella mocidade!

Alexandre Herculano, esfregando as mãos e sorrindo, disse-nos:

—Qualquer dia, prego-lhes umas calças, rapazes!

Combinou-se uma ida a pé a Cintra, para ficarmos uma semana na serra, no convento do Carmo, que pertencia ao conde de Lavradio, cunhado do marquez de Sabugosa.

*

* *

Era no fim de setembro. Levantámo-nos ainda muito de noite. De sacco a tiracollo, com leve bagagem, e sapato de salto raso — sapato de campino, que é o melhor, — cada um pegou no seu cajado, e partimos serra de Monsanto acima, cortando para Queluz, onde deviamos almoçar.

Dos altos da serra via-se já o sol a romper, atirando horisontalmente as frechas rubras sobre o escudo brunido e esverdeado do Tejo.

Como abriamos o coração desafogado aos esplendores da naturesa, nós moços, e enthusiasmados, por termos como camarada e amigo aquelle homem, que nos illuminava, e influia animo, na nossa humilde penumbra litteraria!

Até Queluz o caminho era bravo, — tudo serra. Não havia estrada. Herculano seguia a

passo cadenciado e militar; o corpo curvado e pendido um pouco sobre o lado direito. Pelo caminho ia-nos contando os passos do seu tempo de soldado; os dias mais felizes da sua vida, e tambem os da emigração, com terem tido muitas horas amargas.

Em Inglaterra e em França associara-se com mais tres camaradas. Os meios eram poucos, quasi a penuria. Cada um d'elles devia fazer a sua semana. Os companheiros oppozeram-se, tenazmente, a que Herculano cumprisse com este dever, allegando que elle se tornava muito mais util nas bibliothecas do que na cosinha.

O poeta da *Harpa do crente* passava muitas horas do dia entre magnificos livros. Era um latino forte, conhecia bem francez, inglez e allemão. Tinha os meios para saber tudo.

Essa epocha da sua vida foi aquella, em que o espirito lhe recebeu mais efficaz e mais violento impulso. As melhores das suas composições em verso foram escriptas no exilio.

Ó meu pae, ó meu pae! como a memoria
Me reflecte, alta noite, a tua imagem,
Por entre um veu de involuntario pranto!

Exclama elle, n'estes magnificos versos, que estão revendo lagrimas!

Alexandre Herculano adorava o pae, homem illustrado. Ainda ha dois dias que, em casa do meu amigo João Galhardo, soube pela irmã de Herculano,—intelligente senhora e retrato vivo do irmão, a viuva do bravissimo general Galhardo,—que o pae do auctor da *Historia de Portugal* era quem educava os filhos com todos os preparatorios para seguirem estudos superiores. A avó de Alexandre Herculano era tambem senhora de notavel talento. O morgadio, que Herculano tornara opulentissimo, tinha pois legitima procedencia na familia.

Foi na palestra do caminho de Queluz, que elle nos fez uma revelação importante—a historia de dois roubos que praticara!

Um d'elles, nem mais nem menos, do que

precedido d'assassinio! Os casos nefandos passaram-se assim.

De uma vez, depois de algumas horas de fogo, desalojado o inimigo, chegaram a um casalito, abandonado pelos seus moradores.

Era momento de fazer alto. A fome apertava-o e a mais tres dos seus camaradas. Correram os cantos á casa, e não acharam vitualhas, quando Herculano se lembrou de acudir ao forno, e descobriu, lá no fundo, uma enorme borôa de pão de toda a farinha, redonda e grande como a roda de um carro, e ainda morna.

O disco salvador desappareceu n'um momento!

D'outra occasião, tambem depois de combate renhido e completo jejum, sobre a tarde, dispunham-se a passar a noite no campo, fazendo cruzes na bocca. Accendeu-se uma fogueira. Herculano farejava, aqui e além, a ver se a Providencia do soldado lhe deparava algum remedio, quando detraz d'uns casebres desman-

telados lhe vieram aos ouvidos uns grunhidos d'animal suino.

Era de facto um cevado, recebondo, de focinho no ar, mestiço de javardo. Metteu a clavina á cara, e virou o bruto com um tiro na cabeça.

Depois clamou aos camaradas:

—Ó rapazes, acudam cá!

Um dos companheiros abriu uma navalha, sangrou o animal, e amanhou-o n'um prompto. Era um fressureiro, que perseguido por malhado emigrara.

Passou-se aviso a outros, que se haviam alojado n'um moinho proximo.

Parlamentou-se. Houve permuta: os do moinho trouxeram pão, um pouco de sal, e a borracha do moleiro.

Mãos á obra!

Sobre o brazido, em espetos d'esteva, rechinava a carne, e aos clarões do fogo, todos elles, acocorados em volta, devoravam o cerdo a grandes dentadas de cannibaes! Herculano pel-

lava-se por carne de porco. Foi o mais esplendido banquete da sua vida!

*
* *

Terminado o almoço em Queluz, seguimos, estrada fóra, até Cintra. Em Cintra comemos alguma fructa, e partimos, serra acima, até ao convento do Carmo.

O mestre ia ovante! Nós não queriamos dar parte de fracos, mas suspiravamos intimamente pelo termo da viagem!

Pouco depois da chegada ao convento, fumegava sobre a toalha de linho, muito branca, uma grande terrina de canja.

Devorámos a ceia, quasi sem dar palavra, e em seguida caímos na cama com o profundo somno do justo.

Herculano levantou-se ás sete. Cerca das onze, veiu acordar-nos, e repetia-nos a seguinte cantilena:

Quatro horas dorme o santo.
Cinco o que não é tanto.
Seis o estudante.
Sete o viandante.
Oito o porco.
E nove o morto!

Nós tinhamos dormido doze!

*

* *

A quem estiver na vasante da vida, como eu, e tenha visto alguma coisa, aconselho que faça os seus apontamentos.

N'este relembrar do que foi, ha um consolo que não se define!

Vivemos retrospectivamente. Estas memorias, que não terão valor para os outros, são preciosas para mim! Respiro horas inteiras no horisonte da mocidade, e a consciencia com que escrevo desafoga-me o espirito, e dá-me uma tranquillidade salutar.

São como a confissão para o verdadeiro religioso! Confissão geral; e, dil-o-hei — embora seja censurado — posso fazel-a alto, sem que as faces se me accendam nem de leve. Peccadilhos, fraquezas, arrebatamentos proprios do temperamento, não me faltam de certo; mas criminoso não sou, nem fui.

Todo o homem que disser com verdade: «Eu nunca roubei nem dinheiro, nem honra, — ha mais ladrões d'esta especie de moeda, e são os peiores! — eu nunca calumniei ninguem, esse homem morre em paz!

*

* *

A pouca distancia do convento do Carmo, n'aquella agreste e encantadora posição da nossa Cintra, a que o proprio lord Byron, inimigo figadal dos portuguezes, chama — a mais bella da Europa, estava a cruz que impressionou Herculano.

Tinha um braço partido, e a hera, a mãe sollicita das ruinas, deitara-lhe em volta os ramos verdejantes e caricosos.

A poesia foi começada no convento do Carmo.

Abre com estes magnificos versos:

Amo-te, ó cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando, á noite, sobre a campa,
Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te, quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te, erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio!

Amo-te, ó cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó!

Alexandre Herculano, censurado de impio e hereje,—especie de papão com que em certa sociedade se chegou a metter medo ás creanças, e até ás mulheres já feitas,—era uma alma profundamente religiosa. É correr os seus livros.

Ha um sabor, um perfume do mysticismo santo de Jesus, em centos de versos, e em relanços da sua prosa esculptural.

N'esta composição da *Cruz mutilada,* escripta em dias prosperos, sob o ceu do nosso outomno, na convivencia de dois amigos intimos, está o coração grande e virtuoso de Alexandre Herculano. Inspiravam-o a natureza e Deus!

Aos que o accusavam de blasphemo respondia com estes versos:

> ..... As linhas puras
> De teu perfil, falhadas, tortuosas,
> Ó mutilada cruz, fallam de um crime
> Sacrilego, brutal, e ao impio inutil!

O poeta da *Harpa do Crente* não comprehendia a natureza, sem lhe alliar um outro ideal.

Vejam-se estes soberbos versos, dos melhores, que, em todos os tempos, se tem escripto em lingua portugueza:

Rochedo, que descanças
No promontorio nú e solitario,
Como atalaia, que o oceano explora,
Alheio ás mil mudanças
Que o mundo agitam, turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora!

Ó mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flôres se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora!

Ó mar, que vaes quebrando,
Rolo apoz rolo, pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora!

*

* *

Correram-nos oito dias n'aquelle deserto, ora descendo á fertilissima varzea de Collares, ora subindo ás assomadas crespas da serra, ou indo ver as ondas, que batiam, refervendo, nos reconcavos do precipicio da Pedra d'Alvidrar; dias que ficaram para sempre impressos no espirito de Alexandre Herculano e no nosso!

Ha dois annos—havia já quatro que eu vira agonisar o auctor da *Historia da Inquisição*—passei pela serra...

Era um dia bellissimo e temperado de setembro; mas, olhando para o convento do Carmo, senti um frio tão intenso e mordente, que parecia que o nordeste invernal me trespassava até ao coração!

Ó mocidade, o sol és tu!

Setembro, 29, 1883.

A CASA DA AJUDA DE 1847 A 1851

ALEXANDRE HERCULANO E OS ULTRAMONTANOS

A CASA DA AJUDA DE 1847 A 1851

ALEXANDRE HERCULANO E OS ULTRAMONTANOS

No dia 1 de maio de 1847 o Alto do Viso fusilava como um Sinai! Os echos do canhão do Sado chegavam, sumidos e taciturnos, ás margens do Tejo!

Os patriotas batiam-se. A alma popular fazia tremer os grandes! Quando a revolução está no coração d'um povo, não ha contel-a. Morde a terra? Resurge, dobradas novas forças. Vencida em Torres Vedras, em Vianna, em Valle Passos, o baptismo de sangue levanta-lhe o espirito e avigora-lhe os musculos!

A batalha sanguenta, embora rapida, suspen-

deu-se pela intervenção extrangeira. Quando a noticia chegou á casa da Ajuda, duas grossas lagrimas bailaram nos olhos luminosos de Alexandre Herculano. Rompiam d'aquelle grande coração! Tão grande como a sua cabeça, a mais robusta d'este seculo, em Portugal!

A revolução ficou latente.

No dia 1 de maio de 1851 — singular coincidencia! — surgiu triumphante, chamando-se — Regeneração!

*

* *

A casa da Ajuda era, n'esse tempo, a mansão tranquilla, onde, á sombra do mestre, estudava um grande talento, Rebello da Silva, e eu balbuciava, timido, os primeiros versos.

Sim! Tranquilla e salutar!

Oh! mia casa romita e serena!...

Que saudades tenho tuas!

Levantavamo-nos um pouco depois das seis horas da manhã.

O mestre sempre o primeiro. Ia dar uma vista d'olhos ao jardim. Não lhe faltava, na estufa, uma transplantação, o decote ou o enxerto de uma roseira primorosa; o ramo de flôres para a mesa, arranjado pela sua mão, no que tinha dedo. Depois sentava-se á mesa e trabalhava. Ordinariamente hora e meia, até ao almoço.

Os invejosos mordazes até inventaram que Alexandre Herculano era homem aspero e brutal no trato!

Não conheci ninguem mais sincero, mais simples, e ao mesmo tempo mais amoravel, e, sem affectação, delicado. Contarei, a proposito, uma anecdota, porque estam vivos os dois amigos meus, com quem ella se deu; o dr. José d'Avellar e Domingos de Sequeira Barreto.

Estas memorias não são escriptas, são conversadas; e d'ahi a falta d'ordem e de methodo, os incidentes e episodios constantes. Os factos é que não se adulteram jámais.

Em 1856, quando o cholera já tinha desapparecido de Lisboa, fômos, por entradas d'outomno, passar uns dias a Calhariz da Arrabida, propriedade que Alexandre Herculano, juntamente com Joaquim Filippe de Soure e Luiz Teixeira Homem de Brederode, havia tomado de arrendamento a longo praso. Eu apresentava os meus amigos a Alexandre Herculano. Já não existe um, o grande talento de João Luiz Gonçalves, que nos acompanhava tambem.

Chegámos ao caír da noite, e o vento outomniço da serra começava a morder. Depois da ceia deviamos dormir nos excellentes quartos do vasto palacio. Herculano não se fiou no creado, e veiu, elle proprio, carregado de cobertores, allegando que nós, como petimetres lisboetas, não calculavamos a temperatura serrana.

No dia seguinte saímos á caça. Um aguaceiro de trovoada obrigou-nos a retroceder, e voltámos para casa alagados. José d'Avellar fazia serios esforços para descalçar as botas. N'isto Herculano põe um joelho em terra, e

descalça-lh'as, no meio da confusão do meu amigo, que ainda hoje, ao narrar o facto, se sente como vexado.

Não satisfeito ainda, Herculano foi buscar umas meias de lã altas, exclamando:

—Estes janotas do Chiado, em os tirando do Marrare, são uns desgraçados!

*
* *

Voltemos a 1847. Alexandre Herculano escrevia a *Historia de Portugal*, e concluia o *Monge de Cister,* publicado, pela primeira vez, em volume em 1848.

Almoçávamos ás oito e meia—café especial, pão saloio e a preciosa manteiga fresca, fabricada com o leite dos uberes turgidos das anafadas e luzidias turinas, que repastavam na arribana da horta da calçada do Galvão.

Aquella horta tem destino de pertencer a ho-

mens superiores. Ha muitos annos que a cultiva J. E. de Magalhães Coutinho.

Depois do almoço Herculano sentava-se á banca do trabalho; Rebello da Silva descia á bibliotheca a estudar. O estudo, que foi sempre uma predilecção para elle, n'essa epocha era uma paixão desenfreada. Muitas vezes, logo sobre o jantar, a despeito das salutares advertencias do mestre — que de tarde nem abria livros, nem pegava em penna — atirava-se ao trabalho.

O jantar era ás duas e meia em ponto. A toalha alvissima. O ramo de flôres, renovado todos os dias. A cosinheira excellente. Vinho branco e tinto da Arruda, puro, e em duas facetadas e magnificas garrafas de crystal de rocha, antigas, de casa dos paes de Herculano. Uma grande profusão de sobremesas, principalmente de doce de conserva, todo dirigido e muito d'elle preparado pela propria mão do dono da casa.

Dos botões das roseiras de todo o anno fazia

Herculano um doce, como nunca tornei a comer. Os figos de conserva eram uma especialidade.

A mesa animava-se sempre com a conversação scintillante de Rebello da Silva. Herculano era tambem um impagavel conversador.

Todos os dias, á hora em que iamos para a mesa, saíam de casa tres bandejas, cobertas com a sua toalha muito branca. Eram tres jantares. Um para um frade egresso, os outros dois para duas açafatas do antigo paço, perdidas na solidão da enorme fabrica da Ajuda, então deserta.

Havia por alli familias realistas em más circumstancias, e alguns convencionados de Evora-Monte, litteralmente na penuria. Nunca bateram á porta de Alexandre Herculano, que se fossem com as mãos vasias. Ás vezes, donos de casa de familias que haviam sido abastadas, mandavam colchas da India, roupas brancas magnificas, offerecendo-as por um preço arrastadissimo. O auctor da *Historia de Portugal*

nem uma só vez se aproveitou d'aquellas offertas, devolvendo os objectos, a cujo verdadeiro preço não podia chegar, e juntamente com elles algum remedio. Ainda restam amigos d'essa epocha, que sabem d'isto.

O egresso para quem ia o jantar, quando os ultramontanos vieram enxovalhar Herculano no pulpito da Ajuda, entrou pela porta de nossa casa, e abraçou-se, a chorar, no seu bemfeitor. O mestre a custo conteve as lagrimas.

D'outra vez é que não as poude conter;— de tal modo lhe doeu a ingratidão!

Foi quando certo frade, que elle arrancara da miseria—alcançando-lhe emprego mais que modesto, e excellente casa—ao vel-o ás mãos com os padres, lhe atirou uma dentada anonyma! Já não vive; e não lhe ponho o nome n'este fôro da vergonha publica, porque deixou parentes.

A *Petição humilissima a favor d'uma classe desgraçada,* escripta, havia annos, se me não engano, na *Revista Universal,* levantara mur-

murios de desagrado entre os homens politicos do partido liberal, porque achavam o passo imprudente. O duque de Palmella, D. Pedro, que tinha por Alexandre Herculano a maior consideração, viera em tempos á Ajuda pedir-lhe que não continuasse. Não lh'o prometteu a boa alma do poeta da *Harpa do Crente,* e, sempre que teve ensejo, defendeu os frades e as monjas perseguidas! A paga sabemos nós qual foi.

A reacção, ou antes o grande partido ultramontano — que hoje campeia desassombrado e ovante em todo o paiz — n'esse tempo estava ainda muito encolhido e timido.

Os homens do Mindello eram vivos na maior parte.

A indifferença ainda se não conhecia em politica.

O partido que, apoiado no Paço e na protecção extrangeira, mantinha o poder, comquanto energico, não se atrevia a atacar os principios e leis do nosso regimen.

O ministerio de 1849, querendo promulgar a

lei das rolhas, recuou deante de meia duzia de assignaturas nossas. O protesto foi lavrado na Ajuda. Lá está o meu nome.

*

* *

Ao *Eremiterio* — era este o nome, que nós davamos á casa do mestre — deviam chegar dias sacudidos e agrestes, senão tempestuosos.

Havia lá quem tivesse anchura de peito para contrastar a tormenta!

Depois de publicado o primeiro volume da *Historia de Portugal* alguns rumores se levantaram contra o auctor, por causa do milagre d'Ourique. Fogo perdido; uma que outra sentinella avançada. Os olhos penetrantes de Alexandre Herculano viam, atraz d'isto, as massas do exercito disciplinado. Esperava um ataque em fórma.

Não tardou: foi nas entradas de junho de 1850.

Era um dia santo; não me lembra se o de Santo Antonio. Creio que sim.

Os sinos haviam repicado pela manhã, vibrando, festivaes, por aquelle valle fóra. Os sinos, que Alexandre Herculano descrevera n'uma das paginas mais brilhantes do seu *Monge!* Pois seria no ambito do templo, em que se ostentava o campanario, que elle tinha cantado, que um padre violento, descomposto, e protervo, com indignação dos homens de bem e jubilo intimo dos hypocritas, havia de insultal-o, procurando levantar contra elle a indignação popular!

O caso deu brado: teve echos estrondosos! Era pouco antes do jantar, quando entraram a porta D. João Pedro da Camara, D. Gastão da Camara, e um empregado de toda a confiança de Herculano, homem honradissimo, chamado Seixas.

D. João da Camara e D. Gastão, dois rapazes valentes, vinham enfiados e tremulos; o velho Seixas grandemente commovido.

O nome de Herculano, por todos aquelles

arredores, não só era querido, mas tambem profundamente respeitado.

Semelhante desacato tinha alcance! Atirar com um nome, como o do auctor do *Eurico,* á praça publica, cuspido com as injurias de *ignorante, impio,* e *hereje,* e isto do alto d'um pulpito, era serio!

D. João da Camara consultou commigo o que se havia de fazer.

—Contar toda a verdade ao mestre—respondi eu.

D. João da Camara principiou a narrar o facto. Alexandre Herculano enfiava. Depois com o queixo em grande tremor, o que se dava sempre que se commovia, os olhos chispando de justa indignação, atirou uma palmada sobre a mesa do trabalho, que fez saltar papeis, livros e tinteiro, exclamando com impeto:

—Elles querem brigar commigo! Pois agora o veremos!

Cinco minutos depois dizia-nos, na apparencia já socegado:

—Nunca pensei, que chegassem a tanto. Vamos ao jantar.

E accrescentava, esfregando as mãos:

—Apanham uma lição tremenda!

No fusilar dos olhos, na ruga perpendicular da testa espaçosa, que as sobrancelhas contrahidas tornavam mais funda, na convicção das suas palavras, francamente, sentia-se a força de um gigante.

N'essa tarde saímos a espairecer pelo valle das Romeiras, e fomos caír á horta.

Herculano, como de ordinario, deu as suas ordens ao caseiro, anafou o pello luzidio das turinas, e não fallou mais no facto. Os olhos tinham a serenidade habitual, mas o brilho era mais intenso.

Aquella robusta e elevada razão mediu o alcance da lucta, que ia travar-se, calculando o vigor e ao mesmo tempo a prudencia, que devia guardar-se, ao atirar dos golpes.

Atraz de alguns padres maus ou ignorantes, o clero tinha homens de saber e de talento,

que, provavelmente, entrariam no combate. O jornal *A Nação* contava redactores como Manuel Maria da Silva Bruschy, João de Lemos, Gomes d'Abreu, D. Jorge de Locio, e outros.

Comquanto entre esses homens alguns, como Silva Bruschy e João de Lemos, fossem amigos e admiradores sinceros de Alexandre Herculano, o partido a que pertenciam impunhalhes o dever de saírem em defeza das suas idéas, porque, no fundo, a batalha ia ferir-se entre a escola liberal e a reacção.

No dia seguinte, depois do almoço, Herculano sentou-se á mesa do lavor.

Deu um talho nas pennas de pato, e no alto de uma folha do antigo papel almasso, azulado, forte, granulado, escreveu esta destemida antithese: *Eu e o clero.*

Este titulo foi uma das coisas, que asperamente lhe censuraram os seus adversarios, alguns de estatura elevada e de pulso vigoroso.

A penna rangia sobre o papel, traçando linhas direitas, como se fossem pautadas, da let-

tra do mestre, firme, clara, e egual, como o seu caracter!

De tempo a tempo depunha a penna no grande tinteiro antigo de latão, estendia o braço direito com a mão forte e espalmada sobre as folhas já escriptas, reclinando-se no espaldar da cadeira, e correndo a mão esquerda pela testa inspirada, ampla e luminosa.

Eu, sentado defronte d'elle, no logar onde habitualmente trabalhava, não lhe perdia um movimento, e, ao escrever estas linhas, aviva-se-me a impressão, que sentia então — uma especie de susto!

As ondas de luz de um magnifico dia de junho entravam pela janella. O sol frechava as aguas serenas do Tejo, que, estremecendo, faiscavam em faúlhas de prata.

O silencio era apenas interrompido pelo sino da torre, redondo e sonoro, que batia as horas e os quartos.

O grande luctador, n'aquella tranquillidade apparente, na força da vida e do talento, vi-

brava os primeiros e tremendos golpes da rija espada, no prologo de uma das suas mais renhidas batalhas! Era uma imponente figura!

Ao jantar esteve de excellente humor, e de tarde passeámos como de ordinario.

No dia seguinte, chegando quasi ao epilogo do seu opusculo, o grande historiador exclamava, com esta eloquencia:

«*¿ Quando a egreja, envolvendo a fronte no véo da sua immensa tristeza, e sentindo humedecerlhe os pés o sangue humano, vertido pelo ferro sacerdotal, contempla aterrada o futuro, ha dôr de individuos, a que seja licito um brado?*»

*

* *

O *Eu e o Clero,* como era de esperar, accendeu a questão na imprensa!

O jornal *A Nação* acudiu ao seu posto de honra. Censurou os padres, que insultavam o caracter e o talento de Alexandre Herculano,

floreou cortezmente o ferro deante do mestre, caíu em guarda, mas em seguida atirou-lhe os primeiros botes.

D'alli a pouco, Alexandre Herculano estava debaixo do fogo de todas as baterias inimigas, e elle só, respondendo, avançando, carregando, e já a trepar ao assalto, com a espada nos dentes, para os acutilar na brecha!

A lucta continuou. Eu parti a 5 de agosto d'esse anno—1850—para a ilha da Madeira, e voltei no principio de março do anno seguinte. Ainda se batalhava!

Para se ver o vigor intellectual do grande historiador, deve notar-se que, durante todo aquelle grave conflicto, não alterou em nada os seus habitos; nunca deixou de vir duas vezes por semana á Torre do Tombo, continuando a escrever a *Historia de Portugal!*

Como succede em todas as coisas, por maiores, por mais solemnes que sejam, não faltaram os episodios comicos.

Certo padre, a quem Alexandre Herculano,

para espairecer, dissera uns gracejos, n'uma carta impressa, devolveu-lhe o papel dentro de um grande sobrescripto; mas de tal modo vinha perfumado, que foi preciso acudir á agua de Colonia, para desinfectar o quarto!

O clerigo, nos transportes do seu furor, apellou para a mais grossa das pulhas de carnaval! A explosão de colera do padre, coitado, só podia ser comparavel á explosão de gargalhadas, em que rebentámos, Herculano e eu!

*
* *

Na primavera de 1851, os sabbados estavam ainda pouco concorridos. Os convivas, sem contar commigo, que era de casa, não passavam de quatro ou cinco—A. d'Oliveira Marreca, A. de Mello Cesar de Menezes—actual marquez de Sabugosa,—Rebello da Silva, Julio Caldas Aulete, e Rodrigo Felner.

Nos primeiros dias de abril principiou a ap-

parecer outro conviva. Vinha cedo, almoçava e jantava. Ficava só com o mestre, e fallavam, ás vezes, largas horas.

Era um homem alto, imponente; cabeça leonina, aureolada de cabellos prateados; physionomia formosa, olhos bellissimos, que faiscavam atravez das lentes; andar cadenciado e marcial. Distincto na estatura, no rosto, nos ademanes, na voz, na palavra; distincto em tudo!

Este homem era o marechal, duque de Saldanha.

A Regeneração, nos seus prodromos, palpitou na casa da Ajuda.

Setembro, 8, 1883.

GARRETT

AS FOLHAS CAÍDAS

GARRETT

AS FOLHAS CAÍDAS

Assomava a primavera de 1849.—N'esse tempo, em Portugal, havia primavera.—Deixou bem gratas recordações áquelles, que são hoje açoitados, em abril e maio, com as granisadas asperrimas de dezembro!

Os dias da estação vernal chegavam-nos sorridentes, azues, e illuminados. As roseiras nos jardins, o pomar na horta, o relvão nas chapadas, cobriam-se de botões e de flôres.

O pardal nos beiraes dos telhados, as andorinhas nos ares, as tutinegras, os rouxinoes nos

balsedos e nas faias sussurrantes e sombreiras, papeavam, alegres e enamorados.

A Ajuda, n'esta epocha, era deserta e silenciosa. Ruinas a cada passo. No largo da Patriarchal, que desabara, só havia de pé a torre! O grande sino, melancholico e solemne, batia as horas e os quartos. Os echos, repetindo-se de quebrada em quebrada, expiravam no fundo do valle, lá em baixo, na margem do rio.

O silencio, quando o vento estava sul, era interrompido pelos sons vibrantes das bandas marciaes de infanteria 1 e de lanceiros 2. Ás vezes, de envolta com as ondas de sons, vinham gritos dilacerantes, despedaçadores; gritos que é preciso ouvir, para ter perfeita idéa d'elles! Partiam do peito de um soldado, cujas costas eram retalhadas cruelmente no supplicio da vara!

O palacio, enorme, vasio e sonoro, além de algumas velhas e pobres creadas do antigo Paço, abrigava bandadas de pombos, que tinham farto pastio nas sementeiras ferazes da Serra

de Monsanto, na baga do zimbro, na flôr do loureiro bravo, e sombra propicia no zambujal fechado da realenga tapada.

Os suburbios da Ajuda eram deliciosos. Ao pé da porta o Jardim Botanico, dirigido por José Maria Grande. Não ficava longe o amenissimo Valle das Romeiras, e, querendo alargar um pouco o passeio, tinhamos Carnaxide, Linda a Velha, e Linda a Pastora, com as suas casitas a alvejar de entre a verdura dos quintaes; e então, como pittorescas, quando as searas tenras circumjacentes ondeavam com o norte limpido, que ao mesmo tempo fazia girar, silvando, as velas brancas dos moinhos, agrupados, aqui e além, nos outeiros crespos e pelo dorso flexuoso da serra!

*

* *

Um dia Almeida Garrett escreveu uma longa carta a Alexandre Herculano. N'esse papel fa-

zia-se uma confidencia amarga! O poeta havia levado mais um revez, dos muitos da sua combatida e aventurosa existencia.

Estava n'um momento analogo áquelle, que lhe inspirara — n'umas paginas de prosa, que vêm nas *Flôres sem fructo* — esta apostrophe á solidão:

«Solidão, eu te saúdo! Silencio dos bosques, salve!

A ti venho, ó natureza: abre-me o teu seio.

Venho depôr n'elle o peso aborrecido da existencia; venho despir as fadigas da vida.»

Suppunha, illudido pela dôr, que poderia prescindir do mundo, elle, o mais mundano de todos os artistas; elle, para quem os fastigios do poder, as pompas do luxo, os maximos requintes do gosto; as perolas, as saphiras, as esmeraldas e os diamantes, rutilando no seio, nas mãos, nos cabellos negros retintos, ou loiros acendrados, da mulher apetecida — ou adorada — se tornavam impreteriveis!

Mas, no momento, a sua dôr era intensa e

sincera; por isso, confirmando o preceito de Horacio, ao descrevel-a, a todos nos commovia.

Grandes foram as provações, porque passou aquelle desmesurado espirito! Para quem o lidou de perto, sobretudo nos ultimos tempos, pelos seus versos — *Flôres sem fructo,* e *Folhas caídas* — é facil determinar quaes foram as crises, os accessos dolorosos, no drama d'aquelle coração, que teve mais de um affecto, que facilmente se deixava seduzir, mas que tão profunda, tão arrebatadamente se apaixonava!

Depois de grandes desgostos domesticos, que as dicacidades brutaes e malevolas de animos corrompidos vinham ainda envenenar, o poeta parecia succumbir aos revezes da má fortuna.

Uns versos das *Flôres sem fructo* explicam o estado da alma do auctor do *Camões,* n'esse periodo. Não é a dôr acerba, é o desalento supremo; tedio, fastio moral, o mais requintado tormento, que pode cruciar o homem!

Quando uma luz imprevista, serena e pene-

trante, o veiu arrancar áquella apathia moral, o poeta disse:

Eu caminhava só, e sem destino,
No deserto da vida;
N'alma apagada a luz, e o desatino
Na vista esmorecida:
E afastava de mim, que me impeciam
No caminhar adeante,
Os prazeres dos homens, que sorriam,
E a turba delirante
De seus empenhos vãos.—Aos que gemiam
Sorria eu de inveja...
Quem podéra gemer!... mas arredava
Esses tambem: não seja
Traição a sua dôr!—Eu caminhava
Só, triste, só, sem luz e sem destino,
A vista esmorecida,
A alma gasta, apagada, e ao desatino,
No deserto da vida.

Quem não atravessou uma crise funesta não escreve assim. A vida do homem tem d'estes momentos psychologicos; mas é preciso ser um

grande artista, para lhe acertar com a nota verdadeira, propriamente humana!

Mais adeante, appellando para o suicidio, o poeta exclama:

E sentei-me, cansado, n'um rochedo,
Triste como eu, e só,
No meio d'este valle de degredo,
De lagrimas e dó.
Caíu-me a fronte sobre as mãos pesada,
E meditei commigo:
—Não é melhor pôr fim a esta jornada,
E poisar no jazigo?...
.....

Do céo, morno e pesado, as nuvens rarefazem-se, e elle diz:

Olhei... e vi o azul do firmamento
Só, sem nenhum brilhar
De estrellas, ou de lua...
Mas logo se inundava, n'um momento,
De uma luz alva, doce e resplandente,
Que me entrou toda n'alma!...
....

Esta luz, esta nova estrella do poeta, era de certo a singular creança de dezoito annos, cheia de talento, primorosamente educada, bella, e, sobretudo, fina, que se enamorara perdidamente do genio e da viuvez de coração de Almeida Garrett, cujo nome era saudado nos jornaes, applaudido no theatro, coroado no parlamento, e nas academias!

Elle emprestou-lhe a *Nova Heloísa* do apaixonado João Jacques. O livro levava, a lapis, umas notas intencionaes.

Adelaide respondeu a ellas, e um dia, cega, arrebatada, perdida, pungido o coração que exhaurira, na ancia de amar, as derradeiras notas do prazer, deixou tudo, tudo... o enleio das suas phantasias virginaes, o ambicionado futuro de uma união santa, o mundo, e a fama, e o seio materno, para refugiar-se, transportada, nos braços do genial poeta!

Quem lhe não havia de perdoar o seu erro, o seu crime — se crime foi — redimido por tamanho amor!

Pondo de parte o extraordinario Miguel Angelo, de quem se conta, que não amou em toda a sua vida senão a Victoria Colonna, e que, só depois de morta, lhe deu o primeiro beijo, os artistas são susceptiveis de diversas e desvairadas impressões. É providençial, ás vezes! Se Garrett, já no declinar da vida, não fosse accommettido de nova leviandade, — se por tal a querem capitular — não teriamos esse livro delicioso, que se intitula *Folhas caídas*.

*
* *

Estavam quasi todas escriptas as *Folhas caídas,* quando, em 1849, o auctor veiu para o eremiterio da Ajuda. — A serenidade luminosa d'aquella casa convinha ao estado de espirito do poeta em tal momento. Não podia escolher melhor retiro.

Emquanto o auctor da *Historia de Portugal* proseguia no grandioso trabalho, Garrett, no

seu quarto, cuja janella deitava para um lindissimo panorama, tinha horas recolhidas e meditadas,—agora, corrigindo este verso, ou limando tal periodo de prosa, logo tirando da estante um livro, e folheando este ou aquelle auctor predilecto.

O grande poeta, n'esse tempo, tinha cincoenta annos.

Ao escrever estas linhas, tão vivo se me está retratando na memoria, que me parece vêl-o!

Em muito rapaz, uma desastrada queda arrancara-lhe a pelle desde a nuca até á parte superior do craneo, obrigando-o a usar cabello postiço; mas com tal arte o trazia, que parecia de um desalinho natural. A testa ampla e não sulcada de rugas.

Os olhos, rasgados, luminosos e insinuantes, eram garços. O olhar, fundo e meditativo, illuminava-se, a espaços, de luz faiscante. Não conheci mais expressivo olhar! As palpebras pisadas. A barba em volta do queixo, ao uso do seu tempo, sem bigode; uma pequena mosca.

A bocca um pouco grande; o beiço inferior grosso; mas a linha graciosa e finissima. Voz não a ouvi mais harmoniosa e attrahente; voz mascula, de baritono, modelada pelo gosto e pela arte. Como lia, como recitava, e como fallava! A estatura mediana; peito e hombros largos; mãos fortes e cabelludas.

Calumniaram-o tambem, quando disseram que todo elle era estofos; nada tinha de emprestimo, a não ser o cabello, por um accidente, como já disse.

Na conversação toda a sua physionomia, tão espirituosa, tão distincta, animava-se de expressão indefinivel.

Ás vezes dizia:

—Vamos arripiar a penna ao Patinho.

E contava-me uma aventura picante, em que se occultava o nome do heroe, que era elle proprio.

Dos homens como João Baptista, quantos primores,— maravilhas, diremos,— se não perdem para a posteridade!

Quanta coisa viva, e espontanea, do colorido mais brilhante; quantos conceitos profundos, observações penetrantes, não vôam na conversação dos talentos superiores, quando têem, como Garrett, a singular faculdade da palavra!

Que não houvesse alli, na casa da Ajuda, já descoberta, essa maravilha de encerrar e conservar o som, e se abrisse agora, para ouvirmos o dono da casa e os seus dois hospedes — Garrett e Rebello da Silva —, como eu os ouvi tanta vez!

O poeta aprendera na grande roda e nas grandes luctas a arte de guardar as apparencias, a dolorosa, mas impreterivel arte da dissimulação, para escapar, quanto possivel, ás ciladas d'este mundo. Alli, porém, estava entre corações amigos, e, sem fazer confidencias, podia desafogadamente soltar um suspiro!

A nobre alma de Alexandre Herculano, sempre disposta e sempre solicita a acudir a todas as dôres humanas, com quanta singelesa, com

que delicadissima e fraterna estima tratou Garrett, durante aquella memoravel temporada!

Depois da morte de Adelaide, succederam-se longos, inertes, e amargos dias para o poeta, que chorava sobre um tumulo, e velava sobre um berço! Uma vez, porém, embora:

Qual o ataúde levado
A egypcio festim...

foi, foi á festa!

Era a noite da loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glorias esconder.
.....

Revia-se a melancholia no rosto do consternado poeta:

Mas a orchestra bradou alta;
—Festa, festa! e salta, salta!

Os seus guizos delirantes
Sacode, louca, a Folia...
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem n'os ouvia?
.....

D'alli a pouco, estava escripto que outra fascinação viria tomar-lhe a alma de assalto:

Quem é esta que mais voltas
Gira, gira, sem cessar?
Como as roupas, leves, soltas,
Aerias leva a ondular,
Em torno á fórma graciosa,
Tão fina!—Agora parou,
E tranquilla se assentou.

Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o perfil;
E a cabeça tão gentil,
Como se fôra deveras
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!

O risco é inevitavel; a perdição está por um fio!

Vive Deus! que é ella... aquella,
A que eu vi na tal janella,
E que, triste, me sorria,
Quando, passando, me via
Tão pasmado, a olhar para ella!
.....

Estes e os demais versos, foram feitos ao novo idolo, ao derradeiro *Ignoto Deo* do poeta; mas o *Adeus*, que os precede, e que vale por elles todos, é uma supplica encarecida, perdão implorado com lagrimas acerbas, á memoria d'aquella Adelaide, que tudo sacrificou por elle, a mãe da sua unica e adorada filha!

Nunca o poeta, quando na flôr e na força da vida, escreveu nada mais realista, mais sinceramente apaixonado! Nunca o lyrismo do amor subiu mais alto, foi mais puro e arrebatado! Parece, que as lagrimas trazem sangue espumante, que o remorso espremeu do coração!

Adeus! Para sempre adeus!
Vae-te! Oh; vae-te! Que n'esta hora

Sinto a justiça dos ceus
Esmagar-me a alma, que chora.
Choro, porque não te amei,
Choro o amor que me tiveste!
O que eu perco, bem n'o sei,
Mas tu... tu nada perdeste:
Que este mau coração meu,
Nos secretos escaninhos,
Tem venenos tão damninhos,
Que o seu poder só sei eu!
.....

Leiam estes prodigiosos versos, versos de paixão, que poeta algum escreveu em tal edade, e hão de sentir as angustias e dôres, que lhe salteavam a alma ante a mudez do tumulo, onde jazia a morta, que o idolatrou!

Fraquezas de espirito, miserias humanas, ninguem se disciplinou d'ellas com mais desenganado açoite, nem houve Job, que se cobrisse de cinza com mais humilde contricção, voltando o farpão da propria lingua contra a carne viva dos proprios vicios! Ninguem se pe-

nitenciou tão sincera e cruelmente, como o grande poeta, n'estes singulares versos!

Por millenios lhe podiam contar os peccados, que todos redimiu com o fervôr de tal arrependimento!

Oiçamol-o agora, oiçamol-o, quando se despede da sombra pallida, que, ao separar-se d'elle para sempre, lhe legara, como ultima fineza do seu amor, o thesoiro d'uma filha:

. . . . . .
Vae, vae... para sempre, adeus!
Para sempre, aos olhos meus,
Sumido seja o clarão
De tua divina estrella!
Faltam-me olhos e razão
Para a ver, para entendel-a.
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bella
Para o baixo pensamento
Com que, em má hora, a fitei;
Falso e vil o encantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua belleza
Do azul do ceu á pureza,

E que a mim me deixe aqui
Nas trevas em que nasci;
Trevas negras, densas, feias,
Como é negro este aleijão,
D'onde me vem sangue ás veias,
Este que foi coração,
Este que amar-te não sabe,
Porque é só terra — e não cabe
N'elle uma idéa dos ceus!...
Oh! vae, vae; deixa-me! Adeus!

*

* *

Correram, para o apartado eremiterio da Ajuda, gratos e saudosissimos os mezes do verão de 1849!

No anno seguinte, Almeida Garrett, em julho, veiu passar um dia comnosco. Rebello da Silva e o conde de Carvalhal tinham apparecido acaso. Conde de Carvalhal, a flôr da elegancia, o extremo da educação, o primor do

gosto, e, mais do que tudo ainda — uma alma brilhante e transparente como crystal de Bohemia!

Ás duas e meia, em ponto, — hora habitual, — fômos para a mesa. Alexandre Herculano estava de bom humor, como os grandes batalhadores em tempo de guerra.

Tinha escripto *Eu e o clero*—, e esperava a força da refrega para caír, de sabre em punho, e á escala vista, no baluarte inimigo. Garrett, que parecia de animo desanuviado, deu largas á fecunda palavra.

Ao café appareceu José Maria Grande, que vinha convidar-nos a passar a tarde no Jardim Botanico, onde tinha ido ser sua hospeda uma familia da nossa primeira sociedade.

Quando, á noite, nos reunimos na casa do Jardim Botanico, entre outras pessoas, eramos — as que haviamos jantado na Ajuda, e a mais o conde de Belmonte, e D. João e D. Gastão da Camara. Restam vivos Carvalhal, D. Gastão e eu.

Animando a sala havia duas senhoras; uma casada, outra solteira.

Ambas tambem já não pertencem ao numero dos vivos!

A solteira era alta, delgada; a cinta estreita; o pé andaluz; as mãos finas; a cabeça pequena, o cabello loiro, com reflexos de fogo, e ás ondas. A bocca, pequena e vermelha, sorrindo, juvenil e alegre, deixava entrevêr duas renques de perolas. Os olhos azues, e via-se n'elles o azul crystalino e ethereo da sua alma angelica! Amava cegamente, e tinha deante dos olhos aquelle, a quem, d'alli a quatro annos contados, havia de entregar o seu apaixonado coração de amante e de esposa. Esta senhora chamava-se: Mathilde Montufar.

Oh! que dias de luz ha no mundo! Luz intensa, scintillante, deslumbradora, que, na tremenda e immutavel antithese da vida, tem de ser contrastada pelas sombras caliginosas e profundas!

A meio da noite pediram, com viva instan-

cia, versos. Recitei o ADEUS das *Folhas caídas*, então ineditas.

A disposição dos espiritos, a novidade e extraordinaria belleza d'aquelles versos, a presença do auctor, tudo concorreu, para que a sensação produzida fosse grande. Garrett sabia dominar-se; porém a muito custo conteve a commoção.

N'este momento, mais do que nunca, a imagem serena e resignada, que se invocava n'aquelles versos, devia pungil-o no centro do coração, e na fibra do remorso!

Oh! vae-te, vae, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca... Ai! não;
E que pude, a sangue frio,
Covarde, infame, villão,
Gosar-te—mentir sem brio,
Sem alma, sem dó, sem pejo,
Commettendo em cada beijo
Um crime... Ai! triste, não chores,
Não chores, anjo do ceu,
Que o deshonrado sou eu.
.....

No resto d'essa noite, nos bellos olhos, e no rosto do poeta, serenavam, a custo, as ondas de uma tempestade!

Março 22, 1884.

VALLE DE LOBOS

VALLE DE LOBOS

Em 1859 Alexandre Herculano comprou Valle de Lobos. Satisfizera, aos quarenta e nove annos, a grande ambição de toda a sua vida—ter um torrão a que chamasse seu, e applicar n'elle a sua sciencia e a sua energica vontade.

Nascido na França ou na Inglaterra, Alexandre Herculano houvera feito em poucos annos uma fortuna grande. No paiz, só ao declinar da vida poude reunir a somma de pouco mais de tres contos de réis, para realisar o seu ideal!

Herculano era generoso, mas economico. Comprado Valle de Lobos, applicou todos os rendimentos ao custeio da propriedade rural, e á edificação da casa.

Foi elle proprio o architecto.

Os jantares dos sabbados tornaram-se raros; os cuidados do Valle tinham-o quasi sempre afastado da Ajuda.

Em Calhariz da Arrabida, o auctor da *Historia de Portugal* apanhara sesões de mau caracter, que se renovavam de tempos a tempos. Valle de Lobos era salubre; e pouco a pouco as febres foram desapparecendo.

O mestre parecia rejuvenescer no lavor do campo, e no levantamento da habitação. Erguia-se com a madrugada, e no inverno muito antes d'ella.

Assim que poude cobrir um quarto da casa, deixou de ser hospede, na Azoia, do seu velho amigo, o general Gorjão, e veiu para Valle de Lobos.

*

* *

Alli tinham-se passado tragedias. Deu-se uma nos primeiros dias, quando Alexandre Herculano comprou a propriedade. Foi a ultima. O mestre ia trazer áquella pittoresca paizagem não só o cultivo, mas a serenidade e a paz.

Nunca vi quem tivesse o segredo d'aproveitar melhor o tempo. Chegava-lhe para lavoura, para feitura da casa, e para livros, porque além da revisão de provas, escrevia sempre.

Alli começou os primeiros e brilhantes capitulos d'um romance da actualidade, que, se viesse a terminar-se, seria não só um primor litterario, mas uma obra de critica profunda.

A pouco trecho de se estabelecer no Valle, Herculano tornara-se o advogado de toda a gente circumvisinha. Os humildes e os pobres eram os primeiros attendidos.

Pessoas abastadas, sabendo que elle era tambem profundo jurisconsulto, comquanto não tivesse tomado o grau de bacharel, nem de doutor, na Universidade de Coimbra, vinham consultal-o sobre pleitos importantes.

Com um d'elles, um lavrador dos principaes das proximidades, Herculano gastou muitas horas, durante mezes, a destrinçar-lhe os fios de uma demanda emmaranhada!

Era admiravel vel-o com os primeiros jurisconsultos de Lisboa.

Quantas vezes, no Valle, o sr. Abel da Motta Veiga, eminente advogado, pasmou da erudição e da poderosa cabeça do grande historiador em questões de jurisprudencia!

A rotina cegava a maior parte dos lavradores, seus visinhos. Ou se atterravam, ou respondiam por um sorriso de fina ironia ás palavras — methodo e processo novo.

Herculano, como todos os evangelisadores, não desanimava.

Fazia com que os espiritos mais contumazes

se convencessem, e que as intelligencias mais triviaes e menos cultas viessem a comprehendel-o!

A epocha do seu retiro em Valle de Lobos foi, relativamente, tão fecunda e tão util, como as melhores do auctor do *Monge de Cister*.

Além das *Cartas a proposito da emigração*, *Estado das classes servas na Peninsula*, e outros trabalhos litterarios de grande merito, em que se incluiam os *Monumentos historicos*, Alexandre Herculano vulgarisava em torno de si, n'uma grande area, os proveitosos exemplos da sua sciencia agricola; sciencia theorica e pratica, que possuia em subido grau, porque o auctor da *Historia de Portugal* lia sempre, e não lia só traducções francezas, mas as obras mais recentes e notaveis de allemães, inglezes e italianos.

Azeite de prato, como é notorio, era coisa que não se conhecia em Portugal. Foi Herculano, quem deu a iniciativa, fabricando o precioso azeite de Valle de Lobos.

Seguiram-lhe o exemplo Manuel Vaz Preto, João Ferrão de Castello Branco, o meu querido e velho amigo José Augusto Galache, e outros.

Sem azeite fino não ha *mayonnaise,* e creio que ninguem duvidará, que uma boa *mayonnaise* vàle um bom livro!

Nos primeiros dias da sua estada no Valle, á sombra das frondosas e formosissimas faias, banhadas pela ribeira rumorosa e fervente, Herculano abriu o Ariosto, e principiou a traduzil-o no nosso decassyllabo branco, o verso mais sonoro e mais bello de portuguezes, hespanhoes e italianos.

De tal modo sabia a lingua de Petrarcha, que não tinha á mão diccionario!

Algumas estancias, cotejadas com o original, vejo agora como saíram perfeitas.

*

* *

Valle de Lobos é um aprazivel e saudoso retiro.

A ribeira, que vae seguindo a desaguar no Tejo, bordada de salgueiros, de choupos e de faias, cadenceia o murmurio sonoro da sua corrente com o gorgeio de milhares de passaros, que esvoaçam na ramagem tenra e viçosa, em chegando os dias da primavera.

A aldêa da Azoia, ao occidente, resae, com as suas casitas brancas, em pequeno amphitheatro, d'entre o macisso denso da verdura dos vinhedos, dos cabeços de mato e dos enormes ramalhetes de freixos, que destacam aqui e além, com a sua folhagem alegre, do fundo carregado dos olivedos.

A pouca distancia do Valle de Lobos está outro, o Valle de Santarem, que Almeida Garrett immortalisou nas suas *Viagens,* e onde Re-

bello da Silva tinha a casa, ensombrada dos loureiros e gorgeada dos mesmos rouxinoes que encantavam aquella Joanninha dos olhos verdes, a flôr alpestre mais graciosa, colorida e perfumada de quantas têm desabrochado, com abril, nos agros do campo!

Até para os sitios corre prospera ou adversa a fortuna. Na bahia de Napoles, os dois pontos que mais interessam o viajante foram assignalados por dois poetas. Sorrento e Procida! nomes que vibram na nossa alma como uma canção eterna, porque nos recordam do Tasso e de Lamartine!

Assim Valle de Santarem e Valle de Lobos, por nos trazerem á memoria Almeida Garrett, Rebello da Silva, Alexandre Herculano! — nomes que resoam como um hymno, em todos os corações generosos!

*

* *

A nota do artista dominava sempre no mestre!

Quem diria, ao vel-o,—como eu o estou vendo agora, photographado pelo seu amigo Dulac, sobre um cesto vindimo, com o grande chapeu de abas largas, quebrado da fadiga campestre,—que esse bom lavrador, d'alli a pouco, investigaria uma questão historica e social, ou, deliciando-se com o mais colorido e imaginoso poeta da Renascença italiana, havia de trasladal-o em optimos versos!

Sim—como eu o estou vendo n'este momento!

—Ó mestre! Levanta-te e anda!

Até os epigrammas que lhe faziam os proprios inimigos, eram celebrados por elle, quando tinham graça!

De uma vez contou-me, que ao padre Ra-

demaker, homem de talento e de chiste, chegando a Pernes, lhe haviam perguntado:

—Que caminho trouxe?

Rademaker respondeu:

—Passei por Valle de Lobos, mas não vi o lobo do Valle.

Herculano de bom humor commentava a graciosa dicacidade.

O olival era uma parte da lavoura, com que se desvelava mais. No dispor os tanchões, decotar as arvores feitas, cortando os troncos velhos, que rebentavam novamente, e no methodo da colheita punha todo o cuidado. Depois seguia-se a fabricação, a frio e sem sal, obtendo os resultados que são conhecidos.

Elle, que nunca pozera nem o habito de Christo, ufanava-se com o seu azeite haver ganho a medalha n'uma exposição extrangeira!

*
* *

Herculano tivera sempre os pulmões fracos. Se não fosse a regularidade de vida, excellente mesa e boa hygiene, morreria na flôr dos annos.

Nos ultimos tempos a boa hygiene foi, até certo ponto, despresada, em resultado da affectibilidade do seu nobre coração. Mudara habitos muito antigos. Jantando tarde, dormia, sentado na poltrona, até onze horas passadas, nas longas noites de inverno. Depois acordava, animando o lume, e punha-se ao trabalho.

Fazia isto para acompanhar a esposa, que d'anno para anno, se apavorava com as noites de Valle de Lobos, receiosa dos ladrões. O mestre era raro deitar-se senão sobre a madrugada.

Liberal e justo, respeitava as crenças de todos, e por conseguinte as d'aquelles que o

cercavam, quando não tocassem no exagero fanatico, a que tivesse de pôr cobro.

Sua mulher era sinceramente religiosa, sem beaterios. Com que prazer e com que afan não procurou elle arranjar-lhe uma devota capellinha n'um dos quartos da casa!

Em Valle de Lobos tambem se cultivavam flôres, e o oratorio estava sempre como um palmito!

Isto teve echo em Santarem. A reacção está em toda a parte, e sempre com o ouvido attento, como o pastor de Virgilio.

Por mão de um secular fanatisado, moço intelligente e de sciencia, intentou ella seduzir Herculano, fazel-o renegar os seus principios, penitenciando-se aos pés de Santo Ignacio de Loyola!

Enganou-se.

Aquelle cerebro não estava amollecido, como o de Littré, á hora extrema, e era d'aço a tempera da sua alma!

Custou cara a tentativa! Alexandre Hercu-

lano respondeu de um modo decisivo e magistral!

Que saber, que talento, que vigor da força da vida, que sciencia d'annos maduros, que satyra juvenalesca e de suprema justiça palpita n'esses documentos, cujas copias, do punho do mestre, existem, a bom recato, para saírem a publico, caso os servos de Deus se lembrem de lhe fazer mais alguma picardia, ainda depois de morto!

Foi a ultima e eloquentissima palavra de Alexandre Herculano, muito poucos mezes antes de morrer, e tambem a ultima leitura que nos fez, em sua casa de Valle de Lobos, a um intimo amigo, João Pedro da Costa Basto, e a mim!

A audacia ultramontana fôra punida; mas é preciso confessar, que foi uma boa audacia!

Outubro 1 de 1883.

TREZE Á MESA

TREZE Á MESA

Alexandre Herculano, quando via na sua mesa um pão com o lar para cima, ia muito depressa, e voltava-o.

Nos primeiros tempos, que estive em sua casa, notei esta circumstancia, e olhei um dia para elle interrogativamente.

Elle, sorrindo, respondeu:

—Em creança disseram-me que um pão, posto assim, era signal de morte na familia. Não lhe resisto; a educação é uma segunda natureza.

Eu era muito rapaz; o caso repetia-se, sempre que havia pão voltado, e tomei-lhe o habito. Herculano metteu-me este enguiço.

Um outro — e por fataes exemplos! — foi o meu co-irmão, o dr. José d'Avellar, que m'o suggeriu.

Em 1860 estavamos no Valle de Santarem, Francisco Maria Bordallo, D. Diogo de Vasconcellos, José d'Avellar e eu, em casa de Rebello da Silva. Um filho da viuva Caldas, que fôra meu companheiro no collegio do Quelhas, convidou-nos para jantarmos n'uma propriedade sua — Malpique. Soberba propriedade.

N'um dia deslumbrante, partimos todos, a cavallo, lezira dentro, para a quinta do nosso hospede. Nos tapizes de relva os malmequeres e as margaridas; nos trigaes tenros e lanciolados as ambulas purpurinas das papoilas, e toda a campina encrespando-se suavemente, como o mar chão e esmeraldino, arripiado por uma leve aragem. O Tejo, que trasbordava com a invernia, enchendo as vallas, allongava os

braços prateados pelas insuas, sob os salgueiros recurvos e já frondeados. O ar vivo, as planuras do campo, animadas pelas manadas de poldros relinchantes, de novilhos brincões, e de toiros, de cabeça alta, alegres e mansos na sua plena liberdade; o globo rutilante do sol, illuminando a immaculada esphera, produziam em todos nós o desafogo e bem estar, que, mais de que em parte alguma, se dá no fecundo regaço da natureza!

Chegou a hora do jantar, que o nosso estomago accusava já de tardia.

Quando iamos sentar-nos á mesa, José de Avellar—tinha elle então os seus vinte e cinco annos, e era um raro exemplar de belleza masculina, tão viril como correcta—disse para Bordallo e para mim:

—Olhem que somos treze!...

Bordallo, que, apesar de marinheiro, não tinha nenhum d'esses preconceitos, respondeu, rindo:

—Pois tu acreditas n'isso, José?

—Não acredito; mas que queres...

E sentou-se visivelmente perturbado. O jantar correu alegre.

O sogro de Rebello da Silva, fidalgo no berço e no caracter, fazia parte dos convivas. Passava dos sessenta, porém sadio e robusto; Bordallo não tinha ainda quarenta annos, e não accusava lesão alguma. Antes de completo o anno, morria o sogro de Rebello, e, a pouco trecho, Francisco Maria Bordallo.

José d'Avellar dizia-me:

—Olha que eramos treze em Malpique!

Deram-se-nos depois mais casos analogos; mas vamos ao derradeiro.

Alexandre Herculano fazia annos a vinte e oito de março. N'esse dia, os seus amigos mais intimos iam jantar com elle. Em 1877, na vespera dos annos do mestre, João Pedro da Costa Basto e eu chegámos a Valle de Lobos. No dia seguinte, appareceram Henrique Augusto de Souza Reis, o marquez de Sabugosa e José d'Avellar.

Havia mais convivas. A sr.ª D. Marianna Herminia Meira, mulher de Alexandre Herculano, desde pela manhã que sentira os rebates de uma enxaqueca, a que era atreita, e que lhe não passava senão ao cabo de vinte e quatro horas largas.

Proximo ao jantar o ataque augmentava. Uma hora antes de irmos para a mesa, Avellar disse a Herculano:

—Olhe que somos treze!

O mestre, que tinha o enguiço do pão voltado, como homem justo em tudo respeitava os dos outros.

—O peor, meu amigo, é que não vejo agora que volta se lhe dê.

A senhora de um lavrador visinho do Valle, senhora sympathica e intima da casa, acudiu logo:

—Tudo se arranja facilmente. Eu mando á quinta buscar a minha filhita.

Assim se fez.

Descemos á casa de jantar. Ainda se não ti-

nha servido a sopa, quando vimos, no rosto da dona da casa, que augmentava o seu mal estar, e todos, com seu marido, instámos para que se retirasse. Era apenas uma indisposição, que não dava o minimo cuidado, e o jantar principiou alegre; mas o dr. José d'Avellar, que se assentara ao pé de mim, disse-me, muito baixinho:

—Sempre ficámos treze!

Alexandre Herculano esteve esplendido, como nos dias da mocidade. Mais uma vez todos o admirámos commovidos!

Demorou-se a palestra até tarde. O marquez de Sabugosa, Souza Reis e dr. Avellar, partiam no comboio da madrugada. João Pedro da Costa Basto e eu ficámos por mais dois dias.

No ultimo dia, ao jantar, contei umas anecdotas, que deram no goto ao mestre. Riu, do riso franco e prolongado, que lhe era peculiar. Chegou o trem que devia conduzir-nos ao comboio da tarde. Herculano, na melhor disposi-

ção de espirito, veiu acompanhar-nos até á caleche. Quando o carro partiu, uma nuvem envolveu subitamente o espirito de João Basto, e tal foi ella, que a muito custo conteve as lagrimas.

—Se não fosse, disse elle, a necessidade impreterivel de estar ámanhã em Lisboa, voltava para traz.

Ruim pancada lhe bateu o coração!

Era a ultima vez que apertava a mão do seu grande amigo!

A 13 de setembro de 1877, sobre as dez horas da noite, Alexandre Herculano expirava na sua casa de Valle de Lobos.

Dias antes, José d'Avellar — depois de haver observado o enfermo com olho de medico — entrou no gabinete de trabalho do mestre. Deixou-se caír desalentado sobre a cadeira onde Herculano se assentava para escrever, e, passando a mão pela testa, n'esse momento humida de suor, disse-me:

—Eramos treze, no dia dos annos d'elle!

O seu funesto prognostico resumia-se n'essas palavras!

De então para cá não tornei a sentar-me a mesa alguma com treze pessoas.

Monte de Caparica, Torre. Fevereiro, 1893.

OS ULTIMOS DIAS

DE

ALEXANDRE HERCULANO

OS ULTIMOS DIAS DE ALEXANDRE HERCULANO

Sabbado — 8 de setembro de 1877 — depois de jantar, saí da casa, onde então morava, — calçada da Estrella, proximo ao largo, — e fui visitar o meu amigo Zacharias d'Aça, que habitava na rua de S. Felix, á Lapa.

Eram dois passos. Ia conversar, e convidal-o para darmos, no dia seguinte, uma volta de caça pelo juncal da Costa. Ia com o animo desafogado, bem disposto, como vulgarmente se diz.

Estava uma tarde magnifica, illuminada pelo sol, ainda vivo, do declinar do verão.

Quando entrei em casa do meu amigo, achei-o preoccupado e triste.

Perguntei-lhe, se tinha alguma coisa. Respondeu-me, que não. Em seguida propuz-lhe o nosso passeio á Costa. Calou-se um momento; depois disse-me, com certa precipitação:

—É verdade, o Alexandre Herculano está doente. Parece-me ser coisa grave. O Reis (Henrique Augusto de Souza Reis, tenente coronel de artilheria, amigo de Herculano) já partiu para lá com o dr. Alves Branco.

Apertou-se-me o coração, que estava expansivo e alegre, dizendo commigo:

—O mestre está morto!

Escrevi um bilhete a minha irmã, e saí immediatamente. Zacharias d'Aça acompanhou-me.

Chegámos á livraria Bertrand, onde encontrei Augusto Saraiva de Carvalho. Perguntei-lhe novas.

—No telegramma que recebo agora, diz-se que é uma perniciosa — respondeu-me elle.

Segui para o Caminho de ferro. Tinha-se aberto a porta. A casa estava deserta. Entrei a passear d'alto a baixo. Os viajantes vinham confluindo. Eu acotovelava este, pisava aquelle...

Ha horas, em que nós quasi perdemos a consciencia do mundo exterior.

Minutos antes de partir o comboyo appareceu á porta o dr. José d'Avellar.

Fiz-lhe logo uma serie de perguntas importunas. Suppunha, allucinadamente, que o medico me podesse consolar!

— Socega-te. Eu não sei nada. Lá veremos o que ha.

*

* *

Chegámos a Valle de Lobos ás 11 horas da noite, pouco mais ou menos.

Estavam lá o medico assistente, dr. Pedroso, e Alves Branco. As physionomias d'ambos não me influiram animo. Outro tanto me succedeu,

quando José d'Avellar voltou do quarto do doente.

Alexandre Herculano estava no pleno uso das suas faculdades, porém extremamente agitado.

Sobre a madrugada partimos. Poucas palavras trocámos. José d'Avellar disse para o seu collega Alves Branco:

— Não gosto d'isto.

— Nem eu! respondeu Alves Branco.

Depois começaram a fallar, na linguagem da sciencia. Julguei perceber, que o mal não estava ainda bem caracterisado, mas que o prognostico era mau.

Não me atrevi a perguntar nada.

N'um telegramma de domingo — 9 — havia algumas palavras um nadinha animadoras.

Uma carta de José Basto, escripta ao irmão João Basto, e datada de domingo á noite, dizia que o doente tomara os caldos com menos fastio, e até pedira uma colher de vinho do Porto, coisa que até ahi lhe repugnava grandemente.

Fui, a correr, levar esta noticia a Henrique Reis e José d'Avellar, que esperavam por mim na Tabacaria Lusitana. N'aquellas circumstancias esta noticia deu-nos alma nova.

Reis disse-me:

— D'aqui por meia hora devo ter telegramma em casa. Se as noticias fôrem boas, vamos dar um passeio ao campo, e depois de jantar partimos para Valle de Lobos.

Passada meia hora acompanhei Henrique até sua casa, em frente da Bibliotheca. Fiquei á espera no largo. Bastou-me vel-o sair da porta, com o telegramma na mão, para me convencer que as novas eram lastimosas!

Não me enganei.

*

* *

Antonio da Silva Tullio, extremamente commovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho, que acudisse com a sua sciencia e grande talento ao amigo de tantos annos.

Mandou-se pôr um expresso. Ás seis e meia entravamos na estação. Lá estava Magalhães Coutinho. Partimos. Eramos cinco: Magalhães Coutinho, João Galhardo, sobrinho de Alexandre Herculano, por affinidade, Henrique de Souza Reis, José d'Avellar e eu.

O expresso silvava constantemente, cortando o terreno, como as aves cortam os ares. Pareceu-nos, que ia devagar!

Chegando a Valle de Lobos Magalhães Coutinho não auscultou o doente. Tomou-lhe o pulso, e disse-lhe algumas phrases vagas. Fallou-lhe, com insistencia, de um alto personagem, que se interessava pelo seu estado.

Quando Magalhães Coutinho saíu do quarto, Alexandre Herculano, muito commovido, disse para José d'Avellar:

— Isto dá vontade de a gente morrer.

Era a friesa desconsolada do medico e do amigo? Seria sentir que o homem de superior talento, talento que elle apreciava tanto, não lhe podendo já acudir com a sciencia, queria,

áquellas tardias horas, consolal-o com a satisfação das vaidades humanas?

Fosse o que fosse, alguma coisa acerba lhe atravessou o espirito, n'esse atribulado momento!

D'alli a pouco, recobrando a sua habitual serenidade, disse-me:

—Os de casa, coitados, andam com a cabeça perdida. Dê uma vista d'olhos áquillo lá por baixo, para que arranjem a ceia. Veja os melões. Este anno são magnificos.

De madrugada regressámos a Lisboa.

*

* *

N'esse dia á noite—11—José d'Avellar voltou a Valle de Lobos.

Damos-lhe agora a palavra:

«Meu querido Bulhão Pato.—Para completares a tua triste narrativa, queres que reconte

o que se passou, desde o dia em que tiveste de retirar de Valle de Lobos, e eu tive de ficar ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei, como sabes. Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancholicos episodios, que a minha fraca memoria não deixou escapar.

«No dia 12 resolveram propor ao enfermo, que aproveitasse a presença do tabellião — que era seu respeitoso amigo, e que o vinha visitar — para fazer o seu testamento, ao que elle accedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente n'um quasi desdenhoso sorriso, que não acreditava na coincidencia d'aquella visita.

«Assisti ao acto como testemunha.

«Dictou tudo, palavra por palavra, com a maior serenidade, e sem differença de tom na voz, quando fallou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade de sua viuva.

«Fui eu, e Santos, que o amparámos, para se sentar na cama, e assignar o testamento. Como a primeira penna — que era d'ave, e com essas é que sempre escrevia, — não servisse, por estar resequida e com os bicos revirados, por não ter uso havia alguns dias, fui ao escriptorio procurar outra, que preparei rapidamente, molhando-a na tinta, e collocando-lh'a entre os dedos.

«Com estas curtas demoras, e na posição que conservava, — ainda que amparado nos braços de Santos, — tinha-se afadigado extraordinariamente; a respiração era já muito frequente e curtissima, porque a maior parte dos pulmões não funccionava, e só com muito esforço e vigor de vontade conseguiu — a muito custo e com lettra muito tremida e deformada — assignar o seu — *A. Herculano.*

«A palavra que, decerto, o grande escriptor traçara sempre com menos attenção e quasi automaticamente, foi a ultima, que escreveu, e com tantas difficuldades e cançado trabalho,

como quem realmente grava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair, offegante, sobre as almofadas, com a respiração estridula e fervorosa de quem já não tinha força para expectorar.

«Disse-me ainda que os rapazes — os seus testamenteiros — poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscriptos, que deixava, e os artigos dispersos nos jornaes.

«Depois ficou n'um torpôr de repoiso apparente, e nós deixámol-o como a dormitar.

«Estava exhausto; poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia.

«De noite voltaste, e como não o desamparaste mais, melhor do que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiador!

«Teu velho amigo

José d'Avellar.»

*

* *

Os telegrammas do dia 12 eram cada vez mais aterradores.

Henrique de Souza Reis estava descoroçoado, mas queria ainda levar o dr. Alves Branco a ver o seu amigo.

Era um fio de esperança; agarrava-se a elle!

No comboio da noite partimos.

A viagem foi soturna.

Quando chegámos a Valle de Lobos, e entrámos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique, e abraçou-o.

Era um agradecimento mudo pela sua sollicitude.

O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não despregavamos os olhos d'elle. O habilissimo medico forcejava por apparentar a maxima serenidade, fallando affectivamente com Alexandre Herculano, que lhe dizia:

—Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui, como ficaria eu? Valeria a pena esgotar os recursos da sciencia com um homem, que já nada poderia produzir? Estou cançado, doutor, tenho trabalhado muito!

Quando entrámos no escriptorio, Alves Branco sentou-se, esteve alguns momentos calado, e depois, como respondendo á nossa anciosa espectativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

—É um homem irremediavelmente perdido!

Meia hora depois Henrique, morta a esperança, voltava com o doutor para Lisboa. Eu ficava.

Abraçámo-nos sem trocar palavra.

Sobre a madrugada desci á casa de jantar, sentei-me n'uma cadeira de braços, e adormeci. D'alli a pouco acordei sobresaltado.

Cantavam os passaros, vinha rompendo a manhã.

Subi ao quarto. Eduardo Galhardo, sobrinho de Herculano, filho de sua irmã, estava alli.

A luz, que entrava pelas frinchas da janella, sobrelevava já ao clarão mortiço da lampada accesa no quarto proximo ao do enfermo.

Alexandre Herculano disse:

—Abram a janella. Quero ver as arvores.

Eduardo abriu as portas da janella. O orvalho, aos clarões vivos e virginaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas, correndo em lagrimas pelos vidros empanados.

Eduardo limpou os vidros com o lenço. N'esse mesmo momento tinham entrado o quarto José Bastos, José Candido dos Santos, um dedicado amigo de Valle de Lobos, hoje morto, a ex.ma sr.a D. Marianna Herminia Meira, e as amigas intimas, que a acompanhavam. Não me recordo de algumas pessoas mais.

A luz da manhã crescia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior, que de ordinario, quando fallava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na bocca de ninguem.

Nada ás vezes é mais eloquente, do que o completo silencio!

Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fixo para sua mulher, que elle amava extremosamente, com expressão dolorosa e affectiva.

Depois, estendendo o braço, disse com energia:

—Levem d'aqui as mulheres. Mulheres não são para ver isto!

Que se passaria n'aquelle forte, e ao mesmo tempo amantissimo coração, ao proferir estas palavras em tal instante e com tal hombridade!?

O medico assistente, doutor Pedroso, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente physionomia lia-se a sentença fatal!

O creado Manuel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno, e mandara educar, veiu trazer-lhe um caldo.

Herculano fez um gesto repulsivo.

Manuel insistiu sollicitamente.

O doente respondeu:

—Bebe-o tu, coitado, que necessitas, eu já não preciso de nada!

Ás onze horas da manhã chegou o duque de Palmella.

O duque, desde muito rapaz, tivera relações intimas com Alexandre Herculano.

Quando elle entrou no quarto, Alexandre Herculano estava deitado sobre o lado esquerdo. Sem proferir palavra, estendeu o braço direito, e lançou-o em volta do pescoço do seu amigo.

O duque fez grande esforço para conter o impeto da commoção; ainda assim não o poude conseguir.

Nas largas e afflictivas horas d'aquelle dia—horas negras que, por uma antithese cruel, contrastavam com o aspecto do Valle, cujas arvores e vinhedos, batidos pelo sol magnifico, pareciam nadar n'um banho de luz—houve para mim um momento de singular consolo.

Vendo que a respiração do doente era por extremo anhelante, o que me opprimia o peito, perguntei-lhe, como machinalmente:

—Custa-lhe muito a respirar?

—Não, não, respiro bem, muito bem.

Disse isto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei alliviado d'um grande peso!

Queixava-se muito de dôres no logar do caustico. Pediu, que lh'o tirassem. Como houvesse hesitação disse:

—Tirem, tirem. Agora para que serve?

Os olhos, que elle tinha de um grande brilho, apesar da terrivel enfermidade, não haviam amortecido muito; conservavam a sua expressão reflexiva e boa.

O semblante estava dolorido, macerado; mas não havia sombras. É que as não tinha, aquella alma limpida e serena!

Não cabe aqui n'estas linhas o retrato moral d'esse homem verdadeiramente superior.

Um dia, talvez em breve, tentarei fazel-o, narrando factos da sua vida particular, factos

caracteristicos — eloquentes! Á falta d'arte haverá verdade e sinceridade. Conheci muito de perto aquella vida immaculada no decurso de trinta annos.

Volto á minha narrativa.

A respiração continuava anhelante, porém menos ruidosa. Cada vez maior difficuldade de expectorar.

Tinha alguns minutos de apparente somnolencia; depois, estremecendo, abria os olhos.

Seriam tres da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse, apontando para os pés:

— A morte já ahi vem a subir.

Em seguida, levando a mão á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, accrescentando:

— Isto ainda está bom. Foi muito rijo.

Esteve alguns minutos fitando-me, e continuou:

— Agora, vocês é que ficam sendo os velhos!

Nas horas em que estive ao pé d'elle, du-

rante a enfermidade, foi n'esse momento que, pela primeira vez, lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

A tarde começou a declinar.

Eu estava no gabinete de trabalho proximo do quarto. Eduardo Galhardo chegou-se a mim.

—Olha, o tio recitou agora alguns versos, mas eu não pude perceber bem.

Abeirei-me do leito, e fallei-lhe.

Respondeu:

—Ainda lhe comprava mais dois centos.

Tornei a fallar-lhe.

Repetiu as mesmas palavras, e, passado breve espaço, accrescentou:

—Tanchões d'oliveiras.

Os olhos haviam tomado expressão diversa —espantados, desvairados!

Estava em delirio.

Saí, ou antes, fugi do quarto.

Quando vi transtornada aquella soberana razão, que desde os meus dezeseis annos me ha-

bituara a venerar, e a admirar, em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

Sem me despedir de ninguem metti-me com o duque de Palmella n'uma caleche, e parti.

D'alli a pouco mais de duas horas, Alexandre Herculano estava morto.

*
* *

Voltei no dia seguinte — 14 — á noite. Não achei conducção na Ribeira de Santarem, e só na cidade, de madrugada, pude obter um trem, que me levasse a Valle de Lobos.

Era a ultima despedida.

A alma humana, sob qualquer fórma, ha de tender sempre para estas manifestações, ter estas exigencias, por mais que os espiritos positivos lhes chamem puerilidade.

Não foram, ha pouco ainda, os communistas da França, que não acreditam em Deus, levar corôas de perpetuas á valla, onde haviam caído, trucidados pela reacção aterrada e enfurecida,

—o medo é feroz!—milhares dos seus camaradas?

Eram vermelhas as corôas.

A côr que importa?

Quando entrei no Valle, vinha clareando a manhã.

As duas enormes faias do cremiterio, meneando-se e acurvando-se com a aragem viva da madrugada, pareciam chamar, convidando o recem-chegado a que viesse commemorar com uma lagrima a solidão em que as deixara a perda do seu amigo!

O sol, crescendo em torrentes de luz, inundava d'alli a pouco a paizagem.

No ar, onde rutilavam columnas de pó doirado, nos claros das alamedas, zumbiam os insectos com uma vibração alegre—ironica e cruel para a alma dos tristes!

As folhas de terra do fundo do valle, e as encostas de bacello, denunciando prospera colheita, estavam alli para confirmar a solicitude e mestria da mão, que as cultivara.

Valle de Lobos, nos ultimos annos, foi uma granja modelo, onde até os mais contumazes na rotina vinham estudar e aprender.

Era ainda um serviço prestado por aquelle homem de eleição, entre tantos que fizera ao seu paiz.

*

* *

Com o altear do dia foram chegando os que vinham para o acompanhar no prestito.

O firmamento sem uma nuvem, d'um azul vivo e profundo, ostentava a sua serenidade olympica sobre as lagrimas e miserias d'este mundo!

As aguas da mina, refervendo, desciam por encanamentos, para irem regar a varzea; as vaccas turinas, com a barbella pendendo em dobras, o pescoço recachado, os uberes turgidos, replectas, e descançando, deitadas no hervaçal, voltavam vagarosamente a cabeça, a re-

parar para a linha negra e taciturna dos convidados, que seguia pela bordada do valle, e fitavam, estremecendo, a orelha vellosa, como attonitas de verem na sua alegre paizagem aquelles inusitados e sombrios vultos!

Na clareira do valle, e no fundo verde escuro do outeiro, resaíam as casas da aldeia com as chapadas de luz da força do dia.

Entre os que seguiam no prestito um homem de verdadeira sciencia e talento — Antonio Augusto de Aguiar — proferiu, á beira da sepultura do grande historiador, algumas palavras notaveis e commoventes. Não as ouvi, porque não fui ao cemiterio.

Os camponezes offereciam ramos de oliveira ás pessoas, que tinham vindo de Lisboa.

As oliveiras, que elle lhes ensinara a tratar!

Prestavam esta homenagem, na sua rustica e affectuosa sinceridade, não ao escriptor que não conheciam, mas ao amigo de tantos annos, que respeitavam, porque lhes acudira sempre com o conselho e com o remedio.

D'aqui a poucos dias completam-se tres annos — 13 de setembro — que desappareceu a luz d'um dos mais elevados engenhos que tem tido Portugal, e acabou para mim um grande amigo.

Estas linhas são um desafogo.

Creio que o paiz não verá com indifferença a historia, religiosamente verdadeira, das ultimas horas e das ultimas palavras do seu mais illustre cidadão.

Agosto 30, 1880.

UMA CARTA DE GONÇALVES CRESPO

Lisboa 24–10–81 — Meu Pato — Chego da provincia. Encontro a *Arte*. Abro-a. Leio o teu artigo[1], pasmo, enterneço-me, choro. Escreveste uma obra prima. Aquelle quadro fica. Ha de ler-se mais tarde como um documento. És um antigo e um moderno. Os outros, que por ahi andam nas palmas, são sómente modernos; viverão mais tarde? Duvido. Abraço-te, e se não vou a tua casa é porque não sei onde vives e moras.

Teu discipulo amantissimo

Gonçalves Crespo.

---

[1] Gonçalves Crespo refere-se aos *Ultimos momentos de Alexandre Herculano.*

ANTONIO GONÇALVES CRESPO

ANTONIO GONÇALVES CRESPO

Antonio Crespo!... Tambem já não existe o meu pobre Gonçalves Crespo! Vou passando o resto dos annos da minha vida a fazer satyras e elegias! Os idyllios acabaram.

Era um homem de bem, Antonio Crespo; uma alma arejada e sadia; um elevado e primoroso talento! Disse e escrevi isto mesmo, quando elle vivia; repito-o agora, que é morto.

Na *Folha,* jornal litterario de Coimbra, foi que li os primeiros versos do poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos.*

O *Alguem,* por exemplo, ainda hoje me lembra:

Para alguem sou o lirio entre os abrolhos,
E tenho as fórmas ideaes de Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe, é porque existo.
.....

Crespo cultivava com extremo a lingua nativa, esta lingua portugueza maleavel e graciosa, pujante e delicada, com musculos vigorosos para brandir o cutello da satyra, e femininamente nervosa para todas as cambiantes da elegia e do idyllio.

Lingua severa no didactismo da sciencia, e propria a todos os effeitos da arte, ainda a vemos, uma vez que outra, na sua vigorosa e gentil elegancia, afastando os gaguejadores de francez, que lhe fazem assuada com tregeitos de garoto.

Gonçalves Crespo pertencia á geração moderna, onde ha intelligencias cultas, e de or-

dem superior, a par de um enxame de vaidosos, que se dizem filiados n'ella, ignorantes crassos, chilros de miolo, e moralmente leprosos de muitas vergonhas.

Em todos os tempos tem havido um pouco d'isto; mas, francamente, tanto gatuno e pilhante scientifico, tão, ás soltas, desaforado e procaz, como agora, nunca se viu!

Antonio Crespo nascera no Brasil, e, em um soneto das *Miniaturas,* pinta elle, — n'uma paizagem digna de Virgilio — um caír da tarde, n'aquella natureza exuberante, de modo que rivalisa com os maiores mestres!

O poeta dos *Nocturnos* prestava á forma todos os desvelos do verdadeiro artista. Não era requintado, como ás vezes são os parnaseanos, nem se embelecava em face d'uma rima desusada e extravagante: todo o verso na elegancia e correcção da structura lhe merecia egual cuidado.

Portuguez e actual na linguagem; nada de archaismos de phrases e palavras obsoletas;—

nada, que é uma peste — e o seu bom gosto sabia evital-as, conservando sempre á locução o genuino sabor nacional.

Fazia muito bem alexandrinos, verso, que, ainda agora, insisto em que é preciso usar d'elle com toda a cautela. Parece-me que se deve empregar principalmente na satyra e na descripção.

O alexandrino, bem no fundo, é sempre forasteiro em Portugal, em Hespanha e na Italia, onde ha o rythmo sonoro e masculino do decasyllabo, ainda desataviado da rima.

Nem em hespanhol nem em italiano conheço este metro, a não ser como specimen e raridade; se existe, ainda assim.

Os alexandrinos, que n'estes ultimos tempos se estão fazendo, caíram n'uma monotonia intragavel: são todos o mesmo; os mesmos epithetos, as mesmas phrases cortadas, as mesmas rimas, e, quando tenham exacto numero de syllabas, raro é o infeliz, que não manqueja, com as juntas em deploravel estado!

As composições de maior folego de Gonçalves Crespo foram a *Resposta do Inquisidor* e a *Morte de D. Quichote.*

*
* *

Era excepcional a physionomia de Gonçalves Crespo; tinha o que quer que fosse de selvatico; escapava á analyse; não havia leis na esthetica para julgar aquella anarchia de feições. Pois este homem era uma sympathia viva e irresistivel!

A luz forte e crystalina dos olhos; a voz mascula, redonda, sonora — com umas notas veladas, deliciosas — tinham poder singular!

Quando recitava versos, sempre commovido e sempre inspirado, todo aquelle absurdo de linhas physionomicas se harmonisava, e era admiravel!

Scismador e ingenuo! Tinha a imaginação viva do infante e a alma da creança. Entre os

seus idyllios ha um soneto de sensualidade tão delicada, que nenhum outro poeta, de quantos conheço, nacionaes e extrangeiros, se lhe avantajou, a meu ver. Não me lembra o titulo; escrevendo estas notas não tenho nenhum volume de Gonçalves Crespo, mas tenho a idéa: eram duas borboletas, que palpitavam amorosamente sobre o leito alvissimo de uma joven noviça!

A clausurada, desviando os olhos d'aquelles noivos alados e coloridos, cravava-os no ceu azulino da primavera, comprimindo com a mão o seio ondulante, e descerrando, n'um sofrego suspiro, os labios ardentes e purpurinos!

Tinha horas de profunda melancholia. Todo absorto e concentrado em si proprio, a solidão e a contemplação da natureza, em taes horas, eram-lhe impreteriveis.

Talvez n'essa contenção de espirito seria que, por ventura, firmava na imaginação as linhas vigorosas, as côres proprias, e a distribuição da luz para os seus quadrinhos perfeitissimos, este Meissonier das lettras!

Os homens de talento applaudiram-o; amou, e foi amado por uma mulher superior. Sorriam-lhe os dois unicos clarões d'este mundo: a gloria e o amor! Vingou-se da miseria da vida!

Amado por uma mulher superior, sim: cega e perdidamente amado, até ao ultimo suspiro! Quem não conhece o gentilissimo nome de Valentina de Lucena, ou antes, o nome duas vezes patricio — pelo berço, e pelo talento — de Maria Amalia Vaz de Carvalho!

O poeta estudava em Coimbra; Maria Amalia, na sua apartada vivenda de Pinteus, escrevia as ultimas estancias de *Uma primavera de mulher,* ramilhete, brilhante de côres, rescendente de aromas, orvalhado de lagrimas!

O poeta, discorrendo pelo choupal sussurrante e sombrio, sonhava, arrendando alguns dos seus primorosos sonetos...

Distantes, desconhecidos — embora; palpitavam synchronos aquelles corações na aspiração da gloria e nos arrebatamentos do amor!

Se uma palavra os approximasse fundiam-se um no outro!

Um dia Maria Amalia abrira, pela primeira vez, o livro das *Miniaturas*. Uma lagrima confundiu-lhe a vista, ao terminar o *Alguem*.

Com a sua alma e com a sua memoria, todo o poema lhe ficou na memoria e na alma!

Antonio Crespo tinha lido ao mesmo tempo os versos da privilegiada escriptora, que, logo nos primeiros passos da sua estreia, vencia, na graça, os proprios lyrismos de Paulina de Flaugergues.

O poeta ficou pensativo!

Dias depois veiu-lhe á mão uma pagina de prosa de Maria Amalia; prosa onde, atravez do crystal esmaltado da superficie, se vê claro no fundo o pensamento, propriedade rara, e só dos elevados engenhos.

Que harmonia de sentimento e analogia de fórma entre a novel escriptora e o dulcissimo poeta, que transportara o calor da paizagem nativa para as amenidades alpestres de Portugal!

Antonio Crespo, depois de uma noite de insomnia e sobresaltos, tomou uma resolução extrema; pegou na penna, e escreveu áquella mulher, que elle amava já com as visões do seu talento, e com os impetos do seu nobre coração!

Era uma loucura! Os espiritos vulgares não comprehendem, que uma loucura inspirada pelo amor é quasi sempre uma obra sublime!

Escreveu a carta, ou antes poz toda a sua alma no papel mysterioso e sybillino! Alvorotado e tremulo, deitou, elle proprio, a carta no correio.

Alea jacta est!

D'alli a pouco casavam. Antonio Crespo ainda era estudante.

O passo fôra arriscado. Este mundo tem obrigações positivas e impreteriveis. E quando viessem filhos? Encararam tudo, e levantando as cabeças, arejadas pelo talento, e petulantes de audacia, sorriram, desafiando o futuro!

Começou o labutar constante. Ganhar a vida

pela imprensa, é trabalho rude em Portugal. Que o digam as melhores espadas!

Maria Amalia Vaz de Carvalho era nervosa e debil; mas operava prodigios a sua energica vontade.

Houve momentos—a mim proprio m'o revelou depois—em que, ao cabo de largas horas, desatava a chorar, porque lhe faltavam litteralmente forças para traçar as lettras sobre o papel!

A lucta durou annos! Vieram depois dias mais desafogados.

Finalmente Antonio Crespo teve uma herança avultada.

Finalmente — sim! — porque muito pouco tempo depois morreu!

Infamias do destino ou do acaso, que só cabem em sorte a alguns desgraçados!

Em maio d'este anno resolvi sair de Portugal, e demorar-me uns mezes por fóra.

Na vespera da minha partida disseram-me, que Antonio Crespo estava com uma pneumonia, porém que o seu estado já não era grave.

Fui vel-o immediatamente.

Encontrei lá o meu amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, que vinha a despedir-se de Maria Amalia. Assim que olhei para ella, bateu-me o coração uma pancada ruim!

Á saída Maria Amalia, com a sua voz de perolas,—voz unica!—disse-me:

—Adeus, meu querido Bulhão Pato. Faça muito bem a sua viagem. Quando voltar...

Nunca me ha de esquecer a inflexão d'esta phrase, que se cortou em lagrimas!

*

* *

Um dia estava eu, em Roma, visitando o nosso ministro e meu velho amigo Mathias de Carvalho e Vasconcellos, quando elle, pegando n'um jornal portuguez, me leu satisfeito a noticia de que Antonio Crespo se achava salvo e em plena convalescença.

Escrevi a Maria Amalia, á minha dilecta

amiga, que eu trouxe nos braços, quando era menina, e que amei sempre com o mais sincero affecto, uma carta de parabens.

Ai de mim! que ainda não tive animo para lhe dar os pesames!

Na carta mandava-lhe uma folha de Tusculum, como lembrança ao convalescente, tão amante de Cicero! Impellida pela saudade, essa folha symbolica, chegou ainda a tempo de cair inerte sobre a sepultura d'um fraterno amigo!

Quasi nos fins de junho, em Veneza, recebendo cartas de Portugal, tive a nova da morte de Antonio Crespo!

Era ao cair da tarde. O tempo estava magnifico. Veneza começava a accordar com a approximação da noite.

Fui passear para a praça de S. Marcos. Tocava lá uma banda de primeira ordem.

Jantei muito tarde e pouco.

Metti-me n'uma gondola, e andei pelos canaes até ao romper da madrugada. A imagem

do poeta apparecia-me, e confundia-se-me com tudo.

No correr d'esse dia fiz meia duzia de versos. Antonio Crespo tambem está n'esses versos, talvez nebulosos, que dedico á sua memoria.

Desponta a luz no azul immaculado;
Voam as pombas mansas em bandada;
Estremece o canal, como acordado,
Ao primitivo beijo da alvorada!

Rutíla o sol na esplendida grandeza
Dos marmores ducaes! Referve o dia;
Mas só, caindo a noite, principia
A despertar a morbida Veneza!

Pois aqui, onde ha lagrimas e ha dôres,
Renovam-se os clarões das madrugadas,
No firmamento as noites estrelladas,
No coração o amor, no campo as flôres!

Ó poeta, onde estás, realisaste
A aspiração suprema do ideal?
Seria um sonho quanto tu cantaste?
Será o nada a vida perennal!?

Um nada foi a tua vida no mundo; mas n'essa breve passagem deixaste um traço luminoso na historia litteraria do teu paiz, e uma viva saudade no coração dos teus amigos!

Agosto, 21, 1883.

ANTHERO DO QUENTAL

ANTHERO DO QUENTAL

Na primavera de 1868, Anthero do Quental estava na ilha de S. Miguel. O pae, Fernando do Quental, viajava pela Europa, como já por vezes o havia feito.

Fernando do Quental era o typo genuino do fidalgo de velha rocha: polidez extrema, generosidade summa; amando os pergaminhos, que eram nobilissimos, gloriando-se das suas tradições; mas sem bater com os illustres antepassados na cara de ninguem. A mãe de Anthero, senhora de educação primorosa. Anthero

tinha um irmão mais velho, chamado André, —o morgado—e tres irmãs. N'esse tempo só uma d'ellas era casada. Filippe do Quental, o patriarchal Filippe—patriarchal, apesar de valente como as armas—que foi amado por não sei quantas gerações de estudantes, estava em Coimbra, onde tinha sido o tio mais affectuoso, o mais alegre e dedicado camarada de Anthero, durante o tempo da formatura.

A casa dos seus paes, na ilha de S. Miguel, era na rua das Artes. Fernando do Quental tinha alli montado uma officina para seu uso e dos seus amigos—officina de encadernador—e, no genero, era um primoroso artifice. O filho, na sua paixão pelo auctor da *Propriedade é o roubo,* quiz ser typographo, e esteve exercitando a arte algum tempo na Imprensa Nacional de Lisboa. Anthero tinha tal enthusiasmo por Hegel e Proudhon, que escrevia e dizia: Christo, Proudhon e Hegel! Ao proferir estes nomes, assumia um aspecto grave, e os olhos exprimiam certa beatitude.

O poeta das *Odes Modernas* e dos *Sonetos*, se tivesse nascido duzentos ou trezentos annos atraz, seria um cenobita, talvez retirado nas agruras da montanha, elevando os seus hymnos a Deus, em extases mysticos!

Quem sabe ler nas entrelinhas veja os *Sonetos*, e sentirá que, de quasi todos os versos, ainda os que são mais batidos na philosophia de Schopenaüer, respira o aroma do lyrio branco e immaculado, que ascende para o céu!

—Bemaventurados os que podem acreditar, exclamava elle com um sorriso, que tinha lagrimas acerbas!

Direi que as dôres physicas não foram as que levaram Anthero áquelle tragico desenlace. Tinha nervos para supportar as tormentas do cavallete e das aspas, sem soltar um gemido! O que lhe deu o ultimo boleu de misericordia foi perder completamente a fé n'alguns homens, em que elle ainda acreditava! Depois do *Ultimatum*, uma faisca de esperança, um clarão redemptor, illuminou-lhe o espirito. Era

a ultima illusão! Quando se lhe apagou, começaram os sinistros rebates do suicidio!

Que se daria n'aquella grande alma, antes de tomar a resolução fatal, e no periodo rapido, mas cruentissimo da agonia? Pobre Anthero! Herculano e os do seu tempo já viam este paiz assaz combalido; mas assistir á rala agonisante, aos movimentos desvairados, e ao puxar da roupa, isso estava para nós!

*

* *

Em 1868, na ilha de S. Miguel, os jesuitas haviam empolgado uma parte da aristocracia e a plebe da cidade e dos campos, como largamente descrevi nas *Cartas dos Açores*.

Anthero viera para a ilha, na esperança de equilibrar a saude. Procurava abster-se de toda a concentração de espirito, e identificar-se com o campo, n'aquella exuberante natureza. Paiz encantador, mas porventura perigoso, para as

imaginações poderosas, e para os organismos de sensibilidade viva, como era o de Anthero. Nos montes, as crateras extinctas, seduzindo-nos com a imponente formosura, dão-nos a vertigem e fascinação do abysmo! As caldeiras das *Furnas,* em ebulição, apavoram-nos. Os picos, nas curvas das serranias, figuram torres de castellos roqueiros, zimborios e agulhas de cathedraes giganteas, suggerindo-nos pensamentos levantados! As matas de pinheiros e vinhaticos, quando a nevoa ondeia nas copas sussurrantes, têm um vago de mysterioso, que leva a scismar! As laranjeiras, entre os abrigos de incenso e de faia, embriagam-nos com os seus aromas penetrantes! Os jardins — os primeiros da Europa — nos relvões tapizados, nas variadas e collossaes palmeiras, no arvoredo, em flexuosas alamedas de rosas do Japão, que em S. Miguel, pela variedade e formosura, são as mais bellas do mundo, transportam-nos aos jardins de Armida, creados pela genial phantasia do Tasso! Em volta o mar, orlando, na

bonança, as escarpas da costa, ou rebentando, medonho, nos vãos dos rochedos, quando batido da tormenta!

Tudo isto é seductor, mas perigoso para certos espiritos, porque em todas estas maravilhas da natureza ha um fundo inexplicavel e indefinivel de melancholia!

*
* *

A familia de Anthero morava em casa propria. Uma boa casa. O poeta escolheu para residencia a *quinta do Ramalho,* tambem quinta e vivenda que faziam parte do morgadio.

Alli estava, sobre as ribas do oceano, entre arvores frondiferas, solitario, contemplativo e sonhador! N'essa epocha, o enthusiasmo palpitava no seu coração juvenil e generoso! Dava largos passeios, que duravam dias, cortando a ilha em todas as direcções. Trajo de campo, sapato grosso e ferrado, um bordão solido. Mas,

por mais protestos que fizesse de abandonar a lettra redonda, em cada uma das amplas algibeiras ia um volume, e um dos volumes seria de algum allemão transcendente.

Anthero do Quental não foi nunca positivista, apesar da sua grande admiração por Augusto Comte. Não se lhe dava com o sangue. Shelley diz de si proprio: «Nada humano e terrestre em mim existe!» Anthero podia affirmar o mesmo. Até a sua organisação physica o levava para o immaterial. Muitas vezes lhe ouvi:

—Se podesse viver sem comer, julgava-me feliz. A digestão embrutece-me e atormenta-me!

Comia apenas uma vez ao dia, e muito pouco.

Era vigorosa e original a expressão da cabeça do poeta. Pintando, na *Paquita,* um rapaz florentino, com quem travei relações, em Bolonha—bello moço e elevada intelligencia—fiz inconscientemente, o retrato de Anthero, que aos vinte e tantos annos era assim:

Cabeça fulva, audaz e leonina,
Erguida com um porte triumphal;
Olho azul; na pupilla crystalina
Accesa uma faisca genial;
A candura, alliada ao verbo intrepido,
Na bocca, d'um sorriso matinal!

Algumas noites vinha do Ramalho á rua das Artes visitar a mãe e as irmãs. Alli armavamos palestra, e sempre, ou quasi sempre, quando eu saía acompanhava-me. Alongavamos o passeio, procurando as arribas do mar. As noites são mais limpidas de que os dias em S. Miguel. Algumas noites, elle fallava com grande facilidade e exaltação. A cabeça descoberta, como nos seus dias de estudante; os cabellos crespos e aleonados; os olhos accesos; um sorriso, que, no fundo, ainda quando vibrava alguma ironia, era sempre bom, mas sempre triste!

Tinha ainda o cerebro povoado de illusões. Suppunha que nos operarios, e até nos seus agitadores, não havia mais de que ambições le-

gitimas, abnegação, sinceridade. Dava um tom emphatico ás palavras Justiça, Direito; ás phrases Idéa nova, Modernos ideaes. Tinha todo o colorido forte e a declamação retumbante dos bardos de 1830. Bem no fundo, Anthero foi sempre um romantico. Até no morrer como Werther! No temperamento extremamente sensivel, o influxo da educação dos primeiros annos e a natureza do paiz em que nasceu, desenvolveram-lhe a sensibilidade, e a lucta constante, e direi cruel, da sua vida, foi querer dominar e abafar com a razão, robustecida por outros estudos, o temperamento nativo; mas esse temperamento, para olhos perspicazes, que o tratassem de perto, resumbrava e traía-se a cada passo!

—O enthusiasmo é bom; mas a critica é melhor—exclamava elle repetidas vezes. E foi sempre muito mais um enthusiasta do que um critico; foi, acima de tudo, um poeta, e como poeta fez a sua obra prima! Ainda bem!

A vida fragueira da ilha, a amenidade do

clima, o socego de espirito, deram algum concerto aos seus nervos exaltados. Tinha, porém, o animo inquieto, e como as idéas politicas e principalmente sociaes, estavam em constante ebullição, precisava de um meio mais largo para expandir e exercitar a sua actividade. Veiu para Lisboa.

Tinha muitos livros na cabeça; mas prejudicava-o o embaraço da escolha. Planeava uma grande obra de critica historica, escrevia alguns capitulos; n'isto, tomava nova orientação, e eil-o a architectar novo edificio. Elle, tão firme na linha da honra, tão seguro nos preceitos do seu credo moral, no mundo da phantasia tinha d'estas incongruencias, se é permittida a palavra.

Gizasse no espirito a traça de um livro elevado, improvisasse conferencias, como as do Cassino, escrevesse folhetos politicos, chispando como o ferro candente, batido na incude, o que não deixava era de ir reunindo, n'uma gaveta especial, a intervallos maiores ou meno-

res, uma meia folha volante com quatorze linhas da sua lettra nitida e correcta. Uma flor perfumada de jardins ethereos — um primoroso soneto!

*
* *

Disse que Anthero do Quental seria homem para ser posto a tormento, e supportar o *oitavo grau* — como o conde de Atouguia o soffreu, dado pela mão do carrasco pombalino — sem soltar um gemido, e a prova está n'uma viagem que fez a New-York.

Escrevi ao meu amigo Joaquim Negrão, pedindo-lhe pormenores d'essa viagem. Recebi a longa carta, que transcrevo, carta escripta sem a minima preoccupação litteraria, mas por um homem de talento e de gosto, que tem corrido mundo, e que hoje vive no Algarve, onde nasceu, na salubre e graciosa Villa-Nova de Portimão.

A carta do meu velho amigo é, n'estas *Me-*

morias, uma bella e interessante pagina. Ahi vae textualmente.

«Portimão, 18–1.º–93.—Meu caro amigo—Cheguei hontem d'uma das minhas frequentes, mas curtas digressões, e encontrei a sua carta, a que vou ter o gosto de responder.

«Devo-lhe a consolação de recordar-me. Obrigado, meu amigo! Não tenho a que recorrer senão á memoria; creio, porém, que não lhe darei muitas notas falsas.

«Era meu o navio em que fiz uma viagem com Anthero do Quental; chamava-se *Carolina,* e eu tinha-me arvorado em mestre d'elle. Largámos do Porto, em principio de julho de 1869, com destino a Halifax—Nova Escossia—aonde chegámos com vinte e cinco ou trinta dias de viagem, e d'onde partimos para New-York, que alcançámos em onze dias. De New-York saímos em fins de setembro, e trouxemos ao Porto cincoenta e dois dias de pessima viagem.

«Agora alguns pormenores. Primeiro lhe di-

rei, que não era Anthero o meu *destinado* companheiro de viagem, mas João de Deus, com quem eu tinha combinado, algum tempo antes, que o avisaria de quando tivesse viagem para fóra da Europa, e que elle me acompanharia. Chegada essa occasião avisei-o do Porto, chamando-o a cumprir a sua promessa, e elle foi logo, acompanhando-o Anthero. Houve, talvez, um mez de demora no Porto, durante o qual vivi com estes e mais Germano Meyrelles— ao tempo redactor do *Primeiro de Janeiro*— Alberto de Sampaio, e não sei quem mais. Aprendi aqui a conhecer melhor Anthero, a admirar aquelle coração d'oiro fino, aquelle caracter de aço de rija tempera, algumas vezes severo e reservado, outras alegre como uma creança, e affavel sempre. Um dia, se quizer, lhe darei algumas notas alegres d'este curto tempo de convivencia. Anthero não era sómente um pensador, era tambem um rapaz jovial. Que se elle fosse sómente um pensador, como nos entenderiamos nós, eu e elle?

«Á hora da partida os nervos de João de Deus atraiçoaram-o, e Anthero embarcou em logar d'elle. Resolveu-se, á hora, com tanta facilidade e simplicidade, como se se tratasse de um passeio á Foz, ou de ir tomar café á *Aguia d'Oiro!*

«A viagem para Halifax foi boa e mansa, mas ainda assim Anthero soffreu muito, porque se lhe repetia o enjôo, sempre que o balanço crescia ou variava. Deitado é que tinha algumas horas de allivio, e tomava uns caldos, ou qualquer outra coisa de facil ingestão.

«Estes intervallos de descanço aproveitava-os elle na leitura. Não me recordo se lia o Vico, como V. pensa, mas Hegel sei que ainda lia, *talvez como gymnastica do espirito.*

«Como eu, ao tempo, tivesse vontade de estudar allemão, e tivesse a bordo os livros para esse fim, Anthero preferiu este genero de trabalho, e começou com tal vontade, que, mesmo quando enjoado, lá ia tirando o seu significado, ou estudando os malditos casos d'aquella

grammatica. E com tanto proveito o fez, que já na viagem de regresso á Europa veiu lendo Goëthe no original, e não me lembro quem mais que tinha comprado em New-York.

«A demora em Halifax foi curta, de uns quinze dias, e podémos dar alguns passseios nos arredores, e aproveitar alguns dias de animação, que aquella cidade sorumbatica teve com a visita do principe de Galles.

«Lembro-me de um concerto ao ar livre, n'um lindo parque, de cinco mil vozes—assim dizia o annuncio—e que foi um fiasco enorme, um *charivari* medonho! Anthero ria como doido. Aqui se restabeleceu um pouco das fadigas da primeira viagem, e, como de Halifax a New-York tivessemos uma viagem sem balanço, chegou a este ponto com mais vigor.

«A nossa chegada a New-York causou o espanto—e talvez o desgosto—do consignatario da carga, que já a suppunha perdida, e a nós com os peixes. Era o caso, que durante a nossa passagem tinha caído, ao norte dos Estados

Unidos, um cyclone de rara violencia, em que os naufragios se contavam aos centos. Nós nem tinhamos dado noticia de tempo duvidoso! E comtudo deviamos ter estado perto da tempestade, que em Boston, n'um edificio notavel— academia de não sei que—tinha levantado ao ar o telhado de ferro, e atirado com elle, de ponta para baixo, em cima de uma casa visinha!

«Em New-York não se deu bem Anthero, e em pouco tempo perdeu as forças novas, que tinha adquirido n'aquella viagem. O seu estomago—que, havia muito tempo, lhe não acceitava senão uma refeição nas vinte e quatro horas—peorou alli. Pouco saíu e nada viu do que desejava ver. Tão pouco vigoroso se ia sentindo, que recusou afinal uma proposta, que a principio lhe agradou muito, que elle tinha procurado, e que parecia ser o seu *desideratum*. A proposta era de um negociante, que tinha importante commercio com o Brasil, e queria que os seus dois filhos—de dez e doze annos—

aprendessem bem portuguez, em casa. Dava o homem dois mil dollars por anno, casa, cama, mesa, e completa liberdade de todo o tempo, que não fosse o das lições aos rapazes.

«Receiou Anthero não ter saude para cumprir o encargo, e recusou.

«A viagem para a Europa foi das mais incommodas e tormentosas, que é possivel imaginar. Logo á saída de New-York tivemos um entalão mestre. Navegavamos para o N., ao longo da costa, e por terra de uns bancos de areia que a prolongam, quando o barometro nos começou a avisar de proxima mudança de tempo. Continuámos, comtudo, a derrota que levavamos, porque viamos muitos navios ao mesmo caminho, e entre elles muitos *costeiros,* e pensámos que estes, como mais praticos d'aquelles mares, nos avisariam, com o seu exemplo, do melhor caminho a seguir. Mas tambem pensámos que essa mesma pratica da costa, que elles tinham, lhes permittiria buscar algum abrigo, que nós não conhecessemos, e

assim, e como o tempo — quasi sol posto — fosse apresentando má cara, escurecendo muito para o S.E., resolvemos aproveitar o vento, que era então N.O. fresco, para passarmos para fóra dos bancos de areia, por uma passagem entre elles, de 15 a 20 braças de fundo.

«Dado o primeiro passo em retirada, o melhor era fugir quanto se podesse, e largarmos quantos trapos tinhamos, correndo em pôpa até á meia noite, pouco mais ou menos, em que o N.O. acabou. Acalmou, para passar ao S.E. com tão subita violencia, que mal nos deu tempo para nos prepararmos para o receber!

«Durou tres dias esta ventania, que variava de E. a S., fixando-se mais tempo em S.E. Fomos caindo para o N.E. durante estes tres dias, isto é para cima dos taes bancos de que tinhamos fugido, e tanto caímos, que, pelo empinar da vaga, nos convencemos, no terceiro dia, de que deviamos estar muito perto d'elles. Certeza da nossa posição não a tinhamos, que

durante tres dias não tinha havido *observação*. É claro que, se nos temos demorado mais uma hora na nossa primeira navegação ao longo da costa, não nos teriamos podido amarar tanto, e tinhamos tido tempo de sobejo então para ter ido dar com os ossos—os do navio e os nossos—nas areias dos taes bancos.

«Quando, ao terceiro dia da tempestade, eu julguei que estavamos em muito maus lençoes, disse-o a Anthero, que me ouviu muito serenamente, e apenas perguntou:

«—Então, se isto continua por mais algum tempo, o que V. julga provavel, não ha meio nenhum de salvação?

«—Creio que não, respondi eu.

«—Pois então, quando V. lhe parecer que isto está *vae, não vae,* mande-me chamar, que eu talvez me resolva a ir ao convez.

«E dito isto, continuou com o Schopenaüer—creio que era este, ao tempo—e a prova de que esta serenidade não era falsa, é que nem então deixou de enjoar! Como sabe, não ha

mareio em passageiros, que ouvem gritar: *Vamos a pique!*

«Foi para lhe dar esta amostra do caracter de Anthero, do seu feitio, que o massei a V. com a minha narrativa do temporal.

«A viagem continuou trabalhosa, e Anthero continuou soffrendo cada vez mais, chegando a um estado de magreza e fraqueza tal, que me convenci que não resistiria por muito tempo. Não sabia o que lhe désse, que o alimentasse um pouco, que tudo quanto se conseguia que elle ingerisse, o lançava immediatamente. Já desesperado, propuz-lhe, e elle complacentemente acceitou, que experimentasse uns banhos frios. Foi dito e feito, servindo de banheira uma pipa desfundada, ao alto, cheia de agua do mar, fria como todos os diabos. Era em novembro, e nós estavamos então ahi por 55° N. Pegaram dois homens n'elle,—e sem grande custo, que o peso era pequeno—e metteram-o, de chofre, na tal pipa, de onde o tiraram em seguida, dando-lhe eu uma forte fric-

ção com toalha grossa, ao mettel-o na cama. Enguliu uma canja, e em cima doce de ginja, que elle appeteceu, e bebeu um copo de vinho.

Enguliu isto, e não o lançou. Estava salva a situação com o remedio brutal. Tomou assim por algum tempo um banho, de dias a dias, seguido por uma refeição qualquer, que o estomago não repulsava, e chegámos ao Porto com cincoenta e dois dias de martyrio, para elle e para todos.

Ahi separámo-nos, e poucas vezes nos vimos depois, e poucas cartas trocámos. Sei que devi sempre a Anthero o favor da sua amizade, e elle tambem soube sempre quanto eu o estimava e respeitava. E aqui tem o que, n'este momento, me occorre sobre aquella minha curta convivencia com Anthero.

. . . . . .

Tambem eu tenho saudades d'aquelles tempos do Algarve. Lembra-se do passeio por mar a Sagres, com o nosso José d'Avellar? Se co-

meço a fallar na mocidade não acabo esta carta, que já vae maior que a legoa da Povoa!

«A sua lettra, muito firme, faz-me suppor que a mão ainda lhe não treme, e se a mão não treme é que ha saude.

«Seu velho amigo do coração

Joaquim Negrão.»

*
* *

Em 1871 Anthero do Quental estava em Lisboa, e mais animado. Os acontecimentos da França, n'aquelle tragico momento, agitavam-lhe o coração. A lucta animava-o e fortalecia-lhe o espirito; o corpo é que era fraco para ella.

Conviviamos muito. Ás quintas feiras jantava em minha casa. Comia pouco mais de que um pintasilgo na sua gaiola; não o atormentava a digestão, que lhe fôra tantas vezes cruel.

O exercicio da palavra, depois do breve jantar, fazia-lhe bem.

Desde que Anthero abjurara o *romantismo*, uma das suas preoccupações constantes era ter mão nas expansões da alma, delicadamente affectiva! A olhos affeitos a sondar o coração humano, trahia-se muitas vezes.

Uma anecdota, que prova a sensibilidade de tal espirito. A irmã mais nova de Anthero do Quental, voltando, com o pae e a mãe, da sua segunda viagem pela Europa, deu a minha irmã, o retrato em duplicado. Um dia, á sobremesa, minha irmã, foi buscar um dos retratos, para que Anthero visse como ficara bem, e como era excellente a photographia tirada em Pariz. Anthero córou, sorrindo-se, com subita e viva alegria. Recordo-me que Alberto Osorio de Vasconcellos — como irmão em minha casa — estava á mesa, e notou o alvoroço de Anthero, que d'essa vez se não lembrou de dissimular, por que estava entre pessoas da maxima intimidade.

Houve mais. Minha irmã collocou o retrato deante de Anthero, que no calor da palestra animada cravava, de vez em onde, os olhos na irmã, com ternura fraterna! Á saída, minha irmã disse-lhe:

—Leve o retrato, Anthero; eu tenho outro egual.

Elle acceitou logo, e muito satisfeito.

Não tinha nascido philosopho, e o philosopho nasce, como o poeta. Todas as philosophias que leu não lhe serviram de nada; se é que não foram nocivas á sua bella compleição de artista superior, enthusiasta e sincero. Para o fortalecerem contra os revezes e miserias da vida, de tão pouco lhe prestaram, que todos tivemos de deplorar o seu desastrado fim!

Esta carta é prova, authentica e inconcussa, que elle luctou, sempre em vão, para dominar-se.

«Villa do Conde, 26 de out., 85.—Meu Pato. —Tinha visto nos jornaes noticia da tua par-

tida para S. Miguel, e fiquei com certo cuidado, receiando que fosse coisa de saude, que te forçasse a essa viagem, e tencionava escrever-te, já por esse motivo, já para te avisar de que tinha enviado para Lisboa um volume dos meus *Sonetos,* que te era offerecido; suppuz que o não tivesses recebido antes da partida. Com a leitura da tua carta fiquei descançado, pois vejo que «trabalhas e caças», o que é signal de saude perfeita. Fez-me impressão o que me dizes a respeito do sentimento melancholico que em ti despertou o passares pelo Ramalho. Avalio por ahi a impressão que em mim me faria, se o tornasse a avistar. Afinal tudo se alue e cae; mas, como disse o poeta «*Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt*»; eu tenho passado a vida a professar theoricamente uma impassibilidade estoica e a desmentil-a constantemente nos meus sentimentos. Afinal talvez os sentimentos tenham mais razão de que a orgulhosa theoria, apesar dos grandes nomes de Zeno e Epicteto. As tristezas humanas são em

si mesmas uma grande escola de philosophia; quem nunca chorou em vão pensará. Tu entendes isto, e por isso foste sempre cá dos meus e do meu peito.

«Teu do coração

Anthero do Quental.»

Anthero do Quental, que levantou em Coimbra a bandeira revolucionaria contra os romanticos, como era um espirito elevadissimo, teve mão depois nos proprios exageros, reprimindo e condemnando os desvarios da reacção. Por exemplo, a lingua, que principiava a ser desfeiteada, respeitou-a elle sempre. Percebeu que quanto houvesse moderno, seguindo todas as correntes, n'uma evolução progressiva, se podia dar dentro d'ella. Logo na infancia a tinha bebido na fonte mais crystalina e abundante, por que fôra discipulo de Castilho, quando o luminoso cego abrira o collegio do *Portico*. Na sua obra capital—os *Sonetos*, se pode ver como

elle a maneja. Se não conhecesse a lingua não tinha feito aquella obra prima. Anthero lia muito os classicos; admirava e respeitava Boileau.

Sabia que

> Auctor, na lingua falho, e em tudo o mais divino,
> Será, por mais que faça, escrevedor mofino.

Depois da morte de Anthero do Quental, em varios jornaes appareceram listas dos homens de lettras, que o trataram de perto; em nenhuma d'ellas vinha o meu nome. Foi meu intimo.

Vou publicar n'estas *Memorias* algumas cartas d'elle, omittindo — emquanto me não morderem, já se vê, — nomes de personagens, que elle castiga desapiedadamente!

As cartas de Anthero são para mim uma viva saudade e uma honra sagrada.

Partindo para S. Miguel, sobre a noticia da morte do pae — creio que em 73, não traz data do anno — escrevia-me:

«S. Miguel, 27 de abril.—Querido amigo. —A precipitação da viagem, ou antes a precipitação com que, por causa da viagem imprevista, tive de fazer muitas coisas em poucos dias, me impediu de te ir dar, como devia, um abraço de despedida. Desculpas, não é assim? Aqui estou agora no meio d'estas afflictas mulheres, afflicto eu como ellas, por ver a pobreza de consolações de que escassamente dispõe a fria intelligencia em face das dôres reaes e irreflectidas. Não sei se me explico bem. Quero dizer que a especie particular de pensamentos, puramente racionaes, que a mim me consolam, ainda desconsolam mais corações que só sentem e não reflexionam. Triste condição da philosophia! ou então triste condição dos sentimentos humanos! Adeus. Minha mãe te envia as suas recommendações e te deseja melhoras.

«Crê sempre na amizade reconhecida do teu do coração

Anthero do Quental.»

Recebendo o meu livro de *Cantos e Satyras*, escrevia-me:

«S. Miguel, 25 de julho, 73.—Não sei por qual circumstancia, não recebi o teu livro e a tua carta, a tempo de ir a resposta no mesmo vapor. Vae n'este; não muito longa, mas o sufficiente para te applaudir com todo o calor do coração e da intelligencia, e applaudir duplamente, como escriptor e como homem. A fingida indignação e o fingido desdem dos tolos maus, dos hypocritas acrimoniosos, dos charlatães de sciencia e virtude, prova o merecimento da obra, porque não se morde no que não tem valor. Zurziste-os d'alto, feriste-os como quem tem direito indisputavel a castigar: e castigos assim não esquecem, doem sempre. Conta com o odio dos miseraveis; mas esse odio nobilita: ai! de quem não o merece! Litterariamente as tuas satyras são um verdadeiro triumpho; vigor, concisão, simplicidade, naturalidade. Tens alli versos, que hão de ficar na lin-

gua, como aconteceu com certos versos de Boileau, de Corneille, de Hugo, que o uso adoptou como proverbios. Sabes muito bem o que penso a respeito do caracter proprio da poesia na sociedade contemporanea: não tenho pois mais a dizer senão que fizeste verdadeira e real poesia, entrando na verdade e na realidade do sentir hodierno. A satyra, assim comprehendida, é a critica na esphera do sentimento; tem a elevação da idéa juntamente com o calor da indignação, é lyrica e didactica ao mesmo tempo, e tem por conseguinte os caracteres proprios da verdadeira poesia: idealidade e realidade.

Se os tolos systematicos, que julgam que a vida e o universo se encerra nas suas formulas ôccas, não percebem isto, tanto peor para elles. Campam de philosophos por que aprenderam a recitar meia duzia de phrases, cuja idéa nunca entenderão, por que não é para... e cuidam que o sentimento vivo das coisas pode ser substituido por uma phraseologia morta e sem alma! Em verdade t'o digo: ninguem hoje faz

tanto mal á Idéa nova como esses, que se nos impõem como apostolos d'ella, charlatães uns, e outros fanaticos de cerebro estreito e coração encorreado! Estão para a Idéa nova, como estavam para o Christianismo aquelles mente-captos exaltados da Thebaida, extravagantes lugubres, que só sabiam, além dos nomes d'um mysticismo idiota, destruir estupidamente as mais bellas coisas da arte egypcia e grega, amaldiçoar o que não comprehendiam, e atirar-se como bestas feras áquella sublime Hypatia, supplicio que seria a deshonra do Christianismo, se a estupidez humana podesse deshonrar o que tem em si um raio da Razão eterna!... A Razão eterna, que está no fundo da sciencia e da philosophia moderna, não será tambem deshonrada por estes novos Pacomios e Hilariões, que pretendem fazer d'ella uma coisa selvatica e abstrusa, uma Thebaida intellectual. Mas será necessario luctar com elles, com a sua horda ladradora e uivadora, até que de tanto ladrar e uivar rebentem e emmudeçam! Extra-

nhas, talvez, o tom indignado d'esta carta. É que tenho aqui lido os jornaes politicos e litterarios, que essa gente escreve, os seus pamphletos e pasquins, cheios de calumniosas inepcias e de baixas provocações a todas as paixões vulgares. E são estes os republicanos, os reformadores, os revolucionarios! A minha fé revolucionaria estremece ante este vilipendio: vejo os vendilhões mercadejando no templo, e não sou senhor de não me indignar. Mas a penna tambem, em dados momentos, se transforma em chicote na minha mão, e quando o momento chegar saberei zurzil-os como merecem. O que te digo é que a revolução, na sua marcha triumphante e luminosa, não precisa d'estes tenebrosos alliados — bichos viscosos, que ella, antes ainda de se atirar aos seus inimigos leaes, calcará no lodo em que fervilham, com um pé calçado d'aço, que elles em vão tentarão morder.

«Adeus. Crê-me teu do coração

Anthero.»

Recebendo *Renan e os sabios da Academia*, Anthero escrevia-me:

«S. Miguel, 25 de maio, 74.—Querido amigo.—Um abraço ao amigo pela sua lembrança, e uma duzia de duzias de abraços ao poeta e ao homem pelos seus bellos e valentes versos, que são, ao mesmo tempo, uma bella e nobre e viril acção. Agora que te lapidem os.... Meu amigo: quando a satyra amassa com o seu fel e a sua colera tanto ideal e tanta elevação moral, a satyra assume o que quer que é de épico, e o poeta satyrico representa, n'uma sociedade gangrenada, uma verdadeira missão religiosa, como representavam nas sociedades castas e nobres da antiguidade os Tyrteus e os Eschylos. A differença é que o ideal de uns ajustava-se e coincidia com a sociedade, e o dos outros se lhe oppõe e a combate. Mas o principio da inspiração é o mesmo—o mais alto principio de inspiração, que a poesia pode ter, o culto austero da belleza moral, da espiritualidade humana.

«As tuas estrophes hão de passar ao futuro entre as poucas coisas verdadeiramente vivas que a poesia portugueza tem produzido, n'esta segunda metade do seculo XIX — e desde já ficam archivadas nos corações generosos, como a expressão d'um protesto collectivo.

«No numero dos que não te applaudem só como *dilettanti,* mas commungam no teu sentimento, está, ha muito, o teu

muito amigo

Anthero do Quental

Accusando a recepção do meu ultimo livro de satyras, intitulado — *Hoje* — eis a derradeira carta, que recebi d'elle:

«Villa do Conde, 14 agosto, 1888.— Meu caro Pato — Já li o teu livro quasi todo. As tuas satyras hão de ficar. Estão cheias de coisas eloquentes, reaes, humanas. Não são só obra

litteraria; são um acto de homem e de cidadão. De futuro, a historia, quando passar por este triste tempo, ha de olhar para ellas. Senti no coração o procedimento deploravel do... Sou amigo d'elle e estimo-o. Aquella sua coisa só a posso explicar por uma aberração singular, uma especie de doença litteraria, que anda no ar, o furor e o fanatismo do que elles chamam o *documento humano,* que lhes faz perder a noção exacta do limite, que separa a litteratura da vida real, e dos deveres rigorosos, que esta impõe áquella. É uma perversão da intelligencia, muito mais que do senso moral, mas de que este acaba tambem por ser contaminado. Em todo o caso, triste, muito triste! Não sei quando te verei. Tenho passado mal todo este anno. Talvez que em oitubro vá passar uns dias a Lisboa. Até lá recebe um abraço do teu

velho amigo

Anthero do Quental.»

«Não sei quando te verei». Dizia elle, coitado! Não tornou a ver-me!

Deito agora mão aos meus apontamentos, para rememorar com exactidão a ultima vez que o vi.

Foi no Porto, a 23 de setembro de 1885. Tinha eu acabado de almoçar, no Grande Hotel, quando recebi a visita do meu velho amigo Oliveira Martins. O eminente escriptor vinha convidar-me para ser seu hospede. Não podia acceitar a affectuosa offerta, por que não me demorava mais de que algumas horas n'aquella cidade. N'essas horas, porém, não queria partir, sem beijar a mão da esposa exemplar do meu excellente amigo.

— Anthero vae ter uma surpresa e um alegrão, vendo-te, disse-me Oliveira Martins.

Saímos juntos. Entrámos n'aquella casa luminosa e serena! Ninguem diria que, na arena politica, o dono d'essa casa andava, em tal momento, n'uma pugna cruel com um vigoroso e temivel adversario: as espadas feriam lume, como os gladios dos luctadores do Circo!

Anthero do Quental, quando ouviu pronunciar o meu nome, levantou-se da mesa do almoço, para me abraçar, n'uma expansão de alegria, rara n'elle! Estava animado; aquella casa era grandemente propicia á sua intelligencia e ao seu honrado e amantissimo coração. Tinha ao pé de si um amigo leal e de grande talento, o trato carinhoso de uma senhora, onde a educação primorosa, reunida á candura da alma, produziam a flor mais suave para dar aroma e encanto ao lar domestico!

Infelizmente não podia demorar-me muito. Não queria, porém, depois de visitar alguns vivos, deixar de bater a umas moradas de marmore, muito frias e silenciosas, com o seu cypreste ao lado, que ha tambem para mim no Porto! Uma d'ellas fica em Agramonte, e habita lá dentro um dos maiores poetas que produziu Portugal, n'este seculo. Quando saimos, disse eu a Anthero:

—Apesar de ter o tempo apertado, vou a Agramonte bater á porta de Guilherme Braga.

Já esta manhã estive no Prado do Repouso. Agramonte e Prado do Repouso, são attrahentes; respiram tal serenidade, que devem dar aprazivel descanço aos que lá dormem!

Entrámos no Campo Santo. Era um formoso dia da quadra mais bella do clima de Portugal.

Nos marmores, simples e elegantes, nas flores, que, apesar do outomno, eram profusas e balsamicas, nos cyprestes que ondulavam, com as copas verdes apontadas ao céo, batiam as torrentes do sol, que brilhava rutilante na esphera crystalina.

Anthero já não tinha os cabellos fulvos da mocidade; a barba, crescida, tomara um tom de oiro pallido, mesclado de alguns fios de prata; a face cançada e esmaecida: os olhos é que conservavam a mesma intensidade de luz penetrante! Na conversação, animada e colorida sempre, não lhe achei o calor de outros tempos. Não me disse que planeava livros novos, nem me fallou em questões sociaes, com o en-

thusiasmo que lhe era habitual, e quando entrámos na politica, em vez das apostrophes indignadas com que costumava lategar os homens e as coisas, apenas soltou algumas phrases, em que era maior o desdem que a ironia.

Não gostei do abatimento d'aquelle pulso! No cerebro vigoroso, de tantas philosophias que o haviam atravessado, nenhuma se firmara, orientando-o definitivamente. As illusões sobre a Revolução triumphante e a Idéa nova, caídas; o coração esfriava: mau symptoma para quem, como elle, vivera sempre da lucta e da excitação do espirito!

Foi por essa epocha que devia ter *sentido* um dos seus soberbos sonetos — e digo *sentido,* por que certos versos *vivem-se* primeiro, e depois, mais para tarde, como inconscientemente, é que se lhes dá fórma. O soneto, profundo no sentimento, e admiravelmente esculpido, é este:

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espirito ennublado!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassivel companheira...

Muitas vezes, é certo, na canceira,
No tedio extremo d'um viver maguado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então, nem conhecia:
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz intima afinal alumiou-me...
Filha do mesmo pae, já sei teu nome,
Morte, irmã co-eterna da minha alma!

Separámo-nos á porta de Agramonte. A serena figura d'aquelle privilegiado talento e amantissimo coração, batida pelo sol, que a tornava como transparente, tinha o que quer que fosse, que fazia lembrar um santo, sorrindo, no seu martyrio, aos desgraçados d'este mundo! Quan-

do lhe apertei a mão branca, emmagrecida e nervosa, senti uma dôr tão aguda no meu peito, que não sei como não rompi chorando! Seria presentimento de que apertava pela ultima vez aquella mão amiga? Quem sabe!

Tenho um singular poder de evocar o passado; resurjo, pela tensão do espirito, as epochas remotas; encaro a physionomia viva, olho e noto os meneios, sinto a voz; n'uma palavra, ás vezes fallo, e respondem-me os que amei e perdi ha muito!

Estou vendo Anthero, á porta do cemiterio, sorrindo-se benevolo e triste! Vejo agora alguma coisa de muito mais triste ainda!... Vejo-o, na ilha de S. Miguel, entrar na casa Férin, comprar o maldito revolver, arma em que nunca havia tocado!—a primeira vez que a empunhou não foi para voltal-a a um inimigo, mas para a disparar em si proprio!—atravessar o Campo de S. Francisco, com passo tardio, aspecto tranquillo, o sorriso pallido, que lhe dava expressão de infinita bondade, soltan-

do, de onde em onde, um anhelito de cansaço. Depois... depois, aquella bocca, que pronunciara o soneto á Virgem, contrahindo-se e golfando a vida, na rala agonisante! aquella formosa cabeça, que na morte devia ser beijada pelos labios immaculados da virtude, despedaçada e ensanguentada!

Que tragedia!

Monte de Caparica, Torre. Fevereiro, 20, 1894.

NOTA

Pag. 5

«Maria Salomé tinha vinte annos, ao entrar em nossa casa.» Quando eu nasci minha mãe estava na força da vida e era robusta. Teve um abcesso nos peitos, e, com grande pesar seu, não poude crear-me.

Pag. 6 e 7

«... Augusto de Belvedere, um portuguez emigrado, que se hospedou muitos mezes em nossa casa.» *O chale de Maria Salomé* foi publicado no jornal *A Arte*. Muito tempo depois recebi, de lettra desconhecida, uma carta. Era de Augusto de Belvedere, que tinha visto o meu artigo e me escrevia, narrando-me alguns passos da sua vida. Tinha tomado aquelle nome para fugir a perseguições, quando se estabeleceu o governo constitucio-

nal. O seu verdadeiro nome era José Vicente de Salles. Fôra pensionado em Roma para estudar pintura por D. João VI, e depois por D. Miguel de Bragança. O pobre velho terminava a extensa carta por estas palavras: «Vivo hoje na cidade de Braga, minha patria nativa, precisando do mais necessario á vida, e com 84 annos.» Um anno depois, passando por Braga, fui visital-o. Estava ainda de boa apparencia, e commoveu-se muito, lembrando-se que me havia retratado, quando eu tinha quatro annos.

El-rei D. Luiz, na sua ultima viagem ao Minho, fallou com elle, e o generoso monarcha, condoído, mandou-lhe dar uma pensão. Belvedere escreveu-me, participando-me que estava tranquillo para o resto dos seus dias. Poucos foram, coitado!

ERRATA

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
105	2	o quer que fos-se.	o que quer que fosse.
176	ultima	um outro	outro
244	4	Um outro	Outro

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Poesias (esgotada) ..... 1 vol.
Versos ..... 1 »
Digressões e novellas ..... 1 »
Canções da tarde (esgotada) ..... 1 »
Cartas dos Açores (idem) ..... 1 »
Flôres agrestes (idem) ..... 1 »
Paizagens ..... 1 »
Cantos e satyras ..... 1 »
Sob os cyprestes ..... 1 »
Portuguezes na India ..... 1 »
Hoje—Satyras, canções e idyllios ..... 1 »
Lazaro consul (esgotada) ..... 1 »
O pavilhão vermelho (idem) ..... 1 »
O Marquez de Salisbury (idem) ..... 1 »
PAQUITA—Poema completo em XVI cantos . 1 »

VERSÕES

Hamlet ..... 1 »
Mercador de Veneza ..... 1 »
Ruy Blas ..... 1 »
Graziella ..... 1 »

A entrar no prelo

Memorias ..... 2.º e 3.º »

Monumentos ineditos publicados pela Academia Real das Sciencias sob a direcção do socio effectivo R. A. de Bulhão Pato

Decada XIII de Antonio Bocarro ..... 2 vol.
Livro das monções ..... 4 »
Cartas de Affonso de Albuquerque ..... 1.º »

No prelo

Cartas de Affonso de Albuquerque ..... 2.º e 3.º »

PQ 9261 B8Z52 t.1

Bulhão Pato, Raymundo Antonio d
Memorias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY